



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ESTER FERREIRA

VOCALIZAÇÃO DOS FONEMAS /l/ E /r/ PÓS-VOCÁLICOS: JARAGUÁ-GOIÁS

GOIÂNIA
2010

ESTER FERREIRA

VOCALIZAÇÃO DOS FONEMAS /l/ E /r/ PÓS-VOCÁLICOS: JARAGUÁ-GOÍÁS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Sueli de Aguiar

Goiânia

2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UF**

F383v Ferreira, Ester.
Vocalização dos fonemas /l/ e/r/ pós-vocálicos
[manuscrito]: Jaraguá-Goiás / Ester Ferreira. - 2010.
217 f. : figs, quads.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Suelí de Aguiar.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras, 2010.
Bibliografia.

1. Linguística histórica – Jaraguá (GO). 2. Vocalização
pós-vocálica. I. Título.

CDU: 81'276.3

Com carinho ao admirável Gerson Cavalcanti pela sua presença iluminadora, tornando-se minha fonte de inspirações e encantamentos; às amigas fraternas Ana Lourdes, Gisélia Brito e Maria Célia por terem me presenteado com as mais valiosas pérolas da amizade; aos meus familiares, de modo especial, aos meus pais, Sebastião e Maria das Graças, e a minha avozinha querida, Maria Cândida, meus verdadeiros baluartes, que sempre me acompanham em suas orações, desejando toda sorte e felicidade em minha trajetória acadêmica e profissional. A vocês, dedico a satisfação da conquista e a certeza que de os sonhos continuam.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A minha inestimável Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Suelí de Aguiar, pessoa querida, carismática e muito admirável, pelos ensinamentos, profissionalismo e solidariedade. Sempre se mostrou uma orientadora dedicada e amiga, perseverante e confiante em minha pesquisa. Nossas interlocuções, suas sugestões e esclarecimentos foram importantíssimos para a concretização deste trabalho. Foi além do seu dever acadêmico, foi amiga e companheira nos momentos de incertezas, angústias e dificuldades. Seu otimismo, suas ponderações e exigências constituíram-se as bases fundamentais para eu acreditar em minhas potencialidades, favorecendo significativamente o processo de realização e consolidação deste trabalho. Sempre me respeitou e defendeu-me quando se fez necessário. A você, professora, meu respeito, gratidão, carinho e um caloroso muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu. (ECLESIASTES, 3, 1).

Agradeço a Deus pelo milagre da vida, pela graça de viver e desfrutar mais esse dia da minha breve existência, para conquistar ascensão na escala acadêmica;

Aos meus pais, por terem me guiado em direção ao caminho da bondade, honestidade e humildade. Sempre me ensinaram os princípios e os valores da vida, como a respeitar o ser humano nas situações mais adversas;

A minha avó, pela grandiosa contribuição em minha educação e formação pessoal. Uma das pessoas que mais admiro nessa vida, um exemplo de pessoa virtuosa, guerreira, solidária e amiga;

Aos meus irmãos, Ana Lídia, Priscilla, César, Saulo e Thiago pelo apoio, incentivo, carinho e companheirismo e, principalmente, pela compreensão e solidariedade. Meu refúgio nos dias de tempestade;

Aos meus cunhados, Divino, Juliano e Maria, pelo apoio e incentivo;

Aos meus sobrinhos, Rennan, Natthan, Syllas, Pabblo, Vithórya, Laura Gabrielly, pela alegria contagiante e nostálgica, meus raios de felicidade;

Aos meus tios, José Divino, Fátima Leal, Antonio Honório, Maria de Jesus, Leontina Ferreira e João Rodrigues, pelo apoio e contribuições durante o curso de mestrado;

Aos meus primos, Leo Tavares, Leidiane Fontes, Leandro Tavares e Isaías Fernandes, por terem me auxiliado durante o trabalho com a pesquisa de campo;

Às professoras Ivani Cândida, Onilza Martins e Thereza Domiciano, pela paciência e dedicação em ensinar-me o exercício da leitura e da escrita durante os anos iniciais do meu contato com o fantástico mundo das letras;

Aos professores e funcionários do Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho (Itaguaru-Go), pela nossa duradoura convivência por cerca de sete anos, os quais me possibilitaram aprendizagem e amizade;

Aos professores e funcionários da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, pelos ensinamentos, experiências compartilhadas e amizade;

À professora Dra. Larissa Cruvinel, minha mestre querida e inestimável, pessoa que admiro muito, por ter despertado em mim o gosto pela Literatura (Brasileira e Infantil), e por incentivar-me a prosseguir com meus estudos na pós-graduação. Grande parte dessa conquista é mérito dela.

À professora Ms. Sirlene Costa, minha orientadora da graduação, pelos ensinamentos, compreensão e amizade, e também por suas valiosas contribuições com meu curso de mestrado;

Aos professores Antonio Oliveira, Ms. Hélio Frank e José Elias pelas valiosas contribuições durante meu percurso acadêmico na graduação e pela amizade;

À professora Ms. Adriana Aparecida Silva, pela contribuição na elaboração e organização das ilustrações cartográficas;

Ao professor Ms. Guido de Oliveira Carvalho, pessoa que tenho muito carinho e admiração, pelo apoio, compreensão, conselhos e amizade;

Às minhas amigas queridas Divina Valim, Lorena Carla, Eliane Aparecida e Iracelma Batistela, amigas da época da graduação, pela nossa amizade sincera e fiel, pelo carinho, companheirismo e respeito;

Aos colegas do Curso de Licenciatura Plena em Letras Modernas (Português/Inglês), Turma de 2008, da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga-GO, pelo companheirismo, solidariedade e amizade;

Às amigas Heliane Rodrigues, Vera Viana, Lucimar da Silva, Valéria de Souza, Heliêne Duarte, Fernanda Custódio, Claudivina Oliveira, minhas companheiras de longas datas, por estarem sempre presentes em minha vida e dispostas a me auxiliar no que for possível;

À Dra. Rosana Melo e Prof. José Divino, pessoas que sempre me aconselharam, apoiaram e incentivaram-me a seguir a carreira acadêmica;

Aos pastores Antônio de Jesus e Rosair Cintra, pelo apoio, conselhos e orientações;

Às senhoras Maria Divina, Abadia (Vó Nega), Otávia Cardoso e familiares, pessoas muito amadas, pelo apoio, carinho, amizade e generosidade;

À família Sá, de modo especial ao senhor Hermano de Sá e à senhora Emília de Sá, pelo apoio, conselhos, incentivo, compreensão e, principalmente, pelas orações.

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Itaguaru (Centro de Saúde, Hospital Municipal, Assistência Social), pela amizade, companheirismo, solidariedade e apoio;

Ao Júnior Bento, Kátia Machado e Fabiano Luiz de Castro, pela contribuição, espontaneidade e apoio durante a realização da pesquisa;

Aos funcionários das Secretarias Municipal de Cultura e da Saúde de Jaraguá pela gentileza e disposição em colaborar com este trabalho;

Aos colaboradores, pessoas imprescindíveis para a realização de nossa pesquisa, pela confiança, por terem aberto as portas de suas casas, pelo tempo dispensado à

pesquisa e por terem compartilhado suas alegrias, dores, experiências, conhecimentos e vivências conosco;

Aos funcionários do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Secretaria de Estado da Educação de Goiás por terem me recebido e acolhido nessa instituição, pela amizade, companheirismo, solidariedade e compreensão; deixo impressos meus agradecimentos à Diretora Luz Marina, à Secretária Marlene Solange e ao Coordenador Pedagógico Henrique Lima;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás pelos ensinamentos e conhecimentos compartilhados;

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, de forma especial, registro meus agradecimentos à coordenadora Prof^a Dr^a Kátia Menezes, ao Bruno Calassa e à Consuelo de Lourdes pela prontidão, agilidade e carisma;

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Israel Trindade, Lisa Valéria, Priscila Lombardi, Karina Cunha, Jussara, Raimunda, Paulo Sérgio, Paulo Henrique, Jonas, Isaac, Áurea Cavalcante, Daniel, Lennie e Orley pela amizade, companheirismo, aprendizagens mútuas e conhecimentos compartilhados;

Às professoras e amigas Doutorandas Gisélia Brito e Maria Célia, e Ms. Sidimar Silva, pelas leituras cuidadosas e atentas deste texto e pelas suas contribuições valiosas no processo de elaboração e consolidação do mesmo;

Aos professores Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva, Dr. Sebastião Elias Milani e Dr. Sinval de Sousa Filho, pela leitura crítica, sugestões e contribuições significativas no processo de consolidação deste texto;

Enfim, registro meus mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas que, na caminhada da vida, tive a honra de conhecer, e que se tornaram presentes maravilhosos para minha vida, contribuindo direta ou indiretamente com minha formação pessoal, profissional e acadêmica; pois esta conquista é urdida com fios coloridos e reluzentes de gestos nobres e humanos, como a bondade, o otimismo, o incentivo, a garra, a solidariedade, o respeito, a compreensão.

O TRIÂNGULO DA VIDA

CORA CORALINA¹

Minha bisavó não falava errado, falava no antigo,
ficou agarrada às raízes e desusos da linguagem
e eu assimilei o seu modo de falar.

Ela jamais pronunciou “metro”, sempre “côvado” ou “vara”.

Nunca disse “travessa” e sim “terrina”, rasa ou funda que fosse,
nunca dizia “bem vestido”, falava – “janota” e “fama” era “galarim”.

Sobraram na fala goiana algumas expressões africanas, como Inhô, Inhá,
Inhora, Sus Cristo. Muito longe da currutela dos negros
que seus descendentes vão corrigindo através de gerações.

Nada tão real como a apóstrofe do gênesis:

“Tu és pó e ao pó retornarás”.

O homem foi feito do barro da terra.

Sim, ele foi feito de todos os elementos que formaram a terra,
que contêm a vida e de onde, na desintegração da morte, volta
para o Universal. E a vida não sendo senão resultante
do meio magnético que compõe o cosmos.

Um dia, curto circuito e a sensação de esmorecimento e de decadência,
a quebra do ritmo vital,
a paralisação total.

O meio físico é todo magnético

e somos acionados por esta corrente fluídica e contínua.

O que dá vida à semente, aquilo que vulgarmente diz o coração
e que a genética determina germe vital, onde se concentra a força magnética
que em contato com o magnetismo da terra, água e ar,
faz milagre da germinação, a súplica da própria vida acionada
pelo poder criador que é a presença invisível de Deus.

Tudo o que somos usuários vem da terra e volta para a terra.

Terra, água e ar. O triângulo da vida.

¹ Pseudônimo de Ana Lins Guimarães Peixoto Bretas (1889, Cidade de Goiás-GO – 1985, Goiânia-GO) foi uma poetisa e contista brasileira, uma das principais vozes da literatura goiana; produziu uma obra literária rica em motivos do cotidiano brasileiro, particularmente dos becos e ruas históricas da Cidade de Goiás; publicou o seu primeiro livro aos 76 anos de idade. Este poema *O triângulo da vida* foi retirado do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 12ª edição, Editora Global, 1986, p. 77.

RESUMO

A presente pesquisa caracteriza-se por ser um estudo investigatório de natureza descritiva, comparativa e interpretativa sob os auspícios da Linguística Histórica. Este estudo apresenta a análise da vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos na comunidade de fala de Jaraguá, localizada na região Centro-Oeste do Estado de Goiás, Brasil. Nesse processo de vocalização, o /l/ é substituído por [y] e o /r/, cuja variante analisada é [r̥], por [y] e [w], criando ditongos decrescentes (vogal + semivogal). A vocalização ocorre em sílabas CVC e VC, no interior de palavras em posição pós-vocálica, por exemplo, *salgada* > *saygada*, *alma* > *ayma*, *garfo* > *gayfu* ~ *gawfu*; em final de palavras predominam os processos de apagamento ou de ressilabação, como em *enxoval* > *inxovali* ~ *inxová*, *cobertor* > *cubeytori* ~ *cubeytô*. O grupo de amostra é constituído por 17 falantes (homens e mulheres), acima de 65 anos de idade, nascidos nas proximidades do município, ou com mais de 50 anos de residência na localidade, com pouco ou nenhum nível de letramento. Empregou-se a técnica de coleta de dados baseada nos pressupostos metodológicos da Etnografia, adotando a entrevista semi-estruturada. Os temas das entrevistas foram direcionados às narrativas e diálogos sobre família, infância, migrações, atividades religiosas, culturais, profissionais e, principalmente, sobre a história e o surgimento do lugar. O foco deste trabalho é fundamentalmente fonológico, portanto são utilizadas as terminologias dessa área da Linguística. A fundamentação teórica apresenta as principais teorias e métodos da Linguística Histórica a partir das perspectivas de Paixão de Sousa (2005-2009), Silva (1973), Coutinho (1975), Campbell (2004), Maurer Jr. (1951), Faraco (2005), Callou e Leite (1993) e Ladefoged e Maddieson (1996). A discussão e apresentação da Língua Portuguesa do Brasil e do seu sistema estrutural encontram-se baseadas em teóricos como Ilari (1990), Ilari e Basso (2006), Mattos e Silva (2004), Camara Jr. ([1970] 2008a – [1953] 2008b), Amaral (1976), Jakobson (1967) e outros. Teoricamente, o processo da vocalização pós-vocálica é mostrado e discutido nas perspectivas de Camara Jr. ([1953] 2008a – [1970] 2008b), Coutinho (1975), Elia (1979), Silva (2008), Melo (1981), Moura (1993), Vieira (1983), Silva Neto (1988) dentre outros. Diante desses postulados teóricos e metodológicos, são considerados, na análise dos dados, os critérios diacrônicos e sincrônicos da vocalização pós-vocálica, na perspectiva intralinguística. Do ponto de vista diacrônico são observadas as evoluções do Latim ao Português; e do ponto de vista sincrônico, as ocorrências da fala da comunidade de Jaraguá, comparando-as com estudos recentes de outras regiões do país.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Vocalização Pós-vocálica; Jaraguá-Goiás.

ABSTRACT

This research is an investigative study of a descriptive, comparative and interpretive nature under the auspices of the Historical Linguistics. This study presents the analysis of the vocalization of postvocalic /l/ and /r/ in speech community of Jaraguá, located in the midwest of Goiás, Brazil. In the process of vocalization, the /l/ is replaced by [y] and /r/, whose analyzed variant is [ɾ], with [y] and [w], providing falling diphthongs (vowel + semivowel). The postvocalic vocalization occurs in CVC and CV syllables within words, for example, *salgada* > *saygada*, *alma* > *ayma*, *garfo* > *gayfu* ~ *gawfu*; at the end of words the process of erasure or resyllabication predominated, as in *enxoval* > *inxovali* ~ *inxová*, *cobertor* > *cubeytori* ~ *cubeytô*. The sample group consists of 17 speakers (male and female) above 65 years old, born near the town, or people that have lived for more than 50 years in the place, with little or no level of literacy. We applied the technique of data collection based on the methodological assumptions of Ethnography, adopting a semi-structured interview. The themes of the interviews were directed to narratives and dialogues about family, childhood, migration, religious, cultural and professional activities, and especially about history and the beginning of the locality. The focus is primarily phonological, so it is used the terminology of this area of Linguistics. The theoretical section presents the main theories and methods of Historical Linguistics from the perspectives of Paixão de Sousa (2005-2009), Silva (1973), Coutinho (1975), Campbell (2004), Maurer Jr. (1951), Faraco (2005), Callou e Leite (1993) and Ladefoged e Maddieson (1996). The discussion and presentation of the Brazilian Portuguese Language and its structural system is based on theorists such as Ilari (1990), Ilari e Basso (2006), Mattos e Silva (2004), Camara Jr. ([1970] 2008a - [1953] 2008b), Amaral (1976), Jakobson (1967) and others. Theoretically, the process of postvocalic vocalization is shown and discussed on the perspectives by Camara Jr. ([1953] 2008a - [1970] 2008b), Coutinho (1975), Elia (1979), Silva (2008), Melo (1981), Moura (1993), Vieira (1983), Silva Neto (1988) among others. Given these theoretical and methodological assumptions, it is considered, in the analysis of data, the synchronic and diachronic criteria of postvocalic vocalization, in the intralinguistic perspective. In a diachronic point of view, we observe the evolution from Latin to Portuguese, and from the synchronic point of view, the occurrences of the speech community of Jaraguá, comparing them to recent studies from other regions of the country.

Key-words: Historical Linguistics; Postvocalic vocalization; Jaraguá-Goiás.

NOTAS INFORMATIVAS

1. Os dados encontram-se representados de três formas: representação fonográfica, representação fonética e representação ortográfica, conforme mostram os exemplos no quadro que se segue:

Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cayguêru	[kɛy ¹ ʒe:ɾu]	cargueiro
maymita	[mɔy ¹ mi:tə] ~ [mã ¹ y ¹ mi:tə]	marmita
aygodão	[ɛyɣo ¹ dã:w]	algodão

Na representação fonográfica, tentamos manter a originalidade dos dados, transcrevendo-os da forma mais real possível para nós. Por adotarmos a proposta de Camara Júnior (1970 [2008]), a vocalização pós-vocálica do /r/ em [y] e [w] e do /l/ em [y] é representada por [y] e [w], respectivamente.

Na representação fonética, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, modelo IPA Phon;

Na representação ortográfica, obedecemos às normatizações vigentes da Ortografia Oficial do Português Brasileiro.

2. Os fragmentos das falas são transcritos fonográfica e ortograficamente.
3. Na organização dos dados, a ordem dos fonemas obedece ao quadro dos fonemas consonantais do Português Brasileiro, na posição vertical.
4. Nos quadros, os dados encontram-se em ordem alfabética.
5. Optamos por representar os nomes de línguas em letra inicial maiúscula.

LISTA DE ABREVIATURAS

LH – Linguística Histórica

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

AIF - Associação Internacional de Fonética

C – consoante

V – Vogal

v - Semivogal

CV – consoante + Vogal

VC – Vogal + consoante

CVC – consoante + Vogal + consoante

PVB – Português Vernacular Brasileiro

PFB – Português Falado do Brasil

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

MG – Minas Gerais

BA – Bahia

SP – São Paulo

GO – Goiás

MA – Maranhão

C – Colaborador(a)

LISTA DE SÍMBOLOS CONVENCIONAIS E DIACRÍTICOS

I - Símbolos fonéticos usados na transcrição dos dados

Para a descrição dos fonemas que caracterizam a comunidade de fala de Jaraguá, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional–AFI, modelo IPAphon disponível no programa *Speech Analyzer* e *Speech Manager*, baixado do portal do *Summer Institute of Linguistics*.

- **Fonemas vocálicos**

1. anterior alto
 - /i/ [i] oral
 - [i̥] oral reduzido
 - [ĩ] nasalizado
2. anterior médio-alto
 - /e/ [e] fechado oral
 - [ẽ] nasalizado
3. anterior médio-baixo
 - /ɛ/ [ɛ] aberto oral
4. central
 - /a/ [a] baixo oral
 - [ə] médio oral
 - [ã] médio nasalizado
 - [ɐ] baixo oral reduzido
5. posterior alto
 - /u/ [u] oral
 - [ũ] nasalizado
 - [ʊ] oral reduzido
6. posterior médio-alto
 - /o/ [o] fechado oral
 - [õ] nasalizado
7. posterior médio-baixo
 - /ɔ/ [ɔ] aberto oral
8. posterior baixo
 - /ɑ/ [ɑ] aberto oral

- **fonemas consonantais**

1. oclusivos

/p/	[p]	bilabial surdo
/b/	[b]	bilabial sonoro
/t/	[t]	dental surdo
	[tʃ]	africado surdo
/d/	[d]	dental sonoro
	[dʃ]	africado sonoro
/k/	[k]	velar surdo diante do fonema /a/
	[ç]	palatal surdo diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[q]	uvular surdo diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/
/g/	[g]	velar sonoro diante do fonema /a/
	[ʒ]	palatal sonoro diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[ɣ]	uvular sonoro diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/

2. fricativos

/f/	[f]	labiodental surdo
/v/	[v]	labiodental sonoro
/x/	[x]	velar surdo diante do fonema /a/
	[ç]	palatal surdo diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[χ]	uvular surdo diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/
	[h]	glotal surdo
/s/	[s]	alveolar surdo
/z/	[z]	alveolar sonoro
/ʃ/	[ʃ]	alveopalatal surdo
/ʒ/	[ʒ]	alveopalatal sonoro

3. nasais

/m/	[m]	bilabial sonoro
/n/	[n]	dental sonoro
	[ɲ]	palatal sonora
	[ŋ]	velar sonora

4. lateral

/l/	[l]	alveolar aproximante sonoro
	[ɬ]	alveolar fricativo surdo
	[ʎ]	palatal aproximante sonoro

5. vibrante

/r/	[r]	alveolar sonoro
	[ɾ]	retroflexo flepe sonoro
	[ɹ]	retroflexo aproximante
	[ɻ]	alveolar lateral flepe

6. semivocálicos

/w/	[w]	velar sonoro
/y/	[y]	palatal sonoro

II - Sinais diacríticos

:	alongamento
∅	casa vazia
~	nasalização
>	torna-se
<	provém de
//	transcrição fonológica
[]	transcrição Fonética
*	forma hipotética
j	palatalizada
ˈ	tonicidade na sílaba seguinte

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa da localização de Jaraguá	32
Figura 02: Árvore do Indo-Europeu.....	43
Figura 03: A teoria das ondas.....	45
Figura 04: Esquema silábico da Teoria Estruturalista.....	81
Figura 05: Esquema silábico da Teoria Métrica.....	82
Figura 06: Processo de vocalização do /r/ em [y] em sílaba CVC, em posição de coda.....	83
Figura 07: Processo de vocalização do /r/ em [y] em sílaba VC, em posição de coda.....	83
Figura 08: Processo de ressilabação.....	84
Figura 09: Processo de apagamento.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Alguns conjuntos de cognatos no Romance.....	42
Quadro 02: Exemplos de Latinização Tardia nos romances ocidentais	46
Quadro 03: Relação dos colaboradores desta pesquisa	55
Quadro 04: Fonemas vocálicos do Português.....	69
Quadro 05: Fonemas consonantais do Português	72
Quadro 06: Matriz fonológica dos fonemas consonantais do Português.....	77
Quadro 07: Matriz Fonológica	77
Quadro 08: Matriz fonológica dos fonemas líquidos.....	78
Quadro 09: Matriz fonológica dos fonemas semivocálicos.....	78
Quadro 10: Matriz fonológica dos traços em comum dos fonemas líquidos e semivocálicos.....	79
Quadro 11: Matriz fonológica do traço não-funcional dos fonemas semivocálicos...	79
Quadro 12: Vocalização em sílabas tônicas e átonas	86
Quadro 13: Metaplasmos por permuta	88
Quadro 14: Metaplasmos por aumento	89
Quadro 15: Metaplasmos por subtração	89
Quadro 16: Metaplasmos por transposição	89
Quadro 17: Vocalização do Latim ao Português	93
Quadro 18: Processo de ressilabação.....	95
Quadro 19: Vocalização do /l/ em [y].....	96
Quadro 20: Vocalização do [ɾ] em [y].....	97
Quadro 21: Vocalização do [ɾ] em [w]	97
Quadro 22: Vocalização do /l/ > [y] antes de /m/	99
Quadro 23: Vocalização do /l/ > [y] antes de /d/	99
Quadro 24: Vocalização do /l/ > [y] antes de /g/.....	100
Quadro 25: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /b/	101
Quadro 26: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /m/.....	101
Quadro 27: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /v/	102
Quadro 28: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /d/.....	103
Quadro 29: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /n/	104

Quadro 30: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /z/	105
Quadro 31: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /g/	105
Quadro 32: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /m/	106
Quadro 33: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /v/	107
Quadro 34: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /d/	107
Quadro 35: Vocalização do /l/ > [y] antes de /t/	108
Quadro 36: Vocalização do /l/ > [y] antes de /s/	109
Quadro 37: Vocalização do /l/ > [y] antes de /k/	109
Quadro 38: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /p/	110
Quadro 39: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /f/	110
Quadro 40: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /t/	111
Quadro 41: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /s/	112
Quadro 42: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /k/	113
Quadro 43: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /f/	114
Quadro 44: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /t/	115
Quadro 45: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /k/	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1: COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA	27
1.1 Uma breve reflexão sobre comunidade de fala.....	27
1.2 Recorte histórico do Estado de Goiás.....	29
1.3 Localização e características geográficas de Jaraguá.....	31
1.4 Aspectos históricos	33
1.5 Principais manifestações culturais	36
CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
2.1 Fundamentação teórica	39
2.1.1 Linguística Histórica	40
2.1.2 Método histórico-comparativo	42
2.1.3 Alfabeto Fonético Internacional.....	47
2.2 Pesquisa de campo.....	50
2.2.1 Acesso à comunidade de fala	50
2.2.2 Os colaboradores	51
2.2.3 As entrevistas.....	52
2.2.4 Constituição do <i>corpus</i> linguístico.....	54
2.2.5 Algumas características da fala da comunidade pesquisada.....	57
2.2.5.1 Vocalização do /l/ e /r/ pós-vocálicos no interior de palavras	57
2.2.5.2 Vocalização intervocálica da lateral palatal sonora /ʎ/.....	58
2.2.5.3 Reestruturação silábica: paragoge e apócope	58
2.2.5.4 Queda de fonemas no interior de palavras (síncope)	59
2.2.5.5 Queda de fonema no início de palavra (aférese)	60
2.2.5.6 Conversão de uma vogal oral em nasal (nasalização).....	61
2.2.5.7 Assimilação de fonemas vocálicos (monotongação).....	61
2.2.5.8 Acréscimo de fonema no interior da palavra (epêntese)	62
2.2.5.9 Acréscimo de fonema no início da palavra (prótese)	63
CAPÍTULO 3: LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL	65
3.1 Origem e formação do Português Brasileiro	65
3.2 Elementos Estruturais do Português.....	69
3.2.1 Fonemas vocálicos	69
3.2.1.1 Vogal assilábica	70
3.2.2 Fonemas consonantais	71
3.2.2.1 Alofones do /r/ pós-vocálico	73
3.2.2.2 Alofones do /l/ pós-vocálico.....	75
3.3 Traços distintivos e classes naturais	76
3.4 O conceito de sílaba em fonologia	80
3.4.1 Sílaba na perspectiva da Fonologia Estruturalista e Métrica.....	81
3.4.2 Estrutura silábica do Português	85
3.4.3 Sílaba tônica e átona	85
3.5 Processos fonológicos	86

CAPÍTULO 4: O PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO PÓS-VOCÁLICA	91
4.1 Aspectos diacrônicos e sincrônicos da vocalização pós-vocálica	92
4.2 Variantes linguísticas e o processo de vocalização	98
4.2.1 Vocalização antes dos fonemas sonoros	98
4.2.1.1 Vocalização do /l/ > [y]	98
4.2.1.2 Vocalização do [r] > [y]	101
4.2.1.3 Vocalização do [r] > [w]	106
4.2.2 Vocalização antes dos fonemas surdos	108
4.2.2.1 Vocalização do /l/ > [y]	108
4.2.2.2 Vocalização do [r] > [y]	110
4.2.2.3 Vocalização do [r] > [w]	114
4.3 Reflexões sobre a vocalização pós-vocálica: ambientes fonológicos precedentes e posteriores	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	131
APENDICE A: FICHA PARA REGISTRO DE DADOS PESSOAIS DO (A) COLABORADOR (A)	132
APENDICE B: REALIZAÇÕES DOS FONEMAS /l/ E /r/	133
APENDICE C: O INVENTÁRIO LEXICAL DA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA: JARAGUÁ-GOIÁS	143
APENDICE D: UNIDADES FRASEOLÓGICAS E CULTURAIS	163
APENDICE E: FOTOGRAFIAS	174
ANEXOS	205
ANEXO A: MAPAS	205
ANEXO B: FOTOGRAFIAS	207

INTRODUÇÃO

A língua é a armadura da mente humana, que contém simultaneamente os troféus do passado e as armas de futuras conquistas. (COLERIDGE APUD CAMPBELL, 2004).

No prefácio do livro *África no Brasil – a formação da Língua Portuguesa*, os linguistas Fiorin e Petter revelam um sentido de respeito pelas comunidades pesquisadas, pela sua língua (modo de falar) e pela sua cultura, que são cristalizações de seus modos de ver, interpretar e compreender o mundo em que vivem, o que está diretamente em sintonia com nossas crenças, aspirações e princípios éticos.

O presente trabalho, intitulado *Vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos: Jaraguá-Goiás*, integra-se ao projeto *A Linguística Histórica em Goiás, Maranhão, Tocantins e Minas Gerais* que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Goiás desde o ano 1999. Esse projeto que tem como idealizadora e coordenadora a professora Dr^a Maria Sueli de Aguiar, inicialmente integrava somente o Estado de Goiás; posteriormente estendeu-se aos estados do Maranhão, Tocantins e Minas Gerais. Podemos dizer que o citado projeto nasceu no coração de um grupo de pesquisadores que, assim como outros, não acredita em superioridades e inferioridades de línguas e culturas, mas somente em diferenças (FERREIRA E AGUIAR, 2009).

Em outras palavras, são diferentes visões de conviver, de modo a prevenir discriminações, ressentimentos e, em pontos mais extremos, a intolerância, principalmente, linguística. Dessa forma, os integrantes desse grupo acreditam ainda que o estudo da Língua Portuguesa do Brasil estabelece relações diretas com diferentes povos e culturas e, de modo específico, de períodos históricos e de fatores intralinguísticos e extralinguísticos que contribuíram para a formação e consolidação da nossa língua, principalmente dos estágios de mudanças fonéticas e fonológicas, o que se torna fundamental para a compreensão do Português falado nas diversas regiões do Brasil nos dias atuais.

Convém assinalar que, neste estudo, focalizamos os fatores inerentes à estrutura interna da língua, isto é, os fatores intralinguísticos. Não desconsideramos a possibilidade de interferências de fatores extralinguísticos no processo de

mudanças das línguas; entretanto essa abordagem prioriza os fatores de ordem interna.

A língua é considerada um instrumento vivo e dinâmico que se move pelo tempo e pelo espaço num ritmo que lhe é próprio, ao passo que a linguagem oral se constitui em uma herança histórica, cultural e social de seus falantes. Porém, é na fala, forma real da língua, que o pensamento se realiza. Saussure (1977, p. 21) define fala como um ato individual de vontade e inteligência, ou seja, a fala constitui-se de combinações que permitem que o falante realize o código da língua com o propósito de exprimir seu pensamento individual e de um mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. Nesse sentido, Fiorin e Peter (2008) utilizam uma metáfora para ilustrar que o pensamento reside no coração, transita pela cabeça e é reproduzido na fala.

Em virtude de todo organismo vivo apresentar constantes evoluções, a língua falada encontra-se em processo contínuo de mudanças. As mudanças linguísticas constituem-se o foco central da Linguística Histórica, ciência encarregada de estudar o passado das línguas, as línguas do passado e também de reconstruir as famílias linguísticas.

A família de línguas mais estudada e conhecida, na tradição dos estudos históricos, é o Indo-Europeu, tronco linguístico das línguas originadas do Latim, como é o caso do Português, Italiano, Francês, Espanhol e outras. O interesse pelo estudo do Indo-Europeu surgiu a partir da descoberta do Sânscrito, língua sagrada da Índia na qual havia vários documentos escritos; e da verificação de sua semelhança com o Latim, o Grego Clássico, o Persa e o Gótico, por William Jones em 1786².

Campbell (2004), um dos maiores estudiosos de Linguística Histórica, da metodologia dessa ciência e de línguas ameríndias (famílias maia e uto-asteca), aponta que são vários os motivos que fascinam os linguistas históricos ao estudo das mudanças das línguas, e conseqüentemente estão inclusos nesses motivos o prazer, a emoção e a sedução intelectuais. Segundo o autor, esses são alguns dos principais tópicos dessa ciência linguística que contribuem, sobremaneira, para a elaboração da teoria linguística, suas subáreas e também para interpretação e compreensão da natureza humana. Através dos estudos de natureza histórica, os

² Disponível em: www.usp.com/linguistichistorica/algunspersonagensimportantes/filologia <Acesso em 05/07/2010 às 23h17min >

linguistas podem contribuir significativamente para a compreensão da Gramática Universal, Tipologia Linguística e Cognição Humana em geral.

Muitas vezes, a mudança linguística é vista como corrupção, decadência, degeneração da forma original de uma língua, e mesmo como *preguiça* e *relaxamento* de seus falantes, evidenciando uma ameaça para a educação e integridade de uma nação; no entanto, aos olhos dos linguistas históricos, essas mudanças são concebidas como sinal de vitalidade, naturalidade, espontaneidade e, até mesmo, de encantamento e fascínio, tendo em vista que o processo de mudanças representa exatamente um fato de vida. (CAMPBELL, 2004). Além disso, todas as línguas mudam o tempo todo e as mudanças são inevitáveis nas línguas vivas.

Feitos esses apontamentos preliminares, apresentamos a seguir o trabalho desenvolvido neste estudo. Devido à natureza e aos critérios propostos pelo projeto que abrange este trabalho, há um diálogo com outras áreas do conhecimento, dentre elas, a Geografia e a História, com que visamos contextualizar nesses dois aspectos a comunidade de fala pesquisada.

Os dados analisados foram retirados do *corpus* linguístico coletado em Jaraguá, Estado de Goiás – Brasil, entre 2008 e 2009. Didaticamente, após fazermos o levantamento das mudanças linguísticas, no aspecto fonológico, encontradas no *corpus*, tabulamos os dados de acordo com a classificação dos processos fonológicos feita por Coutinho (1975). Adotamos a pesquisa semi-estruturada, isto é, a partir do material linguístico coletado é que selecionamos os dados e desenvolvemos as análises. (SERRANO, 1994).

Durante o trabalho de levantamento, classificação, descrição e transcrição dos dados linguísticos, encontramos características fonéticas comuns do Português Vernacular do Brasil, como a síncope, a monotongação, a nasalação e muitas outras. No entanto, a ocorrência que mais despertou nosso interesse foi a vocalização pós-vocálica dos fonemas lateral /l/ e vibrante /r/ em /i/ ~ [y], em sílabas CVC (consoante, vogal e consoante) e VC (vogal e consoante), no interior de palavras, isto é, em sílabas iniciais e mediais.

Em final de palavras, em sílabas finais, não houve ocorrência desse tipo de vocalização. Nesse caso, ocorrem os processos de ressilabação (paragoge) em palavras constituídas por uma ou mais sílabas e apagamento (apócope) em

palavras constituídas por duas ou mais sílabas. Não dispomos de pesquisas suficientes para apontar em quais contextos linguísticos ocorre um ou outro fenômeno, sendo que, em alguns casos, registramos as duas ocorrências na fala de um mesmo colaborador (falante). O que está evidente é que em palavras monossílabas como *sol* > *solí*, *bar* > *bari*, *mel* > *meli* não há casos de apagamento, mas somente de ressilabação. A propósito, adotamos o termo palavra³ definido pela Linguística Estrutural Norte-americana, como unidade mínima ou forma livre mínima provida de som e significado que pode por si mesma construir enunciado. Neste estudo, não analisamos contextos de palavra fonológica ou regra de sândi.

A vocalização pós-vocálica do /l/ em /w/ é muito frequente no Português Brasileiro, sendo considerada pelos estudiosos um processo quase categórico da nossa língua, ao passo que a vocalização do /r/ em [y] é menos recorrente e raramente citada (não analisada) em trabalhos que consultamos como suporte teórico. Nessa perspectiva, a ocorrência de vocalização de /l/ e /r/ em em nossos dados apresenta peculiaridades significativas e interessantes para o estudo do Português Vernacular do Brasil. Cabe ressaltar que os fonemas /l/ e /r/, em posição pós-vocálica, no ambiente silábico já mencionado, vocalizam-se em [y]. Em alguns casos temos ocorrências em que o /r/ se vocaliza em [w], mas não encontramos casos de que o /l/ se realiza como [w], como é previsível em várias regiões brasileiras.

A partir dessas observações formulamos os seguintes questionamentos: 1) O fator tonicidade interfere nesse processo de vocalização? 2) Há interferência dos fonemas vocálicos? 3) Os fonemas consonantais surdos e sonoros exercem alguma influência? 4) Há interferência do ambiente fonológico precedente e posterior? 5) Por que esse tipo de vocalização só ocorre no interior de palavras? 6) Por que o /r/ se vocaliza em [w] em algumas palavras e não em outras? 7) Qual o fator fonológico que restringe e qual favorece essa ocorrência? 8) A vocalização pós-vocálica é uma herança latina? 9) A vocalização pós-vocálica está relacionada com traços articulatórios semelhantes desses fonemas?

³ Conjunto de sons articulados de uma ou mais sílabas, com uma significação. Considerada em seu aspecto material e ortográfico, tem por sinônimo vocábulo; quanto à significação, termo; vocábulo representado graficamente (MICHAELLIS, VERSÃO ELETRÔNICA).

Com base em nossos questionamentos e também nos critérios teóricos e metodológicos da área linguística que ora nos guiam, organizamos este estudo em quatro capítulos. No capítulo 1, *Comunidade de fala pesquisada*, definimos, conforme abordagens de teóricos de áreas linguísticas diferentes, o que se entende por comunidade de fala (subseção 1.1). Em seguida, apresentamos informações acerca de Jaraguá, tais como fatos históricos do Estado de Goiás (subseção 1.2); localização e características geográficas (subseção 1.3); informações históricas (subseção 1.4); as principais manifestações culturais são relatadas na subseção 1.5.

No capítulo 2, *Procedimentos metodológicos*, fazemos uma exposição da fundamentação teórica e da pesquisa de campo que nortearam este estudo. Assim, a Linguística Histórica é apresentada na subseção 2.1.1; O Método histórico comparativo, na subseção 2.1.2 e o Alfabeto Fonético Internacional, juntamente com as letras, é apresentado na subseção 2.1.3. Em relação à pesquisa de campo, mostramos os elementos e procedimentos adotados para a constituição do *corpus* linguístico utilizado neste trabalho. Primeiramente, discorremos sobre o acesso à comunidade de fala (subseção 2.2.1). Em seguida, apresentamos a relação dos colaboradores (subseção 2.2.2), as entrevistas (subseção 2.2.3), a constituição do *corpus* linguístico (subseção 2.2.4) e, na subseção 2.2.5, mostramos alguns aspectos fonéticos (processos fonéticos e fonológicos) da fala da comunidade pesquisada.

Apresentamos no capítulo 3, *A Língua Portuguesa do Brasil*, alguns apontamentos acerca da história e da formação do Português Brasileiro (subseção 3.1). As subseções seguintes são destinadas ao estudo dos fonemas vocálicos (3.2.1), dos fonemas consonantais (3.2.2), das características dos traços distintivos e do conceito de classe natural (3.3), do conceito de sílaba em Fonologia, a estrutura silábica do Português e as principais teorias da sílaba (3.4) e dos processos fonológicos (3.5).

No capítulo 4, *O processo da vocalização pós-vocálica*, conceituamos o processo da vocalização pós-vocálica, com abordagens relacionadas aos aspectos diacrônicos e sincrônicos. Listamos alguns dados em que há ocorrências de vocalização na passagem do Latim ao Português, apontando os principais grupos em que houve a vocalização pós-vocálica e comparamos com as encontradas no *corpus* linguístico de Jaraguá (subseção 4.1). Também nesse capítulo,

descrevemos, classificamos e analisamos os dados, tendo em vista o ambiente fonológico. Consideramos as variantes linguísticas, tais como fonemas vocálicos precedentes, fonemas surdos e sonoros precedentes e fonemas surdos e sonoros posteriores (subseção 4.2). Visando uma melhor disposição, organizamos os dados considerando o ambiente fonológico posterior. Para isso, dividimos a subseção em duas: na primeira (4.2.1), são disponibilizadas todas as ocorrências antes dos fonemas sonoros; na segunda (4.2.2), as ocorrências antes dos fonemas surdos. Na subseção 4.3, apresentamos reflexões e interpretações acerca do fenômeno analisado.

Nas *Considerações Finais*, retomamos a discussão a respeito do tema analisado, apresentamos nossas interpretações e contribuições ao estudo do Português Vernacular do Brasil. Nas referências, listamos os autores e *sites* consultados que deram suporte teórico e metodológico para o desenvolvimento e consolidação deste estudo.

Para finalizar, disponibilizamos, na seção *Apêndices*, uma lista com as realizações e não-realizações dos fonemas /l/ e /ɾ/ e suas variantes, pós-vocálicos no interior e no final de palavras na comunidade de fala pesquisada e também o estudo de alguns itens e expressões lexicais contextualizadas nas abordagens semântica, histórica e etimológica. E na seção *Anexos*, disponibilizamos cópias de fotografias de períodos históricos de Jaraguá e também de eventos. Feitos esses direcionamentos introdutórios, apresentamos a seguir, o primeiro capítulo, o qual tem por objetivo situar geográfica e historicamente a comunidade de fala pesquisada neste estudo.

CAPÍTULO 1

COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA

A linguagem empregada entre membros de uma determinada comunidade ou grupo é viva e dinâmica; ela carrega os sentimentos, as crenças, os costumes, as tradições, os conhecimentos e desenvolve a imaginação. Nenhuma outra forma de falar é mais apropriada para expressar as grandes e fortes emoções dessas pessoas. Essa linguagem permite que seus falantes se expressem, poetizem e sonhem. (DESLOGES, 1779 APUD SOUZA, 2003, p.336).

Neste capítulo, faremos, inicialmente, uma breve reflexão sobre o que se entende por comunidade de fala, a partir de conceituações de diferentes autores, tais como Wardhaugh (2006), Eckert e McConnel-Ginet (1998 apud Wardhaugh, 2006)⁴, Romaine (1994 apud Monteiro, 2000)⁵, Marcos (1993 apud Monteiro, 2000), Spolsky (2004) e Bortoni-Ricardo (2005). Em seguida, apresentamos informações acerca da localização e das respectivas características geográficas do município de Jaraguá. Os aspectos históricos são relatados com os subsídios baseados em autores como Palacin (1992), Moraes e Palacin (1994), Castro (1998), Duarte (1999), Fonseca (2002), Fonseca (1999), Romancheli (2008), Ferreira e Aguiar (2009), Pedroso (2008), Canesin e Silva (1983), Souza e Ricardo (2005), Walter (2006), Freitas (2003) e também informações do IBGE (2009). Recebemos interessantes contribuições, ainda, de Freitas (2003), fundamentada em Santos (2002), para a subseção acerca das principais manifestações culturais. Este capítulo foi desenvolvido tendo em vista a importância que tem a história do lugar e seus aspectos culturais mais gerais para o trabalho linguístico na perspectiva histórica.

1.1 Uma breve reflexão sobre comunidade de fala

Conforme postulados de teóricos que trabalham com o conceito de comunidade de fala, a definição para esse termo configura-se como complexa e

⁴ WARDHAUGH, R. Ethnographies. In: **An introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2006.

⁵ MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

relativa. Uma das principais dificuldades reside no fato de que uma comunidade de fala (*speech community*) representa um grupo de falantes, os quais se agrupam devido a interesses semelhantes e objetivos comuns. A partir desse ponto, mostramos a definição de alguns autores de áreas teóricas diferentes para conceituarmos a comunidade de fala pesquisada neste estudo.

Segundo Wardhaugh (2006), as pessoas podem se agrupar por várias razões, podendo ser essas de cunho religioso, social, cultural, político, familiar, vocacional e outros. Há, portanto, os agrupamentos temporários, os intermediários, os quase permanentes e os permanentes. De acordo com a definição desse autor, a noção de grupo se transcende, pois os seus membros têm o direito de ir e vir, além de poderem pertencer a outros grupos.

Tendo em vista a relatividade da definição para comunidade de fala, Eckert e McConnel-Ginet (1998 apud Wardhaugh, 2006) cunharam outro termo denominado *comunidade prática*. Na definição desses autores, trata-se de um grupo de pessoas que se aproximam devido a interesses e objetivos comuns. Assim, as pessoas que fazem parte desse grupo praticam ações para torná-lo uma comunidade, uma vez que a situação em que os membros encontram-se inseridos lhes fornece indícios sobre o que podem ou não fazer. Em outras palavras, trata-se dos direitos e dos deveres de cada um.

Além dessas definições mencionadas, ressaltamos também a distinção feita por Monteiro (2000) entre comunidade de fala e comunidade linguística. A primeira, baseada em Romaine (1994 apud Monteiro, 2000, p. 41), refere-se a um grupo de pessoas que não compartilha necessariamente a mesma língua, porém compartilha um conjunto de regras para seu uso. Dito de outro modo, as fronteiras entre as comunidades de fala são essencialmente de caráter social, sem relação com o linguístico. Por seu turno, a comunidade linguística, conforme Marcos (1993 apud Monteiro, 2000, p. 41), pressupõe a existência de uma demarcação física e a possibilidade de que, em sentido amplo, seus membros não sejam exclusivamente monolíngues. Uma das diferenças entre esses grupos reside no fato de que comunidade de fala constitui-se em um espaço abstrato, lugar de ocorrência de variações de repertório disponíveis. (SPOLSKY, 2004).

Na perspectiva de Bortoni-Ricardo (2005), comunidade de fala representa o ponto de vista do falante que o faz sentir-se como integrante de uma determinada comunidade sociolinguística. Assim, ele aprende o que dizer e como dizê-lo,

conforme as experiências linguísticas, sociais e culturais do grupo, a qualquer pessoa e em quaisquer circunstâncias. Em outras palavras, conhece as regras e normas estabelecidas no uso da linguagem corrente.

Considerando as definições apresentadas, adotamos, então, a conceituação baseada em Bortoni-Ricardo (2005), pois entendemos que esse critério seja o mais adequado para conceituar o grupo pesquisado neste estudo e, conseqüentemente, para caracterizar a pesquisa linguística, humanística e social que ora desenvolvemos.

Apresentamos, portanto, a comunidade de fala escolhida para a realização desta pesquisa de campo, que foi a cidade de Jaraguá, no estado de Goiás, mais especificamente, uma comunidade de falantes acima de 65 anos de idade, entre homens e mulheres selecionados criteriosamente, conforme as características do perfil proposto pela pesquisa de natureza linguístico-histórica. A seguir, apresentamos um recorte da história de Goiás, com propósito de contextualizar o município de Jaraguá.

1.2 Recorte histórico do Estado de Goiás

O atual território do Estado de Goiás foi colonizado pelos bandeirantes paulistas, a partir das primeiras décadas do século XVIII. Possivelmente, no início da colonização do Brasil, diversas expedições denominadas *bandeiras* percorreram o território em que atualmente se localiza o estado goiano, em busca de metais preciosos e captura de índios.

A respeito deste assunto, Moraes e Palacin ressaltam que,

É certo que, já no primeiro século da colonização [do Brasil], diversas expedições – “entradas”, “descidas”, “bandeiras” – percorreram parte do território do atual estado de Goiás, embora não se conservem notícias precisas. Essas expedições, organizadas principalmente na Bahia, centro então da colonização, eram de caráter oficial, destinadas a explorar o interior e buscar riquezas minerais, ou de empresas comerciais particulares, organizadas para capturar índios. (1994, p. 07).

Os dados históricos atribuem a colonização de Goiás ao bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera⁶, pelo fato de que ele foi “o primeiro a chegar em Goiás com a intenção de se fixar aqui”. (MORAES E PALACIN, 1994, p. 09). A bandeira chefiada por Anhanguera adentrou o sertão interiorano em busca da riqueza mineral. A respeito da descoberta do ouro e da ocupação de Goiás, Palacin (1992, p. 33) relata que “o descobrimento do ouro provocou imensos afluxos de pessoas à região, conformando um tipo de povoamento que adquiria feições urbanas. A ocupação da época colonial em Goiás processou-se de forma impetuosa e violenta, modelo da corrida do ouro”.

No período da interiorização do território brasileiro, Goiás despertou o interesse e a ambição dos bandeirantes paulistas por causa da aparente abundância de ouro encontrado no fundo das correntes de água dos rios. Esse ouro é denominado ouro de aluvião. Embora grande parte dos estudiosos da história de Goiás mencione que esse foi o único tipo de ouro explorado em Goiás, encontramos registros e temos relatos de ex-garimpeiros de que em Jaraguá houve exploração do ouro de grupiara⁷. Em outras palavras, é o tipo de ouro encontrado na superfície do solo entre o cascalho. Nessa época surgiram vários povoados, como Vila Boa (Cidade de Goiás), Santana, Barra (Buenolândia), Meia Ponte (Pirenópolis), Pilar, Cocal, Tesouras, Povoado do Córrego do Jaraguá (Jaraguá) e outros.⁸

Em decorrência disso, o sertão tornou-se povoado, com um número expressivo de pessoas, adquirindo aspectos urbanizados. Construíram-se as cidades e, gradativamente, foram sendo implantados os domínios de controle social nas esferas política, jurídica e religiosa.

Não obstante, em decorrência da intensa exploração, não levou mais de cinquenta anos para que as fontes auríferas de Goiás se esgotassem. Conseqüentemente, esse acontecimento acarretou um retrocesso imenso à

⁶ “Diabo Velho” em tupi-guarani. Através dos cursos dos Rios Tietê e Paranaíba, a bandeira (cerca de 800 homens) chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva chegou na aldeia dos Goyazes, na Serra Dourada, junto ao Rio Vermelho, atual território de Goiás. Ao perceber que os índios Goyazes usavam enfeites de ouro, o bandeirante quis saber de onde eles retiravam o metal. Porém, os índios recusaram a revelar o local. Diante disso, Bartolomeu Bueno encheu uma cuia de aguardente e ateou fogo nela, ameaçando fazer o mesmo com as águas do Rio Vermelho. Assustados com esse fato, os Goyazes o chamaram de Anhaguera, e obedeceram a vontade do poderoso homem que fazia a “água pegar fogo” (SOUZA E RICARDO, 2005, P. 12)

⁷ Regionalismo (termo de garimpo) – depósito de cascalho em local elevado, acima do nível máximo das águas (HOUAISS, VERSÃO ELETRÔNICA, 2007); espécie de cascalho em camadas inclinadas nas montanhas de onde se extrai o ouro. Variantes: *gupiara* e *guapiara* (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1995)

⁸ Disponível em: www.geocities.com/jaraguagoias/historia.htm. Acessado em: 10/08/2009.

capitania goiana, sobretudo, na forma de ruralização e regressão a uma economia de subsistência. (MORAES E PALACIN, 1994, p. 43).

Somente a partir do início do século XX, com a implantação de rodovias e ferrovias, propaga-se a fertilidade do solo (terra roxa) de Goiás através de viajantes e comerciantes, despertando, assim, o desejo de muitas pessoas que sonhavam com a prosperidade e melhores condições de vida e de trabalho. Prova disso é a presença relevante de pessoas vindas principalmente de Minas Gerais, São Paulo e estados nordestinos. (BRANDÃO E FERREIRA, 2007). Desse modo, nesse cenário da economia centrada na agricultura, as terras férteis do município de Jaraguá, propícias para o plantio de lavouras e para a criação de gado, propagadas em outras regiões, tornavam-se atrativas às pessoas de outros estados da federação brasileira. Desta feita, a maioria dos imigrantes mineiros e nordestinos que veio para a região jaraguense chegou a partir das primeiras décadas do século XX.

1.3 Localização e características geográficas de Jaraguá ⁹

O município de Jaraguá encontra-se localizado na mesorregião do Centro-Oeste Goiano, na microrregião de Anápolis. Limita-se ao norte com os municípios de Rianápolis, Santa Isabel e Goianésia; ao sul com São Francisco, Jesúpolis, Santa Rosa e Taquaral; a leste com Pirenópolis; e a oeste com Uruana, Itaguari e Itaguaru. Jaraguá localiza-se a 120 km da capital estadual, Goiânia, e a 205 km da capital federal, Brasília.

Em Goiás, referindo-se à extensão territorial, Jaraguá é um dos maiores municípios do Estado, uma vez que o referido município, além da cidade de Jaraguá, integra oito distritos, a saber: Alvelândia, Artulândia, Mirilândia, Palestina, Vila Aparecida, Santa Bárbara, Cantagalo, Bom Jesus e dois aglomerados rurais que são Monte-Castelo e São Geraldo, conforme mostrados no mapa.

⁹ As informações contidas nesta subseção foram extraídas do histórico do IBGE, 2009. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/jaragua/go/html>>

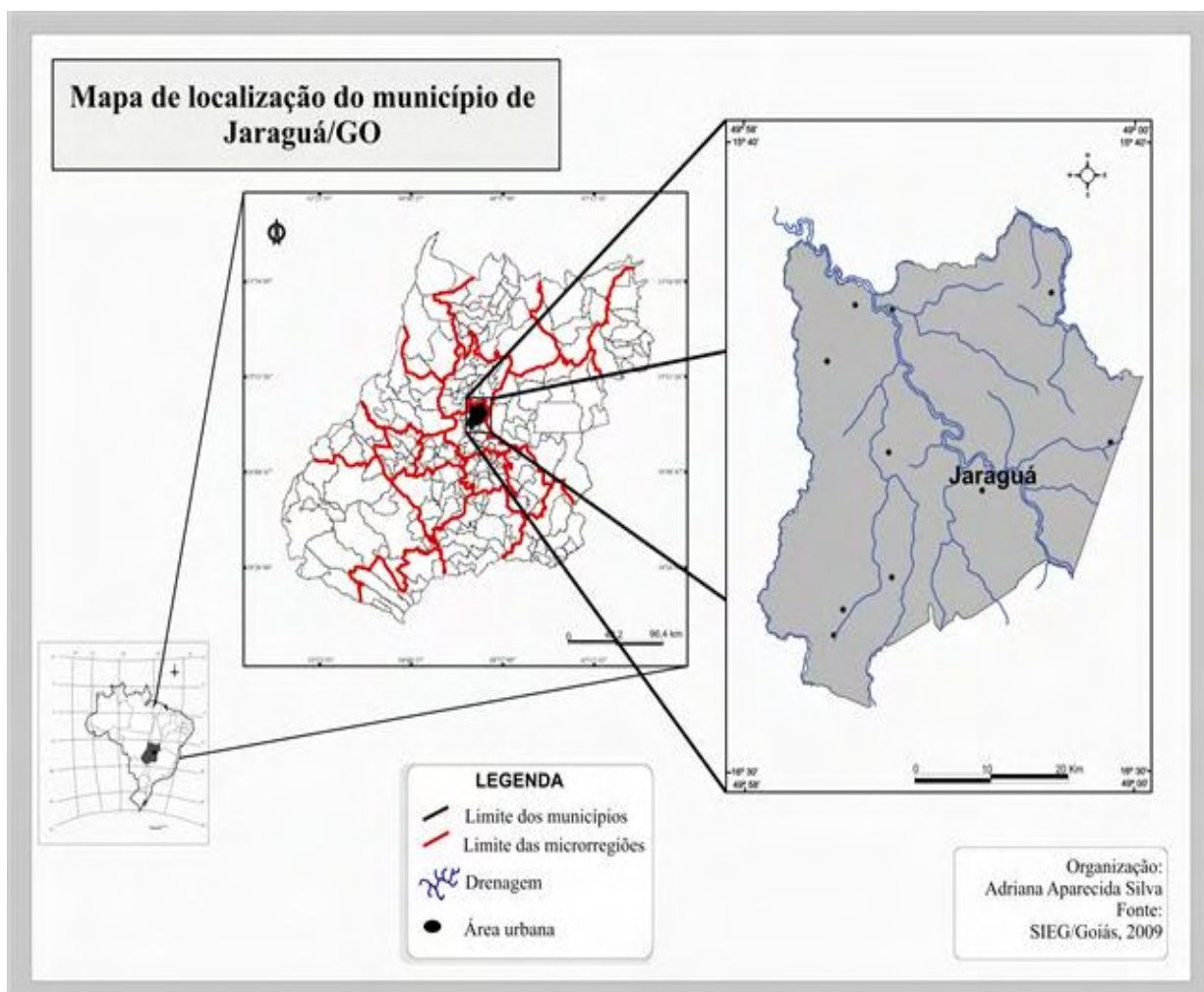


Figura 01: Mapa da localização de Jaraguá (Fonte: SIEG/GO, 2009; Org. Adriana Silva)

Os rios de maior importância da região são os Rios das Almas, Pari, Saraiva, Sucuri e o Rio do Peixe, além de outros rios contribuintes menores. A vegetação predominante é o cerrado¹⁰, típico da região central do Brasil, caracterizado pela biodiversidade, florística e faunística; apresenta desde árvores de pequeno porte até árvores com mais de cinco metros de altura. O sistema dos cerrados apresenta grande riqueza de árvores frutíferas, como pequi, guapeva, cajuzinho do cerrado, ingá; de plantas ornamentais, como ipê (amarelo, branco,

¹⁰ O Sistema Biogeográfico dos Cerrados abrange a área de uma grandeza espacial que recobre quase dois milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro. A área contínua dos cerrados inclui praticamente a totalidade dos Estados de Goiás e Tocantins, oeste de Minas Gerais e Bahia, leste e sul de Mato Grosso, quase a totalidade do Estado do Mato Grosso do Sul, sul dos estados do Maranhão e Piauí (WALTER, 2006). Variáveis: *cerradão*, *mato grosso*, *cerradal*, *capoeira*. Em Goiás, a variável mais empregada é *capoeira*.

rosa), paineira, nó-de-porco; e também de plantas de caráter medicinal, madeireiro, venífero e outros. (WALTER, 2006).

1.4 Aspectos históricos

Jaraguá é uma das principais cidades históricas do Estado de Goiás, conhecida como *Lendária Terra*, devido, principalmente, às lendas da Tereza Bicuda, do Cavaleiro da Rua das Flores e da Procissão dos Mortos,¹¹ que permeiam o imaginário do povo jaraguense. A ocupação de sua área ocorreu provavelmente nas primeiras décadas do século XVIII. Conforme informações colhidas em trabalhos de vários estudiosos que se dedicaram à história jaraguense, dentre eles, conforme citamos anteriormente, principalmente Pedroso (1997), Castro (1998), Duarte (1999), Fonseca (2002), Fonseca (1999), Romancheli (2008) e também informações do IBGE (2009), o município foi emancipado em 29 de julho de 1882, pela Lei Provincial Nº 666, tendo, portanto, 126 anos de emancipação política. (FERREIRA E AGUIAR, 2009).

De acordo com Freitas (2003), a cidade encontra-se situada no Centro-Oeste do Estado, no chamado Vale do São Patrício, banhada pelo Rio das Almas, nas proximidades de uma serra denominada Serra de Jaraguá. Nos vários trabalhos realizados sobre a história de Jaraguá, a historiadora Romancheli (2008) aponta que há evidências prováveis de que o povoamento surgiu por volta de 1722-1725, período em que foi descoberto ouro nas serras, o ouro de grupiara, e nas correntes dos rios, o ouro de aluvião.

Por outro lado, Pedroso (1997) assinala categoricamente que o povoamento de Jaraguá iniciou-se a partir de 1737. A historiadora não descarta a possibilidade de essa região ter sido habitada pelos índios Kayapó antes da chegada dos colonizadores. De acordo com a autora, não há indícios formais de provas, mas é possível que membros da comunidade Kayapó se movimentassem pela região jaraguense pelo fato de haver vestígios deles em todo território próximo a Jaraguá.

Com relação ao descobrimento das primeiras minas auríferas em Jaraguá, Pedroso (2008) assinala que essa é uma questão polêmica, pois as fontes

¹¹ Essas lendas encontram-se transcritas na seção *Apêndices*.

escritas atribuem o descobrimento a negros fugitivos, que também são denominados *negros faiscadores*. Em contrapartida, os autores contemporâneos atribuem esse fato ao mineiro português Manoel Tomar, fundador de Pirenópolis e explorador das minas daquele lugar. De acordo com as palavras da pesquisadora, temos o seguinte:

A documentação histórica escrita não é coincidente com a memória popular dos habitantes da cidade acerca dos inícios da exploração do ouro e o estabelecimento do antigo arraial. Tais fontes escritas atribuem o descobrimento do ouro em Jaraguá a negros faiscadores em 1737 (Veiga, 1783; Cunha Matos, 1823; D'Alincourt, 1816, Pohl, 1821; Saint-Hilaire, 1819; Silva e Souza, 1812). Contudo, autores contemporâneos apontam o mineiro português, Manoel Tomar, como o primeiro explorador daquelas minas (Artiaga, 1951; Jayme, 1971; Almeida, 1982). (PEDROSO, 2008, p.25).

A autora ressalta que os autores contemporâneos formularam seus estudos com base em informações orais fornecidas pelos jaraguenses. Podemos deduzir, portanto, que a memória popular ainda se encontra impregnada por uma visão do português *heróico* e *desbravador*. Por outro lado, há probabilidade de uma interpretação de que os *negros fugitivos* ou *faiscadores* tenham sido os primeiros a chegar à região. No entanto, por meio do trabalho escravo, foram os portugueses e bandeirantes que exploraram as minas auríferas.

De qualquer forma, os primeiros habitantes dessa região foram, em sua maioria, os bandeirantes paulistas, atraídos pela notícia da abundância em ouro, e os negros africanos ou seus descendentes, que foram a mão-de-obra utilizada no garimpo; ou seja, era uma organização de senhores e escravos, brancos e negros. Essa organização estava nitidamente marcada por crenças de superioridades e inferioridades culturais, valores muito fortes na sociedade colonial da época.

A propósito, é possível perceber traços de separação social que ainda permanecem registrados através de construções arquitetônicas antigas da paisagem urbana como, por exemplo, as igrejas. Somente para fins ilustrativos, registramos que havia uma igreja para os brancos, Igreja Nossa Senhora da Penha, e uma igreja para os negros, Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A localização geográfica dessas duas igrejas realça ainda mais a questão social. A Igreja Nossa Senhora da Penha localiza-se no centro da cidade e a Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito localiza-se em um lugar periférico. A igreja

destinada aos negros foi fundada pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário¹². Em consonância aos fatos históricos e relatos de alguns colaboradores, era a santa protetora dos escravos.

Nas fontes pesquisadas, também encontramos informações acerca da presença de povos indígenas na região jaraguense em Canesin e Silva (1983) e no histórico do IBGE (2009); de acordo com as informações contidas nesses documentos, o município de Jaraguá era povoado pelos índios Jaguará. Segundo o texto do IBGE, o nome da região foi motivado pela presença dessa população indígena. Contudo, a maioria dos estudiosos da história de Jaraguá afirma que o nome da região foi dado devido à semelhança do local com uma região paulista. Essa é a versão que figura no imaginário dessa população.

Segundo informações registradas em Houaiss (2001, p. 1674), é oportuno ressaltar que etimologicamente a palavra *Jaraguá*¹³ se originou do Tupi *yara'wa* (Nascentes, 1964); de acordo com Sampaio ([sd]) o topônimo *Jaraguá* veio do Tupi *yara-guá* que significa *o vale do dono, a baixa do senhor*; e conforme Tibiriçá (1989), *Jaraguá* veio do Tupi *Jaraguá*, que é um tipo de plantas que contém fibras têxteis. Vale destacar ainda que esse nome designa uma espécie de capim que era muito abundante na região, o chamado capim-jaraguá.

Conforme mencionamos anteriormente, no decorrer dos anos, o ouro se esgotou devido à intensa exploração. Assim, como todo interior goiano, Jaraguá permaneceu isolada por vários anos. Somente a partir das primeiras décadas do século XX, através da política expansionista do governo de Getúlio Vargas, é que Goiás e, conseqüentemente, Jaraguá, passam a ter reconhecimento e integração em âmbito nacional. (SOUZA E RICARDO, 2005).

A região jaraguense foi plenamente beneficiada com a construção da rodovia BR-153 (Belém/Brasília) que liga o país de Norte a Sul. Com esse advento, vieram pessoas de vários estados brasileiros, dentre os quais merecem destaque os Estados de Minas Gerais e Bahia, principalmente em busca de trabalho e de

¹² O primeiro documento escrito a respeito dessa questão intitula-se Arte da língua de Angola, redigido pelo Sacerdote Jesuíta Pedro Dias, o qual enfatiza que Nossa Senhora do Rosário era mãe e senhora dos negros. (BONVINI, 2008).

¹³ “Erva de até 2 m (*Hypavihenia rufa*) da família das gramíneas, com inflorescências de cor ferrugínea, nativa das regiões tropicais da África e muito cultivada, principalmente no Brasil, como uma das principais forragens para bovinos; capim-jaraguá, capim-vermelho, capim-provisório” (HOUAIS, 2001, p. 1674). Convém destacar que essa gramínea está sendo substituída pelo capim-braquiária. Em Goiás praticamente não há mais pastagens com capim-jaraguá.

melhores condições de vida. Conseqüentemente, essas pessoas contribuíram e contribuem também com a linguagem e a cultura do local. Muitas dessas contribuições são manifestadas nas festividades culturais de cunho religioso, como as Folias de Santos Reis, que são enriquecidas com o conhecimento cultural da população jaraguense. Cabe destacar que Jaraguá continua recebendo um constante fluxo de pessoas oriundas de outras regiões de Goiás e do Brasil, em decorrência de ser um pólo industrial na área de confecções do *jeans* e também da construção da ferrovia Norte/Sul.

1.5 Principais manifestações culturais

Como legado histórico dos padres jesuítas do reino lusitano, a cidade de Jaraguá conserva as Folias e as Cavalhadas¹⁴, festividades características das cidades históricas de Goiás, enriquecidas com o conhecimento cultural da população jaraguense. Há, portanto, duas folias: a Folia de Santos Reis, que ocorre entre os dias 31 de dezembro a 06 de janeiro, em que o grupo de fiéis faz o percurso durante a noite, isto é, visita as casas que foram escolhidas previamente para receberem a folia; e a do Divino Espírito Santo, que acontece no mês de maio, conhecida também como folia mineira. Nessa folia, os fiéis fazem um percurso religioso durante o dia.

As apresentações das Cavalhadas ocorrem por ocasião da Folia do Divino, mais especificamente nos dois últimos dias de festa. No período das folias, são apresentadas algumas danças como *catira*, *lundum* (possivelmente se trata de uma homenagem ao negro) e *tapuia* (em homenagem ao indígena). Porém, essas duas últimas danças estão sendo esquecidas, pois de acordo com os organizadores/ participantes dos eventos, a tradição cultural, no caso, as danças que durante anos vêm sendo passadas de pai para filho, atualmente possuem pouco ou nenhum significado para as pessoas mais jovens.

¹⁴ As cavalhadas tiveram origem nos torneios medievais realizados na Europa, nas praças próximas às igrejas; representavam a luta entre cavaleiros mouros e cristãos, em que os cristãos sempre são os vencedores. No Brasil esta representação foi introduzida pelos jesuítas com o objetivo de catequizar os índios e os escravos, mostrando o poder da fé cristã. Atualmente, as cavalhadas ocorrem em São Paulo, Goiás (somente nas cidades históricas) e Alagoas, sendo considerada uma festa típica deste último estado. Essa festa possui várias versões e interpretações nas diversas localidades em que são realizadas, mas o sentido religioso, ou seja, a interpretação do poder da fé cristã é mantido. Disponível em html: www.arquiteturahistorica.com/cavalhadas <acesso em: 23/03/2010 às 18h49min>

Freitas (2003), fundamentada em Santos (2002), ressalta que essas festividades tradicionais tiveram origem na época da mineração, constituindo-se em uma herança significativa do período colonial. Assim, de acordo com as palavras da autora, “muitas das festas tradicionais, vivenciadas ainda hoje, que tiveram suas origens à época das minas, como a Festa do Divino Espírito Santo, das Cavalhadas, da Folia de Reis, dão sustentação às tradições, crenças e costumes locais”. (p. 75).

A Folia de Reis é bastante disseminada na região jaraguense, de modo que em cada povoado existe um grupo organizado disposto a manter a devoção e a tradição cultural e religiosa. São um total de doze grupos que, em consonância à linguagem dos foliões, denominam-se *galhos*. No decorrer do ano, esses grupos se preparam para a festa que tem duração de sete dias. Um dos objetivos consiste em prover alimentação para todos os devotos durante os dias de festa. São momentos dedicados à fé e também à diversão. Os membros de cada grupo trabalham conjuntamente em prol da realização da folia que, segundo eles, consiste em missão sagrada, em questão de fé e devoção aos três Reis Santos.

O principal objetivo das folias é homenagear o Menino Jesus, nascido em Belém de Judá. Os grupos de foliões relembram e simulam o caminho percorrido pelos três reis magos que foram visitar o rei dos judeus, oferecendo-lhe presentes valiosos. Nesse sentido, celebram a fé, a caridade, a união, o amor, a paz e a humildade. Portanto, todos os cânticos estão voltados para esse tema e as orações são de agradecimentos e pedidos variados. São momentos de muita confraternização, união e emoção.

Os momentos mais emocionantes que pudemos presenciar foi o da escolha do responsável pela folia do próximo ano, o qual é denominado *festeiro*, na linguagem hierárquica da folia; e o momento da entrega da *bandeira*. A *bandeira*, símbolo honorífico da Folia de Reis, fica em poder do *festeiro* durante todo ano, sendo que o mesmo é escolhido pelo *embaixador* que representa a autoridade máxima dentro do grupo. Vale ressaltar que é eleito um responsável geral, mas todo o grupo trabalha unido, de forma muito colaborativa.

No dia sete de janeiro, todos os grupos se reúnem para o encerramento coletivo da festa na cidade de Jaraguá. Essa iniciativa foi tomada pelo padre da paróquia Nossa Senhora da Penha, apoiado pela Secretaria de Cultura do Município. Nesse encontro, realiza-se a celebração de uma missa e, em seguida, cada grupo tem oportunidade de fazer uma apresentação de cantos sagrados,

durante cinco minutos. Após todas as apresentações, há o intervalo para o almoço, servido gratuitamente para todos os participantes e simpatizantes de uma das maiores festas religiosas e culturais do município. Em seguida, ocorrem as apresentações das danças. Atualmente, há a apresentação somente da *catira*. Convém ressaltar que focalizamos a Folia de Reis pelo fato de a maior parte dos participantes desta pesquisa serem membros de algum grupo dessa festividade.

Além dessas festividades tradicionais de cunho religioso, Jaraguá apresenta outras festas, como o Carnaval de Rua, a Festa do Peão, ocasião da comemoração do aniversário da cidade, e a Feira da Indústria do Vestuário. A cidade é conhecida nacionalmente como a capital goiana da indústria de confecção do *jeans*.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A linguagem sempre despertou curiosidade e fascínio, por isso as intervenções humanas na língua ou em situações linguísticas não constituem algo novo; desde a época de Platão havia interesse em investigar questões linguísticas. (CALVET, 1997).

Nesse capítulo apresentaremos os procedimentos metodológicos que nos guiaram e auxiliaram na consecução desta pesquisa. Incluímos ainda a fundamentação teórica que norteou este trabalho, desde a escolha da metodologia até a análise dos dados coletados. Há, portanto, um entrecruzamento da metodologia com a fundamentação teórica, em que uma e outra se complementam e se fundem, conforme podemos verificar a seguir.

2.1 Fundamentação teórica

Consideramos os estudos que têm se ocupado das línguas e da linguagem sob a chave do tempo. Nessa perspectiva, é consabido que as línguas mudam naturalmente de acordo com esse fator. A tradição representada pelos neogramáticos (1870) recorta, descreve e explica os fenômenos da linguagem do ponto de vista do binômio gênese-evolução. Dessa forma, o tempo age sobre as línguas como age sobre a natureza e sobre as sociedades, através da seleção ordenada por leis internas.

Conforme Paixão de Sousa (2009) e Silva (1973), na perspectiva evolucionista, a história é concebida, fundamentalmente, como uma progressão cronológica; o efeito da passagem do tempo, como linear; os fenômenos sujeitos a esses efeitos, como orgânicos. Nesse sentido, a visão neogramática tem muito a contribuir com a análise dos dados deste trabalho que toma como parâmetro fundamental a temporalidade. É a esse campo de estudos da Linguística Histórica que nos filiamos para efetuar a pesquisa acerca da vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos na comunidade de fala de Jaraguá.

2.1.1 Linguística Histórica

A Linguística Histórica busca estabelecer uma relação entre a sincronia e a diacronia das línguas, recorrendo aos fatos históricos que desencadearam as mudanças em toda parte estrutural da língua como gramática, léxico, morfologia, sintaxe e, especificamente, fonética e fonologia. Assim, essa área de estudos linguísticos busca compreender e interpretar os fatores responsáveis pelas mudanças e transformações no decorrer dos percursos evolutivos das línguas.

Mattos e Silva (2008) assevera que as mudanças linguísticas podem ocorrer nas perspectivas intralinguística e extralinguística. Na perspectiva intralinguística ou intrassêmica são considerados os fatores inerentes à estrutura interna da língua, tais como ambientes fonológicos, traços distintivos dos fonemas e outros. Os fatores internos são abordados pelas teorias Neogramática, Estruturalista e Gerativista. Por outro lado, na perspectiva extralinguística ou sócio-histórica são considerados como responsáveis pela mudança a escolarização, a idade, o nível social, dentre outros, ou seja, fatores externos à língua. Os fatores extralinguísticos como condicionadores da mudança linguística passam a ser tratados a partir das teorias Funcionalista e Laboviana.

Focalizamos, pois, neste estudo, os fatores intralinguísticos como condicionadores da mudança linguística. Não descartamos a interferência dos fatores extralinguísticos; contudo, por ora, eles não se constituem em objeto das análises desenvolvidas.

Comumente, situa-se o surgimento da Linguística Histórica no século XVIII, a partir dos estudos genéticos construídos na Europa sobre as origens comuns e os desenvolvimentos históricos particulares de diferentes línguas. Desse modo, a observação das semelhanças entre línguas como o Italiano, o Castelhana, o Francês, o Português, aliada ao conhecimento da história da colonização românica dos territórios em que esses vernáculos eram falados, trouxe, conforme Paixão de Sousa (2005), a ideia de uma herança latina. Logo, tal fato é evidenciado de forma exemplar pela reflexão linguística a partir do período renascentista em territórios da antiga Romênia, em que há marcas cruciais da determinação de filiação dos diferentes vernáculos em relação à Língua Latina.

No século XIX, os estudos linguísticos representaram um divisor de águas na história das histórias do tempo e da linguagem, por inaugurar uma concepção

completamente nova dos condicionantes dessa relação, construindo, assim, um novo plano para sua análise. Paixão de Sousa (2005; 2009) ressalta que esse plano de análise gira em torno da tentativa de combinar a esfera documental com a esfera experimental, em que aparecem os desdobramentos mais interessantes dos estudos históricos da língua, no decorrer desse século. Partindo desse ponto, os estudiosos buscaram e ainda buscam articular as duas esferas em um mesmo plano de análise, construindo a abordagem histórico-comparativa.

Como já mencionamos anteriormente, as semelhanças entre as línguas românicas ou neolatinas nos possibilitam pensar em uma identidade, isto é, numa gênese comum. Por outro lado, em tempo simultâneo, as diferenças entre elas conduzem à explicação de mudanças. Entretanto, os diferentes processos de diversificação, fundamentados na tradição histórico-comparada, mostram que as regularidades são compatíveis com o pressuposto da herança em comum.

No centro dessa reflexão, a Linguística Diacrônica de 1800 construiu uma metodologia para estudar essas regularidades, permitindo, assim, categorizar e justificar a identidade genética e a evolução paralela em grupos aparentados. A recomposição das etapas passadas em cada *ramo* de *famílias* de línguas se baseava essencialmente em fatos estruturais disponíveis para observação, provavelmente processos morfológicos ou fonológicos. De modo geral, essas mudanças são internamente motivadas e regidas por leis fonéticas que remetem às instabilidades internas que podem resultar em diferentes processos fonéticos e fonológicos.

A partir de 1900, no entanto, a fundação do estruturalismo de Saussure centralizou o foco da reflexão linguística para a dimensão estática dos fenômenos. Nesse sentido, a discussão saussureana consiste em separar a sincronia da diacronia, em outras palavras, sua proposta é fundante do objeto/língua definido como sistema e do interesse científico pelas relações entre os termos no interior de cada sistema estaticamente considerado. É nesse contexto que sua discussão acerca do binômio diacronia/sincronia adquire significância, ao ser colocada como uma questão de dinâmica *versus* estática. (PAIXÃO DE SOUSA, 2009).

Por outro lado, é no âmbito metodológico que Saussure separa o eixo das simultaneidades (sincronia) do eixo das sucessões (diacronia). No âmbito do segundo termo dessa antinomia, a diacronia, o método histórico-comparativo

apresenta-nos como bastante propício para as análises que consideram a mudança das línguas no tempo e no espaço, sobre o qual discorreremos, na próxima seção.

2.1.2 Método histórico-comparativo

É a partir da perspectiva da Linguística Histórica de que a língua é um organismo vulnerável à ação do tempo linear e progressivo é que se forma o método histórico-comparativo. Esse método, fundamentalmente, procurava recompor, a partir de um conjunto de fenômenos recortados no presente, um passado compreendido como sucessão de etapas cronológicas linearmente agrupadas, unidirecionalmente orientadas, e, portanto, reversamente recuperáveis. (PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

A recomposição (ou reconstrução) das etapas passadas em cada *ramo* de cada *família* de línguas se baseava fundamentalmente em fatos estruturais disponíveis para a observação, os fatos de língua, provavelmente processos fonológicos e morfo-fonológicos. No quadro a seguir, podemos observar alguns pares de palavras na origem latina e suas correspondentes no Português, Francês, Castelhana e Italiano:

Quadro 01: Alguns conjuntos de cognatos no Romance				
Latim	Português	Castelhano	Francês	Italiano
capra	cabra	cabra	chèvre	capra
canis	cão	can	chien	cane
caru	caro	caro	cher	caro
caput	cabo	cabo	chef	capo

Fonte: adaptado de Campbell, 2004, p.125

Por conseguinte, o método comparativo consiste em relacionar as características de uma língua com os fatos análogos de outra ou outras da mesma *família*, na tentativa de descobrir a origem ou a procedência dessa língua. Conforme Coutinho (1975, p. 17), esse método, na verdade, é “um poderoso auxiliar, considerado bastante seguro na realização de pesquisas etimológicas, apontando, em muitos casos, a solução de vários problemas, que de outro modo não seria possível solucionar”.

De modo geral, as mudanças internamente motivadas e regidas por leis fonéticas remetem a instabilidades internas que podem resultar em diferentes

Um dos axiomas do método histórico-comparativo é a acepção da árvore genealógica (do Alemão *Stammbautheorie*) de forma que cada *língua-filha* tenha apenas uma *língua-mãe*. Dessa forma, uma árvore genealógica tradicional se construirá, portanto, sempre no sentido da abertura, da expansão dos ramos, nunca no sentido da junção ou afunilamento dos mesmos. (CAMPBELL, 2004). Embora, os teóricos adotem o termo *ramos* para se referirem às filiações linguísticas, nessa ilustração adaptada por Abreu (2008) adotamos o conceito de *galhos*, tendo em vista a interpretação da árvore genealógica feita pelo autor de que a expansão ocorre nos *galhos*. A teoria da árvore genealógica, por conseguinte, utiliza o sistema de representação comum em estudos de evolução biológica, fazendo uma divisão das línguas indo-européias em *galhos* cada vez menores, até chegar à raiz, ou seja, a uma única língua. (FARACO, 2005).

O conceito de *famílias* linguísticas confere pouca importância ao contato entre línguas e fundamenta afirmações como a de Müller (1890 apud Paixão de Sousa, 2009) no sentido de que a mudança linguística, ou seja, a evolução das estruturas das línguas, não pode ser explicada como resultado da mistura, por contato, entre idiomas diferentes. Não há, portanto, línguas com duplo parentesco; logo, não há línguas mistas (*Es gibt keine Mischprache*).

Em suma, a concepção mais internalista da Linguística Histórica desconsidera outros fatores, procurando, destarte, conceituar a mudança sempre como evolução natural que incide internamente em cada língua. Partindo dessa perspectiva, as diferenças entre línguas de comum origem estão relacionadas a desenvolvimentos paralelos. Os empréstimos são concebidos como fatores pouco importantes, no sentido de que cada língua só toma emprestado de outro, itens que sejam compatíveis com sua própria natureza estrutural; ou dito, de outra forma, que as línguas fazem empréstimos somente de itens compatíveis com sua estrutura (MÜLLER, 1890 APUD PAIXÃO DE SOUSA, 2009).

Convém ressaltar, entretanto, que todas as línguas fazem empréstimos entre si por necessidade ou por vaidade de seus falantes, tendo em vista a temporalidade, as interferências culturais e as situações de contato. Campbell (2004) enfatiza que as línguas não emprestam somente palavras, porém há empréstimos de traços fonológicos, morfológicos e semânticos, construções sintáticas e sons. Desse modo, qualquer aspecto de uma língua pode ser emprestado a outras sem influência alguma do fator compatibilidade.

No século XIX, a segunda geração da Linguística Histórica oitocentista construiu uma reação aos neogramáticos e ao método histórico-comparativo. Os linguistas dialetologistas, inclusive, questionaram se as mudanças linguísticas se constituem em herança ou situação de contato, pensando em termos da origem das línguas neolatinas, como o Português, o Espanhol, o Francês, o Italiano e outras. Paixão de Sousa (2009) aponta que, para dialetologistas como Schuchardt e Schmidt, apenas o contato com outras línguas pode provocar a mudança em um idioma; em resposta a Müller, Schuchardt afirma que não há línguas puras.

Para essa tradição da dialetologia, as mudanças linguísticas são como ondas sucessivas que se cruzam em diferentes padrões e direções, formulando a Teoria das ondas. Segundo essa teoria, as mudanças linguísticas emanam a partir da origem em círculos concêntricos, como os que resultam de uma pedra atirada à superfície da água, conforme mostra a ilustração a seguir:

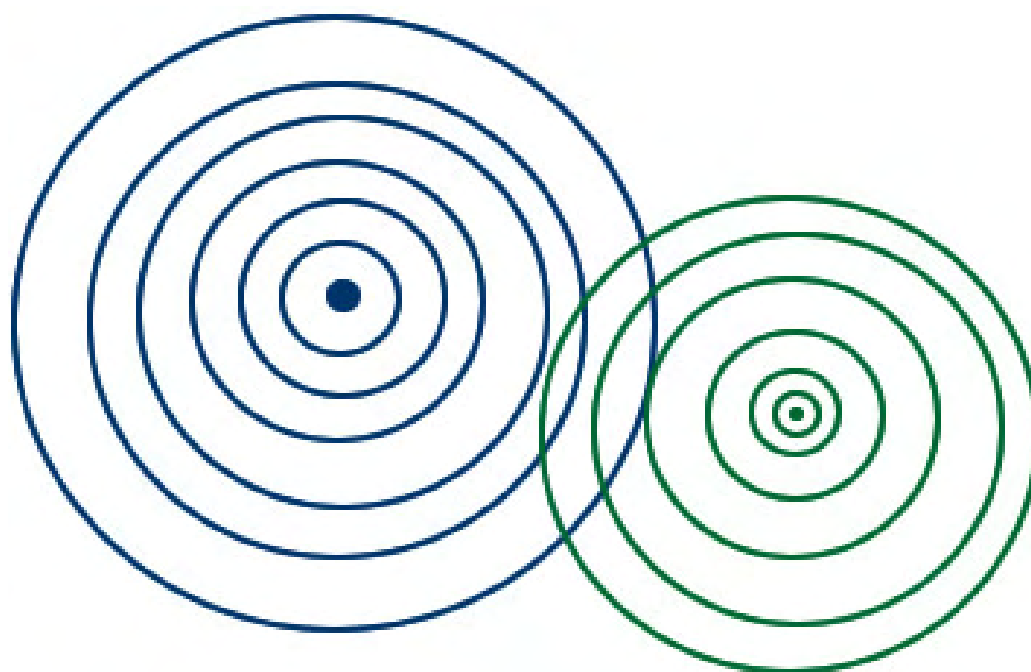


Figura 03: A teoria das ondas (Fonte: Paixão de Sousa, 2009).

Na teoria das ondas, a mudança é sempre externamente motivada; mais que isso, os resultados das mudanças são imprevisíveis. Para Shuchardt (1928 apud Paixão de Sousa, 2009)¹⁵, cada palavra tem sua própria história.

Para retomar a idéia de *famílias* de línguas, entre as *famílias* tradicionais da Linguística Histórica, destaca-se a família romance¹⁶. Essa é a família linguística mais amplamente descrita e com maior tradição nos estudos genéticos. Constitui consenso generalizado na literatura que a semelhança entre as línguas neolatinas se explica pela herança comum do Latim. Segundo Maurer Jr. (1951), com exceção do Romeno, separado das línguas *irmãs* há cerca de mil e quinhentos anos, existe impressionante semelhança, não são só no vocabulário, mas também na morfologia e na sintaxe das línguas românicas.

A notável semelhança das línguas românicas do Ocidente, desde Portugal até à Itália, não se deve apenas à origem comum do Latim Coloquial do Império Romano, como, tantas vezes, se acredita; porém, é também o resultado de uma unidade contínua de contato ininterrupto entre todas as línguas dessa família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a România Ocidental, enriquecendo o léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que se originaram do Latim. (MAURER JR., 1951).

Assim, na perspectiva dos dialetologistas, o que, sobretudo, explica a grande unidade das línguas românicas do Ocidente é a ininterrupta unidade da sua cultura e a constante troca de formas linguísticas, até a elaboração completa e fixação delas na época do Renascimento. No quadro a seguir, apresentamos alguns exemplos de latinização tardia nas línguas românicas do ocidente.

Quadro 02: Exemplos de Latinização Tardia nos romances ocidentais	
Itens lexicais populares (entrada mais remota)	Itens lexicais eruditos (entrada mais recente)
artelho	artículo
cabedal	capital
catar	captar
cadeira	cátedra
chão	plano

¹⁵ SHUCHARDT, H. Romanische Etymologien, II. In: **Sitzungsberichte der Kais. Akad. d. Wissenschaften in Wien, Phil-hist.Klasse**, Tomo CXXI ([1899] 1928).

¹⁶ Português, Espanhol, Catalão, Francês, Provençal, Italiano, Reto-Romano, Dalmático, Romeno, Sardo.

cheio	pleno
delgado	delicado
logro	lucro
mágoa	mácula
olho	óculo
orelha	aurícula

Fonte: adaptado de Maurer Jr.,1951

O caso das línguas românicas ilustra como o papel do contato, nos estudos históricos sobre a linguagem, está longe de ser uma questão resolvida. Ao contrário, é um problema teórico importante e revelador das diferentes concepções de linguagem. Segundo o filólogo Maurer Jr. (1951), a unidade da România ocidental é uma ilustração magnífica da importância dos fatores sociais na formação das línguas.

O método histórico-comparativo e a reconstrução foram concebidos fundamentalmente para explicar mudanças fonológicas; não obstante, alguns teóricos, como Campbell (2004), procuraram aplicar esse método também a outras mudanças, como morfológicas e sintáticas. Além do método histórico-comparativo, os estudos linguísticos históricos, na área da fonética e fonologia, contam com outro importante auxiliar que é o Alfabeto Fonético Internacional. O IPA (*International Phonetic Alphabet*) será tratado na próxima subseção.

2.1.3 Alfabeto Fonético Internacional¹⁷

Criado em 1889, o Alfabeto Fonético Internacional que segue ao alfabeto padrão de Lepsius (1859) e ao românico de Sweet (1877), constitui-se uma simbologia clara do coroamento de um esforço para se distinguir letra de som, sendo, pois, representado por símbolos distintos relacionados a sons diferentes (CALLOU E LEITE, 1993). De acordo com a proposta de Ladefoged e Maddieson (1996, p. 229-230), temos a seguinte definição,

[o] **Alfabeto Fonético Internacional**, em inglês *International Phonetic Alphabet (IPA)*, foi originalmente desenvolvido por foneticistas britânicos e franceses sob os auspícios da Associação Fonética Internacional, estabelecida em Paris, em 1886. O alfabeto pretende ser uma notação padrão para a representação fonética de todas as linguagens. Sofreu revisões durante a história, incluindo

¹⁷ As informações contidas nesta subseção são baseadas nas informações disponíveis no site da Associação Internacional de Fonética (2009). Disponível em www.unicode.aif.com/fonética

algumas grandes, como a da convenção de Kiel (1989); a mais recente foi em 1993, com pequena alteração em 1996. A maioria das letras do alfabeto é originária do alfabeto latino, algumas são do alfabeto grego e outras não parecem pertencer a nenhum alfabeto. (grifos dos autores).

Vale mencionar que as informações a seguir acerca do Alfabeto Fonético Internacional, contidas neste texto, estão baseadas nos pressupostos da AIF (Associação Internacional de Fonética). Nessa perspectiva, os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional são divididos em três categorias: i) letras (que indicam os sons básicos); ii) diacríticos (que especificam esses sons básicos) e iii) supra-segmentos (que indicam características como velocidade, tom e acento tônico). Essas categorias são divididas em seções menores; as letras são vogais e consoantes; os diacríticos e supra-segmentais são classificados de acordo com o que indicam, no tocante a articulação, fonação, tom, entonação ou acentuação tônica.

Há duas maneiras de inserir os caracteres do alfabeto em textos. Uma forma é utilizada para representar os fonemas; nesse caso, usa-se a transcrição fonológica, com os caracteres entre barras / /; a outra se utiliza para representar os sons dos fonemas (merismas/alofones), isto é, a transcrição fonética, com os caracteres entre colchetes []. Os valores dos sons das consoantes são idênticos aos do alfabeto latino. Em muitos casos, correspondem ao uso na Língua Portuguesa; os símbolos das vogais são idênticos aos do alfabeto latino, /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/ que correspondem às vogais do Espanhol ou do Italiano.

Algumas letras, como o *j*, não representam o som correspondente a essa letra na Língua Portuguesa, pois representa o som do [j] átono que forma ditongo em palavras como *ideia* [i'dɛ:jə]. O princípio é usar um só símbolo para cada som como, por exemplo, na Língua Portuguesa, em que *ch* e *ss*, são combinações para um único som, ou seja, são representados fonologicamente por /ʃ/, por exemplo, *chá* [ʃa:] e /s/, por exemplo, *pássaro* [ˈpa:səɾu] .

Nos Estados Unidos da América, para representar os sons do inglês, muitos linguistas usam um alfabeto fonético diferente, chamado *American Transcription*. Esse alfabeto foi criado por Pike ([1947] 1981) para ser utilizado nos trabalhos de transcrição fonética das línguas indígenas. Nesse alfabeto são utilizados muitos símbolos diferentes dos símbolos do IPA. O sistema americano foi

concebido para usar diacríticos em vez de caracteres especiais, o que facilitava a realização dos trabalhos com as populações indígenas, pois não havia computadores com as fontes do IPA ou máquinas de escrever disponíveis nesses locais. Contudo, como pode ser verificado atualmente, o uso crescente de computadores e processadores de texto que podem produzir os caracteres do IPA está suplantando o sistema de transcrição americano.

Geralmente os símbolos do IPA representam o fonema equivalente à letra da própria língua. Algumas letras podem apresentar algumas modificações, correspondendo a um som similar ao da letra base. Por exemplo, as consoantes retroflexas possuem o mesmo símbolo que as consoantes alveolares equivalentes, exceto por adicionarem um gancho no canto inferior esquerdo da letra, por exemplo, o [ɽ] retroflexo encontrado na fala de Goiás em palavras como, *porco*, *carta*, *horta*, [ˈpo:ɽku], [ˈka:ɽtə], [ˈb:ɽtə]. Para transcrever modificações fonéticas ou articulações secundárias, emprega-se, juntamente com os símbolos do IPA, os diacríticos. Também há símbolos especiais para representarem características suprasegmentais como a tonicidade e o tom.

As letras são classificadas em consoantes e vogais. As consoantes são classificadas em pulmonares, co-articuladas e não-pulmonares. Uma consoante pulmonar é produzida pela obstrução da glote ou da cavidade oral, deixando sair ar dos pulmões simultaneamente ou em seguida. Todas as consoantes do Português pertencem a essa categoria. As vogais são classificadas como frontais, centrais e posteriores. Retomamos essa questão no capítulo 03.

Convém ressaltar que focalizamos os estudos fonológicos e fonéticos em decorrência de as análises desenvolvidas, neste estudo, estarem voltadas para essa área da ciência Linguística. Apesar de observar a relevância morfológica no quesito classes de palavras, tendo em vista que a vocalização pós-vocálica apresenta maior produtividade em nomes, não realizamos análise morfológica neste trabalho.

A seguir, discutiremos acerca da pesquisa de campo que realizamos para coletar o *corpus* linguístico analisado neste estudo. Nas subseções seguintes apresentamos as etapas, os procedimentos e os elementos envolvidos na pesquisa empírica.

2.2 Pesquisa de campo

2.2.1 Acesso à comunidade de fala

Jaraguá despertou-nos interesse pelo fato de ser uma das principais cidades históricas de Goiás, possuindo manifestações culturais significativas para o enriquecimento dos estudos sobre a Língua Portuguesa falada no Estado de Goiás, o que se constitui no propósito primordial deste trabalho de origem linguístico-histórica; um segundo ponto de interesse é, provavelmente, por não possuir um *corpus* organizado nessa abordagem linguística. O nosso objetivo consistia em pesquisar falantes das áreas urbana e rural, mas, devido à amplitude do município, pesquisamos somente moradores da área urbana.

Realizamos a primeira visita ao local que se tornou campo para o desenvolvimento desta pesquisa, no dia 17 de junho de 2008. Nesse dia, não tínhamos intenção de fazer gravações, passamos o dia todo observando o patrimônio histórico e o *modus vivendi* dos moradores. Fizemos algumas anotações que julgamos importantes. Conversamos com pessoas que encontramos pelas ruas, visitamos e fotografamos os principais prédios, igrejas, casarões e outros lugares históricos.

Após algum tempo, retornamos ao local, por várias vezes, com o objetivo de gravar algumas entrevistas afinal, esse se constituía nosso objetivo primordial, visto que os dados são o material fundamental do trabalho proposto por este estudo, pois é a partir dele que formulamos hipóteses e análises. Porém, como todo trabalho de campo é relativo e imprevisível, não foi possível gravar nenhuma entrevista. Deparamos-nos com algumas dificuldades para localizar pessoas que atendessem os critérios propostos pelo projeto de pesquisa e, conseqüentemente, coletar dados para a constituição do *corpus* linguístico oral.

Somente a partir do dia 30 de agosto de 2008, quando conhecemos um senhor de 86 anos, o nosso trabalho com as entrevistas começou a progredir. Ele colaborou com esta pesquisa fornecendo dados, e também contribuiu significativamente para a realização de outras entrevistas. Após falarmos de nossa procedência e sobre o objetivo de nosso trabalho, ele concordou prontamente em participar de nossa pesquisa e nos apresentou outras pessoas que se tornaram colaboradoras, pois sendo uma pessoa conhecida e respeitada na cidade, tem

contato com muitas pessoas. Esse senhor é integrante de um dos principais e mais tradicionais grupos de folia da região, denominado Companhia dos Três Reis Santos da Fazenda Bom Jesus¹⁸.

Tal fato justifica porque a maior parte dos colaboradores pertence aos grupos de folia. Em sua maioria, os colaboradores deste trabalho são do sexo masculino; de um total de vinte e dois, há somente quatro mulheres. Cabe ressaltar que, por ora, selecionamos recortes somente de dezessete entrevistas para serem analisadas neste estudo, conforme pode ser verificado na subseção 2.2.4.

2.2.2 Os colaboradores

Os colaboradores deste trabalho foram selecionados conforme os seguintes critérios: 1) faixa etária: acima de 65 anos; 2) nível de letramento: nenhum ou pouco; 3) naturalidade: nascidos na região ou que tenham mais de cinquenta anos de residência na localidade; 4) nível sócio-econômico: baixo; 5) localidade: área urbana da cidade de Jaraguá e 6) sexo: ambos os sexos. Outros fatores que consideramos foram o tempo de permanência na localidade e o acesso aos veículos de informação, como rádio e televisão.

A maioria dos colaboradores é nascida no município de Jaraguá; os outros chegaram à região nas décadas de 1930 e 1940, em tenra idade, e não saíram mais das proximidades do município. Inclusive, alguns jamais voltaram aos locais de origem, perdendo completamente o contato e o vínculo com os familiares. Ressaltamos que a escolha desse grupo de falantes se justifica por pressupormos que nele há maior probabilidade de encontrarmos traços de conservação linguística.

Boa parte das pessoas que participaram desta pesquisa ainda exerce alguma atividade laboriosa, mesmo sem receber renda, embora já seja aposentada. Essa mesma característica foi verificada por Castro (2008) em sua pesquisa realizada com falantes sertanejos da região de Balsas/MA. Em nossa pesquisa, um dos casos mais interessantes é a história de uma colaboradora de 92 anos que ainda faz pequenas costuras na máquina que ela usa há mais de sessenta e cinco anos. Essa colaboradora relatou-nos, que através do trabalho realizado com essa

¹⁸ Segundo relatos de alguns colaboradores, esse grupo de folia foi o primeiro a ser fundado na região jaraguense; surgiu por volta da década de 1930, a partir de uma promessa, pois houve uma prolongada seca na região, devastando as plantações e provocando a morte dos rebanhos.

máquina, ela retirou a maior parte da renda familiar que contribuiu para a despesa da família numerosa, pois teve dezoito filhos biológicos e três adotivos.

Os colaboradores deste trabalho exerceram, ao longo da vida, profissões consideradas pela sociedade sem muito prestígio como, por exemplo, vaqueiro, costureira, lavrador, carreiro, ferreiro, carpinteiro, dona-de-casa, garimpeiro, feirante, vigilante, empregada doméstica, babá, tecedor ou tecelão e outras.

Uma das principais características dessa comunidade de falantes é a religiosidade e a partilha. Todos os colaboradores desta pesquisa são católicos praticantes e convictos de sua fé e de sua devoção; por isso, fazem suas peregrinações em agradecimento às bênçãos recebidas. Através da prática da fé procuram ser pessoas melhores e mais humanas. Uma das formas de agradecimento é a realização das festas em homenagem aos santos. Durante o período das folias, muitos fiéis têm a oportunidade de fazer seus agradecimentos e também pedidos para o próximo ano. Para eles, as folias são festas sagradas que exigem fé e devoção do participante.

Em geral, a população jaraguense é bastante religiosa. Há um total de seis igrejas católicas¹⁹ somente na área urbana, além de várias igrejas evangélicas de diversas denominações.

2.2.3 As entrevistas

As entrevistas se iniciaram no dia 28 de julho de 2008 e se encerraram no dia 30 de agosto de 2009. A coleta de dados ocorreu em encontros informais na própria residência do colaborador, sendo que as gravações tiveram entre 30 minutos a duas horas de duração. Tivemos dois casos em que as entrevistas ocorreram em praças públicas, ao ar livre. Nessas duas ocorrências, quando íamos de uma casa para outra, encontramos essas pessoas, iniciamos o diálogo e a conversa fluiu naturalmente. Em seguida, pedimos permissão para gravar e esta nos foi concedida.

Esses foram alguns dos poucos casos em que gravamos no primeiro encontro. Geralmente, era estabelecido um primeiro contato, intermediado por aquele colaborador, já mencionado, que nos auxiliou, possibilitando que os demais

¹⁹ Igreja de Nossa Senhora da Penha (Matriz), de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, de Santa Edwiges, de São José, de São Cristovão e de Nossa Senhora Aparecida.

nos conhecessem e também que as pessoas vissem que nosso trabalho não era prejudicial a ninguém. Mesmo assim, houve situações em que não foi possível realizarmos gravações, pois ocorreram mortes em família, acidentes ou os colaboradores estavam doentes e indispostos.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, isto é, não adotamos um questionário prévio. O conteúdo das entrevistas é composto por diálogos e narrativas pessoais sobre temáticas voltadas ao trabalho, família, infância, atividades culturais, religiosas, crenças e, sobretudo, acerca da história do surgimento da cidade. Ressaltamos que a maioria das entrevistas foi individual, havendo algumas interferências de amigos e familiares, porém tais interferências não prejudicaram as gravações e também não interferiram em nossas análises. Entretanto, houve duas entrevistas coletivas, uma com dois colaboradores e outra com três.

Durante todo nosso trabalho com as entrevistas, notamos que os colaboradores se sentiram confortáveis e narraram tranquilamente suas experiências e vivências de forma bastante natural e espontânea. Depois de estabelecida a confiança entre as partes (colaborador e pesquisador), os recursos audiovisuais como gravador, filmadora, câmera fotográfica e a nossa presença já não causavam mais incômodo aos colaboradores. Nesse sentido, temos uma colaboradora de 89 anos que nunca havia permitido ser fotografada; no entanto, ela aceitou fazer várias fotos conosco, causando, inclusive, admiração por parte de familiares.

Além dessas formas de registro, utilizamos outras, como a ficha de identificação do colaborador²⁰ e o diário de campo. Conforme Freitas (2003), o diário de campo consiste em anotações de eventos e impressões acerca do contexto de uma pesquisa; é também um elemento de observação, isto é, uma técnica de coleta de dados muito utilizada em pesquisas etnográficas.

De acordo com as categorizações de Barros e Lehfeld (1997 apud Freitas, 2003)²¹, a observação deste estudo classifica-se nos seguintes parâmetros: 1) não-estruturada – não seguimos critérios cronológicos ou temporais; 2) participativa e não-participativa – pesquisador não permaneceu na realidade *in locus* durante todo

²⁰Encontra-se, na seção *Apêndice* deste trabalho, o modelo desta ficha.

²¹ BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1997.

o tempo da pesquisa, mas participou de eventos e festividades do grupo pesquisado; 3) individual – realizada por um único pesquisador e 4) em campo – os dados foram coletados no contexto real do falante, ou seja, na própria residência.

Seguindo esses princípios, o diário de campo deste trabalho foi elaborado diariamente, logo após o encerramento das entrevistas. Esse é um importante documento da nossa pesquisa, que se constitui de impressões, descrições e relatos sobre as viagens, os moradores, os colaboradores e as entrevistas. Constatam também algumas observações retiradas de conversas informais com historiadores, pesquisadores, jornalistas, professores, funcionários da Secretaria Municipal de Cultura e do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional).

2.2.4 Constituição do *corpus* linguístico

Para a constituição do *corpus* oral seguimos as orientações da Linguística de *Corpus*; entretanto, não adotamos a análise computacional, tendo em vista que nossa pesquisa é predominantemente de cunho qualitativo, interpretativo e comparativo. Embora Johnstone (2000) afirme que em uma pesquisa não é possível separar o qualitativo do quantitativo, vale destacar que não adotamos a análise variacionista e quantitativa de caráter sociolinguístico, no que diz respeito ao trabalho com os dados.

O *corpus* é composto por vinte e duas entrevistas, havendo gravações de 30 minutos a duas horas de duração. Oito foram gravadas em fita cassete e catorze em aparelho MP-5 *Style*. O tempo não foi estipulado previamente, esse fator dependia da disponibilidade e espontaneidade de cada colaborador.

O referido *corpus* foi formado a partir de entrevistas, depoimentos e diálogos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador). Convém ressaltar que adotamos o termo colaborador retirado do trabalho de Costa (2005) para nos referirmos às pessoas que participaram desta pesquisa, pois, assim como a autora, acreditamos que a colaboração dessas pessoas é imprescindível para a realização de nossas pesquisas. Utilizamos a letra inicial da palavra colaborador e números para identificar os falantes, por exemplo, C.01, C.02, C.03 e assim sucessivamente.

Das vinte e duas entrevistas coletadas, selecionamos somente dezessete para serem utilizadas neste estudo, conforme a relação dos colaboradores apresentada no quadro seguinte:

Quadro 03: Relação dos colaboradores desta pesquisa					
Data	Duração da entrevista	Número do colaborador	Idade	Tempo de residência No local	Temas abordados
28/07/08	77 min.	01 (mulher) – natural de Pirenópolis-GO. Viúva	87 anos	62 anos	Família; atividades domésticas, rurais; emigração; fatos históricos; religiosidade, devoção, milagres, fé.
16/08/08	42 min	02 (mulher) - natural de Jaraguá-GO. Solteira	74 anos	74 anos	Família; juventude; festas; namoros; danças; culinárias; bordados; decepções; atividades domésticas; histórias populares.
30/08/08	59 min	03 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Solteiro	85 anos	85 anos	Folias; história de Jaraguá, escravos, garimpo; infância.
30/08/08	63 min	04 (homem) – natural de Ituitaba-MG. Viúvo	86 anos	70 anos	Família; viagem de Minas para Goiás; folias, cantigas, dança do tapuia, atividades profissionais, história de Jaraguá.
09/09/08	44 min	05 (homem) – natural de Patos-MG. União Estável	67 anos	58 anos	Viagem de Minas para Goiás; atividades profissionais; festas; história de Jaraguá; família; lembranças da infância; objetos antigos; danças; religiosidade.
09/09/08	38 min	06 (homem) – natural Jaraguá-GO. Casado	67 anos	67 anos	Folias e cavalhadas; história de Jaraguá.
15/09/08	67 min	07 (homem) – natural de Barreiras-BA. Casado	82 anos	53 anos	Viagem da Bahia para Goiás; atividades profissionais; família; objetos antigos; danças; religiosidade; fatos históricos.

15/09/08	32 min	08 (homem) – natural de Mariquita-BA. Casado	78 anos	60 anos	Folias de Reis e do Divino Espírito Santo; história de Jaraguá.
01/11/08	40 min	09 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Casado	66 anos	66 anos	Atividades profissionais; festas; família; lembranças da infância; danças; religiosidade.
02/11/08	52 min	10 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Casado	73 anos	73 anos	Atividades profissionais; festas; família; danças; religiosidade.
02/11/08	48 min	11 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Viúvo	82 anos	82 anos	Atividades profissionais; Lembranças da esposa; doenças; tristezas, emoções, dores, alegrias; histórias populares.
20/03/09	61 min	12 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Casado	79 anos	79 anos	Atividades profissionais; festas; família; folias; religiosidade; crenças.
20/03/09	33 min	13 (homem) – natural de Jaraguá-GO. Casado	69 anos	69 anos	Folias de Reis e do Divino; avalhadas; religiosidade.
27/03/09	89 min	14 (mulher) – natural de Pirenópolis-GO. Viúva	92 anos	69 anos	Atividades profissionais; costumes; fatos históricos; religiosidades; crenças, fé, milagres.
03/04/09	104 min	15 (mulher) – natural de São Francisco-GO. Viúva	89 anos	52 anos	Histórias populares; lendas de Jaraguá; histórias místicas, assombrações, macumba, aparições de mortos; família.
16/04/09	57 min	16 (homem) – natural de Jaraguá. Casado	89 anos	89 anos	Folias de Reis e do Divino; cavalhadas; religiosidade; histórias populares, crenças e misticismo.
02/05/09	45 min	17 (homem) – natural de correntina-BA. Viúvo	91 anos	74 anos	Folias de Reis e do Divino; cavalhadas; religiosidade; história de Jaraguá.

Apresentamos, a seguir, algumas características da fala desses colaboradores encontradas no *corpus* linguístico coletado na comunidade de fala de

Jaraguá. A maioria das ocorrências linguísticas é predominante no Português Vernacular do Brasil.

2.2.5 Algumas características da fala da comunidade pesquisada

Nesta seção fazemos um levantamento dos principais processos fonéticos e fonológicos que ocorrem na fala dos colaboradores desta pesquisa. Apresentamos alguns exemplos somente como ilustração, pois existe ampla recorrência desses processos no *corpus*. Dentre as mudanças linguísticas presentes na comunidade de falantes, selecionamos a vocalização pós-vocálica para ser trabalhada neste estudo, em virtude disso, todas as ocorrências desse fenômeno encontram-se negritadas nos fragmentos de fala.

Posto isto, apresentamos, nas subseções seguintes, alguns dos principais processos fonéticos e fonológicos encontrados na comunidade de fala pesquisada.

2.2.5.1 Vocalização do /l/ e /r/ pós-vocálicos no interior de palavras

1. [y] < [ɾ] ~ /r/ < [w] < /l/

a. *paymera* < *parmera* < *pawmera* < *palmeira*

b. *aytura* < *artura* < *awtura* < *altura*

*Ah! alembu, alembu dimaisi. Eu gostava di brincá era di aviãu, marrava u cipó na **paymera** du buriti, lá incimão mêmu, uns trei metu di **aytura**, i dícia di lá iscurriganu. Eu gostava dimaisi dessa bincadera. Eu quiria sê pilotu di aviãu. Mais fui sê garimperu. Tá bâu, né? Deus quis qui fosse dê jeitu. Na minha épa di mininu, eu tamein gostava di caçá **baybuleta**; tinha umas **baybuletona**, mai era bunita; tinha rajadinha, marilinha, **veymeynha**... (C.03, dados coletados em 30/08/2008)*

Ah! Lembro, lembro demais. Eu gostava de brincar de avião, amarrava o cipó na **palmeira** do buriti, lá em cima mesmo, uns três metros de **altura** e descia de lá escorregando. Eu gostava demais dessa brincadeira. Eu queria ser piloto de avião. Mas, fui garimpeiro. Está bom, não é? Deus quis que fosse desse jeito. Na minha época de menino [infância], eu também gostava de caçar **borboletas**; tinham umas **borboletonas**; tinham rajadinhas, amarelinhas, **vermelhinhas**...

2. [y] < [ɾ] ~ /r/

a. *guydura* < *gordura*

b. *poycu* < *porco*

c. *cayni* < *carne*

*Eu gostu di fazê meu arrozim é cum **guydura** di **poycu**. Mais gora, u dotori puribiu pumodi a prensão **ayta**. Eu tamein gostu da **cayni** é di **poycu**, mais tamein num tá podenu mais... coisa triste é a veyiça (C. 01, dados coletados em 28/07/2008)*

Eu gosto de fazer meu arrozinho com **gordura** de **porco**. Mas, agora o doutor proibiu por causa da pressão alta. Eu também gosto da **carne** de **porco**, mas também não está podendo mais... coisa triste é a velhice.

2.2.5.2 Vocalização intervocálica da lateral palatal sonora /ʎ/

a. *muié* < *mulher*

b. *fii* < *filho*

*Essa **muié** minha é danada. Vêi lá da Bahia suzinha atrais de mim, lá di Barrera. Saiu fugida da casa dus pai. Nós casô qui nu anu de 57. Nós teim oitu **fii**, cincu omi mais treis **muié** (C. 07, dados coletados em 15/09/2008)*

Essa mulher minha é danada. Veio lá da Bahia sozinha atrás de mim, lá de Barreiras. Saiu fugida da casa dos pais. Nós casamos aqui [Jaraguá] no ano de 1957. Nós temos oito filhos, cinco homens mais três mulheres.

c. *ispei* < *espelho*

*É u qui sempi falu, dona **Esteri**, a nossa **cunveysa** é u **ispei** da nossa **ayma**. Pur issu, eu nunca gostei di saí pur aí falanu bobagi (C. 04, dados coletados em 30/08/2008).*

É o que falo, dona Ester, a nossa **conversa** é o espelho da nossa **alma**. Por isso, eu nunca gostei de sair por aí falando bobagem.

2.2.5.3 Reestruturação silábica: paragoge e apócope

1. [lɪ] < [w] < /l/

a. paragoge (aumento de som no final da palavra): *papeli* < *papew* < *papel*

2. [ø] < [w] < /l/

a. apócope (apagamento de som no final da palavra): *enxová* < *enxovaw* < *enxoval*

*Qui, minina, issu daqui é eu qui faço. Prindi era mocinha nova, prindi suzinha, só de oi. Pegava **papeli** cum quarqué deseim i passava pu panu. Fiz meu **enxová** tudinhu, mai num casei não. Tinha um norvu, mai ele sumiu, aí num quis sabê di omi mais nãu. Discunfii qui era omi casadu. Fui cuidá da ma mamãe, mai ela já morreu, gora tô cuidanu dus subrim (C. 02, dados coletados em 16/08/2008).*

Aqui, menina, isso aqui sou eu quem faço. Aprendi era mocinha nova, aprendi sozinha, só de olho. Pegava papel com qualquer desenho e passava para o pano. Fiz meu enxoval todinho, mas não casei, não. Tinha um noivo, mas ele sumiu, aí eu não quis saber de homem mais não. Desconfio que ele era homem casado. Fui cuidar de minha mamãe, mas ela já morreu, agora estou cuidando dos sobrinhos.

2.2.5.4 Queda de fonemas no interior de palavras (síncope)

a. *ayvi* < *arvi* < *arvri* < *árvore*

*Ali pu di trais du Bancu du Brasili tinha uma gamelera, aí rancaru ela. Mais a **ayvi** grandí, viu? Fazia festa era pu debaxu da roda dela, mai num era festa boa, nãu. Era só ruindadi, coisa du treim ruim mêmu, oba de macumbaria (C. 05, dados coletados em 09/09/2008).*

Ali por de trás do Banco do Brasil tinha uma gameleira, aí arrancaram ela. Mas, a árvore era grande, viu? Fazia festa era debaixo da roda dela, mas não era festa boa, não. Era só ruindade, coisa do trem ruim mesmo, obra de macumbaria.

b. *bayba* < *barba* < *bárbara*

*Esse daqui é u lugá donde faço minhas oraçãu, u meu lugá de devuçãu. Num é **cayqué** pessoa que enta aqui nãu. A senhora dexei entá puque vi que tem u coraçãu bãu. Essa santa daqui é Santa Divigi, essi Sã Juãu, Santa **Bayba**, eu pegu muito cum ela pumode ichuva braba. Ela potegi dus raí. (C. 14, dados coletados em 27/03/2009)*

Esse aqui é o lugar de onde faço minhas orações, o meu lugar de devoção. Não é qualquer pessoa que entra aqui, não. A senhora, deixei entrar porque vejo que tem o coração bom. Essa santa aqui é Santa Edwigens, esse é São João, Santa Bárbara, eu pego muito com ela por causa de chuva brava. Ela protege dos raios.

c. *basu* < *bálsamo*

*Issu daqui é remedi pá sinusiti. É garrafagada. Teim um punhadi di coisa. Teim **basu**, ligrim, buchinha, lima-di-bicu... É tudu **cuytidu** na pinga pura (C. 13, dados coletados em 20/03/2009)*

Isso aqui é remédio para sinusite. É garrafada. Tem um punhado de coisa. Tem bálsamo, alegrim, buchinha, lima-de-bico... É tudo **curtido** [preparado] com pinga pura.

2.2.5.5 Queda de fonema no início de palavra (aférese)

a. *cabá* < *acabá* < *acabar*

*Si us maisi novu num tive infruença, as fulia vai **cabá**, puyque us maisi véi tá **cabanu**. As fulia vai **cabá** puyque num tá insinanu us maisi novu, mai us véi **caba** i as fulia nunca cabo. É um misteru di Santu Reisi. (C. 12, dados coletados em 20/03/09)*

Se os mais novos não tiverem influência, as folias vão acabar, porque os mais velhos estão acabando. As folias vão acabar porque não estão ensinando os mais novos, mas os velhos acabam e as folias nunca acabaram. É um mistério de Santos Reis.

b. *sombraçu* < *assombraçu*

*Qui tinha um coroneli, num vô falá u nomi deli, nãu. Cê tá cum essi fuxiqueru ligadu. Quanu eli morreu num parava interradu. Interrava eli num dia, noutu tava lá u **coypu** im cima da **sipuytura**. Aí pegaru eli i interrô lá na fazenda deli. Aí virô **sombraçu** lá. Fala qui eli vigia tudu lá. Meu netu, um dia, foi lá buscá piqui, quanu chego na **poytêra**, tava trancada cu cadiadu. Aí eli travessô pu dibaxu da **ceyca** di arami **feypadu**, quanu eli oiô, invinha um cavalêru, eli travessô a **poytêra** trancada i tudu. Era eli, u tali coroneli. Meu netu ficô mudu. Demorou voytá a voiz neli di novu (C. 15, dados coletados em 03/04/2009)*

Aqui tinha um coronel, não vou falar o nome dele, não. Você está com esse fuxiqueiro ligado [gravador]. Quando ele morreu, não parava enterrado. Enterrava ele num dia, no outro estava lá o **corpo** em cima da **sepultura**. Aí pegaram e enterraram ele na fazenda dele. Aí virou assombraçu. Falam-se que ele vigia tudo lá. Meu neto, um dia, foi lá buscar pequi, quando chegou na **porteira**, estava trancada com cadeado. Aí ele atravessou por baixo da **cerca** de arame **farpado**, quando ele olhou, vinha um cavaleiro, ele atravessou a porteira trancada e tudo. Era ele, o tal coronel. Meu neto ficou mudo. Demorou voltar a voz dele novamente.

c. *trasadu* < *atrasado*

*A vida era muito custosa, difíci. Eu tabaiava dimais, tabaiava di braçu, tabaiava nas roça. Meus fii é tudu **trasadu**, num tinha iscola. A genti mali cumia. Nu Natali, us pobizim ficava isperanu u Papai Noeli. Eu pá ingambelá ezi, compava cavalim i vaquinha di prasti, inrolava na paia i punha nu sapatinho dezi di noite. Pa mim punha torremi i pu meu marido punha fumu di rolu. Alembu qui ezi ficava aliquim cum essas **poycaria** (C. 14, dados coletados em 27/03/2009)*

A vida era muito custosa, difícil. Eu trabalhava demais, trabalhava de braço, trabalhava nas roças. Meus filhos são todos atrasados [não-escolarizados],

não tinha escola. A gente mal comia. No Natal, os pobrezinhos ficavam esperando o Papai Noel. Eu, para engambelá-los, comprava cavalinhos e vaquinhas de plástico, enrolava na palha e punha no sapatinho deles à noite. Para mim, punha torresmo e para o meu marido punha fumo de rolo. Lembro que eles ficavam alegriinhos com essas **porcarias** [Coisas sem valor].

2.2.5.6 Conversão de uma vogal oral em nasal (nasalização)

a. *indintidadi* < *identidade*

*Eu tô cum noventa i dois anu, vô interá noventa i treis gora nu mês di novembí. Faiz as conta, eu sô di mili i novecentu i... Num tô alembanu. Já tô caduca. Vô lá dentu pegá a **indintidadi** pu cê vê (C. 14, entrevista em 27/03/2009).*

Eu estou com noventa e dois anos, vou inteirar noventa e três agora no mês de novembro. Faz as contas, eu sou de mil e novecentos e... Não estou lembrando. Já estou caduca (risos). Vou lá dentro pegar a identidade para você ver.

b. *inducaçu* < *educação*

*Nas fulia é tudu ajeitadu. Teim us encarregadu di fazê us apreparu. Teim cumida pá todú mundu. Primeru é us fuliãu qui **seyvi**. Dispois é na fila, todú mundu isperá a veiz deli. Genti sem **inducaçu** é cunvidada a batê ni retirada. Num teim fuliãu malí inducadu, si nãu elí num **payticipa**, podi sê omi ô podi sê muié (C. 06, dados coletados em 09/09/2008)*

Nas folias é tudo ajeitado. Tem os encarregados de fazer os preparos. Tem comida para todo mundo. Primeiro são os foliões que se **servem**. Depois é na fila, todo mundo espera sua vez. Gente sem educação é convidada a bater em retirada. Não tem folião mal educação, se não ele não **participa**, pode ser homem, pode ser mulher.

2.2.5.7 Assimilação de fonemas vocálicos (monotongaço)

1. Ditongo crescente (semivogal+vogal)

a. *negóçu* < *negócio*

*Jeraguá, uns anu atrais, uns vinti anu, era uma cidadi parada, num cricia. Véia, mais parada, aí pareceu as confecçu i u povu incuntiu naquilu i viu qui u **negóçu** era bãu, deu **cewtu**, né? I a cidade invai crecenu (C. 06, dados coletados em 09/09/2009)*

Jaraguá, uns anos atrás, uns vinte anos, era uma cidade parada, não crescia. Velha, mas parada, aí apareceram as confecções e o povo encutiú

naquilo e viu que o negócio era bom, deu **certo**, né? E a cidade vai crescendo.

b. *maquináru* < *maquinário*

*Quandi eu vim qui pá Jaraguá, eu fui trabaiá ni lavora, ni coiêta di **aygudão**. Hoji num precisa mais, hoji é tudu nu **maquináru**. As coisa muda dimais, né? Pá sinhora vê, quando eu cheguei qui, era uma currutela, gora tá uma cidadi dessi tamaim. Num dá mais pá i a pé daqui lá na saidera ô lá nu hospitali* (C. 17, dados coletados em 02/05/2009).

Quando eu vim aqui para Jaraguá, eu fui trabalhar em lavoura, em colheita de **algodão**. Hoje, não precisa mais, hoje é tudo no maquinário. As coisas mudam demais, né? Para a senhora ver, quando eu cheguei aqui, era uma currutela, agora está uma cidade desse tamanho. Não dá mais para ir a pé daqui lá para a Saideira [bairro] ou lá no hospital.

2. Ditongo decrescente (vogal+semivogal)

a. *massera* < *masseira*

*Açuca, faiz du memu jeitu qui faiz meladu. Aí põi eli na **massera**. Dispois qui eli çucara, aí põi barru. Aí quantu mais **peytu** du barru, a açuca é mais **ayvu**. Já a pinga é **fiyvidu**, é du suoli qui vira pinga. Ah, mai si pinguçu subé u tantu qui pinga é **poycaiãu**, eli num bibia, nãu* (C. 14, dados coletados em 27/03/2009).

Açúcar, faz do mesmo jeito que faz melado. Aí põe ele na masseira. Depois que ele açucara, aí põe barro. Aí quanto mais perto do barro, o açúcar é mais **alvo**. Já a pinga é **fervido**, é do suor que vira pinga. Ah, mas se pinguço soubesse o tanto que a pinga é **porcalhona**, ele não bebia, não.

b. *intêru* < *inteiro*

c. *caygueru* < *cargueiro*

*Lá na Bahia, nós fazia rapadura u anu **interu**, eu era mocin novu. Ih, mais, nós fazia muita rapadura, nós tinha u ingein. Aí, nós impaiolava eza pá vendê, pá podê **cunseyvá** i num istragá. Era muita rapadura, inchia muito **cayguêru** e saía pá vendê nas redondeza* (C. 17, dados coletados em 02/05/2009).

Lá na Bahia, nós fazíamos rapadura o ano inteiro, eu era mocinho novo. Ih, mas, nós fazíamos muita rapadura, mesmo. Nós tínhamos o engenho. Aí, nós as empaiolávamos [embalávamos] para vendê-las, para que se **conservassem** e não estragassem. Era muita rapadura, enchíamos muitos **cargueiros** e saíamos para vendê-las nas redondezas.

2.2.5.8 Acréscimo de fonema no interior da palavra (epêntese)

a. *nois* < *nós*

b. *arroiz* < *arroz*

*Tevi uma épa qui **nóis** passô muita dificuldade. Papai prantava roça. Aí ia compranu as coisa, us treim di cumé, nus **aymazeim** pá pagá dispois que cuía, né? Aí num foi nada, nãu, minina. Papai chegô choranu ca mãe cabeça i falanu qui tinha **piydidu** tudu. Deu uma inchetti muinti **foyti** i lamiô u **arroiz** tudim du papai. Tinha tanta conta pá pagá, papai ficô ni tempu di ficá doidu, ficô discabriadu. **Nois** só num passô fomi **puyque** Deus num deixô (C. 01, dados coletados em 28/07/2008)*

Teve uma época que nós passamos muita dificuldade. Papai plantava roça. Aí, ia comprando as coisas, trens de comer, nos **armazéns** para pagar, depois que colhesse, né? Aí, não foi nada, não, menina. Papai chegou chorando com a mão na cabeça e falando que tinha **perdido** tudo. Deu uma enchente muito **forte** e lameou o arroz todinho do papai. Tinha tanta conta para pagar, papai ficou em tempo de ficar doido, ficou descabriado [desorientado]. Nós só não passamos fome **porque** Deus não deixou.

c. *faiz* < *faz*d. *mais* < *mas*c. *malaindu* < *malandro*

*Já **faiz** mais di setenta anu qui tô moranu aqui. Eu vim di Mina Gerais, nunca mais **voytei** lá. Eu teim dois sentimentu na ma vida. Num **impoytu** di sê petu, fei, pobi. Essi sentimentu eu tenhu, num cunhici meu pai i teim poca lembaça da ma mãe. Aqui já foi muito bãu di morá, **mais** hoji, num tá bãu mais nãu. Teim muito **malaindu**, essi povu qui mexi cum maconha. Num podí distaí si nãu é riscadu cê saí di casa i num **voyta** mais (C. 04, dados coletados em 30/08/2008).*

Já faz mais de setenta anos que estou morando aqui. Eu vim de Minas Gerais, nunca mais **voltei** lá. Eu tenho dois sentimentos em minha vida. Não **importo** de ser preto, feio, pobre. Esses sentimentos eu tenho, não conheci meu pai e tenho pouca lembrança da minha mãe. Aqui já foi muito bom de morar, mas hoje, não está bom mais não. Tem muito malandro, esse povo que mexe com maconha. Não pode distrair que se não é arriscado você sair de casa e não **voltar** mais.

2.2.5.9 Acréscimo de fonema no início da palavra (prótese)

a. *alembu* < *lembro*

*Qui eu **alembu** as musga dus tapui era du pexi i da batatinha, a intada da rainha. Teim uma moda que us dançadô pula i bati us **aycu** lá nu ari i guita, essa é du finali. É só omi qui dança. Si u Vicenti **bayberu** mi cupainhá ca sanfona eu cantu pu cê. Mais hoji eli ta tabaianu. Eu alembu di tudu. Gora só resta eu e u Mané Sepecadu dus tapui véi. U restu já morreu tudu (C. 04, dados coletados em 30/08/2008)*

Que eu lembro as músicas dos tapuias, eram a do peixe e da batatinha e a entrada da rainha. Teim uma moda que os dançadores pulam e batem os **arcos** lá no ar e gritam, essa é do final. É só homem que dança. Se o Vicente **barbeiro** me acompanhar com a sanfona eu canto para você. Mas, hoje ele está trabalhando. Eu lembro de tudo. Agora só resta eu o Manoel Sapecado dos tapuias velhos. O resto todos já morreram.

O nosso propósito consiste tão somente em apresentar algumas ocorrências fonéticas e fonológicas que caracterizam a fala das pessoas que participaram desta pesquisa. No próximo capítulo (subseção 3.5), conceituamos, listamos, descrevemos e exemplificamos os processos fonéticos e fonológicos que segundo Coutinho (1975) ocorreram, primeiramente, no Latim e continuam se desenvolvendo nas línguas neolatinas, no caso, o Português do Brasil.

CAPÍTULO 3

LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

A Língua nos fortalece, ela nos torna um povo de muitos milhões somados através dos séculos. (HALLDORSSON, 1994 APUD MEY, 1998, P. 81).

Neste capítulo, temos como propósito crucial fazer alguns apontamentos sobre a história do Português Brasileiro, seu sistema estrutural e as principais teorias da sílaba. Introduzimos o tema apresentando uma síntese acerca da origem e da formação da nossa língua (seção 3.1). Evidentemente, ela não abrange toda a complexidade do assunto, mas apresenta ampla relevância para o estudo desenvolvido nesta pesquisa, e também constitui-se em uma bússola para futuros estudos e especulações acerca do tema.

Nas seções e subseções seguintes, descrevemos o sistema estrutural do Português: os fonemas vocálicos são descritos na subseção 3.2.1 e os consonantais na subseção 3.2.2; por ser foco de nossas análises, apresentamos os traços distintivos e o conceito de classe natural na seção 3.3; o conceito de sílaba, padrões silábicos do Português e tonicidade são mostrados na seção 3.4; a sílaba na perspectiva das teorias Estruturalista e Métrica é apresentada na seção 3.5 e as mudanças linguísticas (fonéticas e fonológicas) são apresentadas na seção 3.6.

3.1 Origem e formação do Português Brasileiro

Tradicionalmente, a Língua Portuguesa é marcada pela história do Latim modificado pelas circunstâncias nas quais se desenvolveu, ou seja, está intimamente ligada a fatos históricos que se tornaram definitivos para o desenvolvimento da Língua Latina em várias partes do mundo, como também responsáveis pela sua transformação em línguas neolatinas.

Por meio da conquista de vários territórios pelo povo romano, a Língua Latina foi levada aos mais diferentes povos. Segundo Ilari (1990), em cada lugar em que o Latim chegava, dialetava-se e se desenvolvia originando novas línguas, conhecidas como românicas ou neolatinas.

De acordo com Silva (2008), na região da Península Itálica havia duas variedades de Latim, o Clássico (*sermus urbanus*) e o Vulgar (*sermus vulgaris*). De modo sucinto, a primeira variedade era utilizada geralmente pelos escritores, gramáticos e pessoas letradas e a segunda era utilizada no processo da comunicação oral entre as pessoas dos mais variados graus de letramento. Ainda de acordo com Silva (2008), esse fator foi crucial para o estabelecimento do Latim Clássico como língua de cultura, ao passo que possibilitou a rápida evolução e diversificação do Latim Vulgar. Nesse sentido, a autora ressalta que as consequências habituais do descompasso da grafia em relação à pronúncia ficam comprovadas pela complexidade de algumas evoluções fonéticas que as grafias não conseguiram acompanhar.

Os linguistas, de modo geral, compartilham o ponto de vista de que as línguas românicas se originaram do Latim Vulgar, isto é, do Latim Coloquial. Embora os estudiosos se deparem com dificuldades para reconstituir essa variedade do Latim, Lausberg (1995) enfatiza que o estudo da origem das línguas românicas apresenta grande vantagem em relação às demais línguas do mundo, pelo fato de existirem fontes escritas que chegaram aos nossos dias. (FERREIRA E AGUIAR, 2008).

Entre os registros da Língua Latina Vulgar estão as inscrições tumulares, documentos religiosos, inclusive uma versão do Novo Testamento conhecida como *Vulgata*, obras literárias populares e o principal documento denominado *Appendix Probi*, elaborado pelo gramático Probo, o qual contém uma lista com mais de duzentas palavras escritas em Latim Vulgar e sua grafia em Latim Clássico. Esse documento configura-se como uma espécie de gramática da época em uma tentativa de correção da língua falada. (ILARI, 1990).

No território lusitano houve o desenvolvimento do dialeto Galego-Português, que, de acordo com Silva (1973), era adotado somente na modalidade falada. Posteriormente, esse dialeto evoluiu, originando a língua nacional. Coutinho (1975) ressalta que, em virtude da independência política de Portugal, ocorreu a diferenciação entre o Português e o Galego. Ainda de acordo com esse autor, a Língua Portuguesa se desenvolveu por meio de obras literárias, destacando-se, principalmente, na poesia.

Em seu percurso de consolidação, a Língua Portuguesa formou-se, na maior parte, por termos populares oriundos do romance através do processo de

continuidade linguística; mas também incorporou termos eruditos, empréstimos do Latim Clássico, de cunho literário, como é o caso dos superlativos, *magérrimo*, *frigidíssimo*, *nigérrimo*.

É consabido que a porção mais representativa é constituída por elementos de origem latina, principalmente de itens populares, porém a Língua Portuguesa ostenta em seu pecúlio lexical, vocábulos provenientes de sistemas linguísticos muito diferentes como Árabe, Provençal, Holandês, Hebraico, Chinês, Turco, Japonês, Alemão, Russo; temos ainda línguas bem familiares como o Espanhol, o Inglês, Italiano e o Francês que juntamente com outras contribuíram para moldar esse sistema linguístico heterogêneo que é o Português. (CLARE, 2009). Gnerre (1998) assinala que a introdução de alguns compêndios de gramática, entre eles, a Gramática de Fernão de Oliveira, contribuiu significativamente para a institucionalização do Português.

O Português Europeu sofreu (sofre) evoluções fonéticas relevantes que têm alterado, de forma significativa, sua estrutura. No caso específico do Português Brasileiro as mudanças são ainda mais notáveis e diferenciadas devido à presença de povos indígenas, no território brasileiro, falantes de inúmeras línguas provenientes de troncos linguísticos diferentes; e também dos negros africanos que chegaram, a partir de 1532, falantes de línguas pertencentes ao tronco linguístico Niger-Congo. Nesse cenário, surgem as línguas gerais²² que eram adaptadas e empregadas no processo de comunicação entre europeus, índios e negros. (ILARI E BASSO, 2006).

A Língua Portuguesa, como sabemos, foi implantada no Brasil através da colonização portuguesa, a qual se defrontou com várias línguas indígenas aqui existentes. Durante os primeiros séculos de colonização, as línguas indígenas tiveram prevalência sobre o Português, uma vez que os povos indígenas constituíam maioria em número de falantes, sendo que os mesmos possuíam conhecimento sobre os elementos ligados à fauna e à flora. Nesse sentido, a predominância de elementos linguísticos de origem indígena no Português Brasileiro está intimamente

²² [...] no contexto da colonização, os colonizadores ao encontrarem nas terras conquistadas várias línguas diferentes entre si, forçaram as populações submetidas a adotar, no contato com os colonizadores, uma única língua entre as efetivamente faladas, ou uma língua artificial, que é uma mistura dessas línguas. É evidente que a política das línguas gerais nega a diversidade linguística e cultural dos vencidos e constitui uma forma de dominação. Um exemplo de língua geral é a *nhengatu* (boa língua) que teve difusão no norte e ainda sobrevive em regiões circunscritas da Amazônia." (ILARI e BASSO, 2006, p. 62) (grifo nosso)

relacionada ao conhecimento que essas populações detinham sobre a fauna e a flora, fato que lhes concedia certo poder sobre a terra em detrimento ao poder do colonizador.

Ainda sobre esse assunto, Mattos e Silva (2004, p. 64) assinala que foram “[o]s próprios jesuítas e outros missionários católicos que por necessidade de sua obra catequética, estimularam nos aldeamentos e escolas o uso de línguas indígenas em desproveito da língua do colonizador”. Nessa mesma linha de pensamento, Silva Neto (1976, p. 97) afirma que “os mercadores e senhores de engenho, ávidos de lucros, e o Santo Francisco Xavier, sequioso de almas para Jesus” aderiram ao uso das línguas indígenas .

Então, conforme esses autores, nos primeiros séculos da colonização, o branco europeu aderiu às línguas indígenas, tendo em vista os seus próprios interesses religiosos e econômicos. Mattos e Silva (2004) nos informa que as línguas indígenas foram utilizadas oficialmente até o governo do primeiro ministro do período absolutista, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal:

E foi assim até 1757, quando o Marquês de Pombal por lei proíbe o uso de quaisquer outras línguas, cria a primeira rede leiga de ensino, expulsa os jesuítas, estabelece um ordenamento jurídico e administrativo, o que resulta numa nova política lingüística e cultural em que a Língua Portuguesa passa a ser obrigatória. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 64).

A partir desse advento histórico, através das ações políticas de Pombal, o Português é implantado oficialmente, porém bastante influenciado pelos elementos linguísticos de origem indígena e africana. A respeito desse assunto, Bonvini (2008, p. 54) enfatiza que as palavras de origem africana incorporadas ao Português do Brasil são claramente em menor número do que as de origem tupi-guarani.

Carvalho (2009) aponta que a contribuição africana é mais relevante no campo religioso e culinário, enquanto que a indígena está mais relacionada à natureza como as entidades que nomeiam a fauna e a flora. São palavras de origem africana, por exemplo, *quitute*, *engambelar*, *berimbau* e de origem indígena, podemos citar *tapera*, *araponga*, *guarioba*, *tapioca*, *guri*, *cutucar*, *tocaia*. Camara Jr. ([1970] 2008) denominou esses vocábulos indígenas como empréstimos íntimos pertencentes ao sistema linguístico do Português do Brasil.

3.2 Elementos Estruturais do Português

3.2.1 Fonemas vocálicos

O sistema vocálico do Português constitui-se em um sistema triangular de acordo com o conceito elaborado por Trubetzkoy (1929). Fundamentado nesse conceito, Camara Jr. ([1970] 2008) elaborou um esquema para os fonemas vocálicos considerando seus traços articulatórios. Em relação aos sons vocálicos, Callou e Leite (1993, p.23) afirmam que “as vogais são sons que resultam da passagem livre do ar produzindo vibrações periódicas complexas”, ou seja, as vogais classificam-se em sonoras e são produzidas sem qualquer obstrução.

De acordo com Camara Jr. ([1970] 2008, p.43), “o sistema vocálico tônico do Português Brasileiro é constituído por sete vogais”. Os fonemas vocálicos do Português e suas classificações são mostrados no quadro a seguir.

Quadro 04: Fonemas vocálicos do Português		
	não-arredondados	arredondados
Altos	/i/	/u/
Médios (2º grau)	/e/	/o/
Médios (1º grau)	/ɛ/	/ɔ/
Baixo	/a/	
	frontal	central posterior

Fonte: adaptado de Camara Jr., ([1970] 2008)

Segundo Camara Jr. ([1970] 2008) o sistema vocálico do Português do Brasil apresenta um número diferente de vogais em posição tônica e nas posições átonas das palavras. Por conseguinte, temos: sete vogais tônicas que se reduzem a cinco, diante de consoante nasal, na sílaba seguinte; cinco vogais pretônicas, quatro postônicas não-finais e apenas três em final de sílaba. Ainda de acordo com Camara Jr. ([1970] 2008), essa diminuição do número de vogais ocorre, principalmente, pela

perda de contraste na série das vogais médias, ou seja, as médias de primeiro grau são assimiladas pelas médias de segundo grau.

O que pode explicar esse fenômeno, segundo postulados de Schane (1973), é o fato de que geralmente as vogais tônicas são sensivelmente mais fortes que as átonas. As primeiras, frequentemente, sofrem ditongação, processo que as tornam ainda mais proeminentes. Por outro lado, as vogais átonas possuem menos distância perceptível entre si e devido a essa característica podem ser neutralizadas. Esse processo leva à existência de um número reduzido de vogais, porém, com maior distância perceptível entre dois fonemas vocálicos quando os mesmos são adjacentes.

3.2.1.1 Vogal assilábica

As vogais assilábicas, semivogais ou semiconsoantes [y] e [w] têm constituído uma discussão controvertida na análise fonológica. A controvérsia se refere à classificação desses fonemas no inventário fonológico. Alguns autores os classificam como vogais, no entanto, outros os consideram como consoantes. Na perspectiva de Coutinho (1975), as semivogais são sons mistos; dito de outra forma, elas participam tanto da classe das vogais como da classe das consoantes.

Na proposta inicial de Camara Jr. ([1970] 2008, p.45-6), a vogal assilábica pode ser interpretada como uma consoante, pois não possui proeminência acentual, além de funcionar como uma consoante. No entanto, essa interpretação causa alteração no quadro consonântico do Português.

Uma proposta alternativa de Camara Jr. classifica as semivogais como parte do sistema vocálico do Português, considerando, principalmente, a propriedade fonêmica dos ditongos. Camara Jr. ([1970] 2008, p. 46) assinala, então, que a vogal assilábica deve ser interpretada como vogal, ou melhor, como alofone assilábico de uma vogal e jamais como uma consoante. Nesse mesmo sentido, Head (1964 apud Camara Jr., [1970] 2008)²³ reconhece que foneticamente as

²³ HEAD, B. **A comparison of segmental phonology on Lisbon and Rio de Janeiro**. Ph. D. Thesis for the University of Texas, Austin, 1964.

semivogais são caracterizadas como vogais, embora considere que sejam consoantes.

Em nossa análise adotamos, portanto, a proposta de que as semivogais são parte do sistema vocálico do Português Brasileiro; sendo assim, a estrutura silábica permite duas vogais seguidas. Na perspectiva desta pesquisa, a semivogal ocorre somente posterior à vogal nuclear, por se constituir resultado do processo de vocalização pós-vocálica; nesse processo de transformação ocorrem somente ditongos decrescentes, ou seja, a sequência vogal+semivogal (Vv). Conforme Coutinho (1975), a vocalização se constituiu a principal causa da ditongação no Português.

Segundo os estudiosos, geralmente, ditongos em Português são tratados como uma cadeia de segmentos vocálicos. Nessa sequência, um segmento é interpretado como elemento mais silábico, ou seja, a vogal, e o outro é interpretado como semiconsoante, semivogal, vogal assilábica ou *glide*.

Em ditongos decrescentes, esse elemento possui a função de uma vogal modificada por outra que está no núcleo silábico, então, é o elemento que ocupa a posição periférica da sílaba (coda). Desse modo, das sete vogais orais, /i/ e /u/ funcionam também como semivogais [y] e [w], ou seja, como vogais periféricas, sem proeminência acentual, que não ocorrem em posição de núcleo silábico.

3.2.2 Fonemas consonantais²⁴

Segundo Callou e Leite (1993, p. 23), os fonemas consonantais “são vibrações aperiódicas ou ruídos ocasionados pela obstrução total ou parcial da corrente de ar devido à ação de dois articuladores.” Considerando que essa obstrução se traduz numa redução da energia total do espectro acústico, as consoantes do Português dividem-se em surdas e sonoras. Nessa perspectiva, as consoantes são fonemas resultantes do obstáculo oposto pelos órgãos vocais à corrente de ar sonorizada ou não pela glote. (COUTINHO, 1975).

Esses fonemas são classificados também quanto ao ponto e modo de articulação e à sonoridade, conforme são apresentados no quadro²⁵, a seguir, em

²⁴ No Latim, não existem os fonemas /z/ e /v/, foram reconhecidos pelo filólogo dinamarquês Rasmus Rask e por isso são chamados de ramistas.

que *sr* significa fonema surdo (desvozeado) e *sn* significa fonema sonoro (vozeado).

Quadro 05: Fonemas consonantais do Português												
	Bilabiais		Labiodentais		Linguodentais		Alveolares		Palatais		Velares	
	sr	sn	sr	sn	Sr	sn	sr	sn	sr	sn	sr	sn
Oclusivo	p	b			t	d					k	g
Fricativo			f	v			s	z	ʃ	ʒ		
Africado												
Nasal		m				n					ɲ	
Lateral							l		ʎ ²⁶			
Vibrante fraca							r					
Vibrante forte							r					

Fonte: adaptado de Camara Jr. [1970], 2008

Para Camara Jr. ([1970] 2008), o fonema consonantal se constitui no elemento que combina com um fonema vocálico para formar sílabas. Quanto à posição que ocupa na sílaba, o fonema consonantal pode ser pré-vocálico, pós-vocálico e intervocálico. Embora Camara Jr. ([1970] 2008) adote essa classificação de três posições silábicas, devemos ressaltar que, considerando o âmbito da sílaba, um fonema consonantal pode ocupar duas posições, a pré-vocálica, como na palavra *prata*, e pós-vocálica, como em *porta*. Para obter a consoante em posição intervocálica, temos que considerar o domínio da palavra, por exemplo, *carroça*.

Desse modo, o fonema consonantal pré-vocálico domina a fase final em que se desfaz uma obstrução, superando o impedimento bucal à passagem da corrente de ar. Por outro lado, o fonema consonantal pós-vocálico concentra o processo articulatorio na fase de cerramento e assim a abertura da boca que produz a vogal silábica se reduz ou anula a continuidade, para a realização do elemento consonântico de travamento da sílaba. Já em posição intervocálica, a consoante ocorre no meio de palavras, entre duas ou mais vogais. Esse se constitui

²⁵ Fonemas consonantais do Português (CALLOU E LEITE, 1979; COUTINHO, 1975; CAMARA JR., [1970] 2008).

²⁶ Originário do Provençal

o contexto mais favorável ao aparecimento de fonemas consonantais, devido, principalmente, ao padrão silábico CV que é o mais usual na maioria das línguas. (CAMARA JR., [1970] 2008).

Quanto à ocorrência dos fonemas consonantais pós-vocálicos²⁷, Camara Jr. assinala que há poucos fonemas que ocupam essa posição no Português. Ainda de acordo com o autor, esses fonemas se resumem às nasais /m/ e /n/, à lateral /l/, à vibrante /r/ e às fricativas alveolares /s/ e /z/. Nessa posição, o fonema /r/ sofre muita variação, possuindo cerca de seis alofones no território brasileiro. Dentre essas variáveis, temos o [ɾ], variante encontrada no *corpus* linguístico analisado neste estudo.

A seguir, mostramos os alofones do /r/ pós-vocálico (subseção 3.2.2.2) e do /l/ pós-vocálico (subseção 3.2.2.3) que ocorrem no Português Brasileiro e, conseqüentemente, as variáveis encontradas em nossos dados e analisadas neste estudo.

3.2.2.1 Alofones do /r/ pós-vocálico

O fonema /r/ em posição pós-vocálica, no interior e final de palavras, constitui-se em um dos fonemas que mais sofre alteração na Língua Portuguesa Brasileira. Callou (1996) enfatiza que, como prova disso, só na cidade do Rio de Janeiro, é possível verificar a realização de quatro variáveis para esse fonema quando se encontra em posição pós-vocálica no interior da palavra e de até seis variáveis quando se encontra em posição final da palavra. Dentre as possíveis realizações para essa última posição, podemos encontrar a fricativa velar [x], a fricativa glotal [h] e o zero fonético [ø]. (CALLOU E LEITE, 1979).

²⁷ Esses fonemas apresentam distribuição peculiar e por isso são também classificados como arquifonemas; segundo Crystal (1988), este termo é usado em fonologia para se referir à neutralização, ou seja, quando o contraste entre os fonemas se anula em posição pós-vocálica, geralmente no interior de palavras. Trubetzkoy (1890-1939, apud Crystal, 1988) sugeriu que essa categoria fosse transcrita com um símbolo diferente; assim, os arquifonemas são representados por uma letra maiúscula. Na Língua Portuguesa, segundo a proposta de Camara Jr. ([1953] 2008), há quatro arquifonemas /Z/, /N/, /R/ e /L/ em posição pós-vocálica.

Oliveira (2001) assinala que, ao analisarmos os atlas linguísticos ou ao observarmos trabalhos realizados em algumas cidades do Brasil, podemos verificar que uma das variáveis possíveis para esse fonema, quando se encontra em posição pós-vocálica, é a realização do zero fonético [ø]. Na maioria das regiões do país, o apagamento do /r/ em final de palavra é identificado como um processo quase categórico; geralmente, esse processo ocorre em verbos, mas também apresenta recorrência em nomes e adjetivos.

Camara Jr. ([1970] 2008) nos esclarece que o /r/ forte pode ocorrer em posição inicial, em posição intervocálica e em posição pós-vocálica. Nessa mesma perspectiva, Callou (1979) explicita que os alofones desse fonema podem ocorrer em posição inicial e são totalmente possíveis em posição pós-vocálica, sendo que nessa posição, além das variáveis, ocorre também a realização do glotal [ʔ] e do zero fonético [ø]. Este último é um fenômeno bastante recorrente em verbos e, de modo específico, a autora cita a fala carioca, à qual ela dedicou grande parte de seus estudos.

Cabe apontar que a realização do zero fonético em final de verbos é muito recorrente em todas as regiões do Brasil. Esse processo ocorre naturalmente, independentemente de fatores extralinguísticos. Podemos afirmar que esse fenômeno faz parte do processo de organização da estrutura da sílaba em Português; de modo mais explícito, podemos dizer que é um processo intralinguístico.

Há em Português um /r/ simples e um /r/ múltiplo. O primeiro é o que mais ocorre em posição pós-vocálica no território brasileiro. Bisol (1999) aponta que as variáveis para o /r/ pós-vocálico são múltiplas; assim temos vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [ɣ], aspirada [h] e um som retroflexo [ɾ].

Conforme Amaral (1976), o som do [ɾ] assemelha-se ao som do /r/ em Inglês, que se realiza a partir da projeção da ponta da língua contra a arcada dentária superior; sendo que um movimento semelhante reproduz essa variável em Português. Desse modo, “a língua eleva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal”. (AMARAL, 1976, p. 47).

Segundo Cristófar (1999), a realização do /r/ pós-vocálico, no Português do Brasil, varia de região para região, de cidades metropolitanas para cidades

interioranas, e também difere da realização praticada em Portugal. No entanto, Teyssier (1959) destaca que há uma tendência dos dois países, Brasil e Portugal, a fazer com que tanto o /r/ fraco quanto o /r/ forte vibrem. Assim, a parte posterior da língua, por várias vezes, toca o véu palatino, aproximando-se da realização do /r/ em Francês. Tal fato também foi confirmado pelo linguista brasileiro Camara Jr. ([1970] 2008).

Na próxima subseção, mostramos as variáveis do /l/ em posição pós-vocálica.

3.2.2.2 Alofones do /l/ pós-vocálico

De acordo com Silva Neto (1988, p. 206), o fonema /l/ apresentava formas diferentes na variedade literária do Latim: em início de palavra *lepus*; em posição medial intervocálica *color*; geminado *ille*; antecedendo consoante *albus*; depois de consoante *clarus*; e em final de palavra *sol*.

A respeito do /l/ pós-vocálico, que era denominado *pinguis* ou *gordo*, pelos gramáticos latinos, Camara Jr. ([1970] 2008, p. 51), assinala que,

daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica se chama <<vocalização>> da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar, e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. O resultado é um /u/ assilábico, e *mal* torna-se homônimo de *mau*, *vil* de *viu* e assim por diante.

No Português Brasileiro, o /l/, em posição pós-vocálica, pode se realizar de três maneiras distintas: [l] alveolar, [ɫ] velar e [w] semivogal. Essa última realização do /l/ pode ser verificada através de vários trabalhos como os de Sêcco (1977), Lopez (1979), Cagliari (1981), Quednau (1993) e outros.

Essas variáveis, muitas vezes, são consideradas livres ou de aplicação imprevisível, porém é necessário observar alguns fatores condicionantes quanto à realização dessas variáveis. Neste estudo, estamos considerando as variantes linguísticas, ou seja, os contextos fonológicos precedentes e posteriores e os traços binários em comum entre as consoantes líquidas e as vogais.

Segundo Camara Jr. (1988), esse fonema é considerado líquido lateral no Português. Desta feita, em posição pré-vocálica, possui articulação dental, porque a ponta da língua encosta na arcada dentária superior e, conseqüentemente, a corrente de ar escapa pelos lados.

Quando o /l/ se encontra em posição pós-vocálica, ele ocorre categoricamente como [w], praticamente em todo território nacional em posições mediais e finais de sílabas. Contudo, na comunidade de fala pesquisada, o fonema /l/ pós-vocálico se realiza como [l] alveolar, no final de palavras, como *sal* > *sali*, *curral* > *curreli*, *sol* > *soli*, e se vocaliza na semivogal [y], no interior de palavras, como em *almoço* > *aymoçu*, *salgada* > *saygada*, *volta* > *voyta*. Nessa mesma posição da sílaba, o /l/ também se realiza como /r/, por exemplo *armoçu*, *sargada*, *vorta*. Nos dados analisados, não verificamos ocorrência da vocalização do [l] em [w]. A seguir, caracterizamos, segundo os traços binários, a classe natural que estamos enfocando neste estudo: /l/, /r/, [w] e [y].

3.3 Traços distintivos e classes naturais

Mostramos, nas seções 3.2.1 e 3.2.2, o esquema classificatório não-binário dos fonemas do Português, sendo que há três alturas para os fonemas vocálicos (alta, média e baixa) e os vários pontos de articulação para os fonemas consonantais (bilabial, labiodental, linguodental).

No sistema de classificação binário, ao invés de rótulos, por exemplo, surdo e sonoro, é estabelecido somente um traço distintivo, sonoro, antepondo-se ao sinal positivo [+] ou negativo [-] para indicar se o atributo se faz presente ou não (CALLOU E LEITE, 1993, p. 39).

Callou e Leite (1993, p. 39-40) assinalam que os traços distintivos mais disseminados nos trabalhos sobre a Língua Portuguesa são os de Jakobson, Fant e Halle (1961) e os de Chomsky e Halle (1968). No quadro seguinte, apresentamos os fonemas do Português e a classificação, conforme os traços binários.

Quadro 06: Matriz fonológica dos fonemas consonantais do Português																			
	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	ʎ	r	ʀ
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
Cont.	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+
Anterior	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+	-	+	-
Sonoro	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
Nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-

Fonte: Callou e Leite, 2005, p. 74

Conforme Schane (1975, p. 48), os principais traços de classe são três [silábico], [soante] e [consonantal], os quais abrangem as propriedades dos fonemas vocálicos e consonantais relacionadas com silabicidade, sonoridade e tipo de constrictão. De modo geral, as vogais são [+silábicas], enquanto as consoantes são [-silábicas]. O traço [soante] está relacionado à qualidade de ressonância de um determinado som. As vogais, nasais, líquidas e semivogais são [+soantes]. Os fonemas fricativos, oclusivos, africados e *glides* laríngicos são [-soantes]. O traço [consonantal] se refere a uma forte constrictão na cavidade oral, seja oclusão total ou fricção. Desse modo, os sons oclusivos, fricativos, africados, nasais e líquidos são [+consonantais], ao passo que os vocálicos e semivocálicos são [-consonantais]. Os *glides* laríngicos também se classificam como [-consonantais].

Os principais traços distintivos e as classes de fonemas encontram-se representados na matriz fonológica a seguir:

Quadro 07: Matriz fonológica					
Traços Distintivos	Obstruintes da cavidade oral	Nasais e Líquidos	Glides laríngicos	Semivogais	Vogais
Silábico	-	-	-	-	+
Soante	-	+	-	+	+
Consonantal	+	+	-	-	-

Fonte: adaptado de Schane, 1975, p. 48

Schane (1975, p. 48-49) assinala que um conjunto de traços torna evidente o relacionamento entre diferentes tipos de segmentos. Sendo assim, quanto maior o número de valores compartilhados por classes diferentes, tanto mais semelhanças elas possuem entre si.

Outro ponto importante a ser destacado quanto ao sistema de valores binários é que os traços binários propiciam um modo de revelar a classe natural dos segmentos. A noção de classe natural é muito importante em Fonologia, na medida em que as especificações de traços são designadas para ser possível tecer afirmações sobre as similaridades de classes de segmentos.

Segundo Spencer (1997, p. 108), as principais classes naturais são constituídas pelas consoantes verdadeiras (obstruintes e nasais oclusivas), vogais, líquidas e semivogais. No estudo desenvolvido neste texto, estamos enfocando as classes das líquidas e das semivogais, observando seus traços em comum nos processos de rotatividade e de vocalização pós-vocálica. Nas matrizes fonológicas seguintes, mostramos os principais traços que caracterizam essas duas classes.

Quadro 08: Matriz fonológica dos fonemas líquidos		
Traços	/l/	/r/
Soante	+	+
Consonantal	+	+
Lateral	+	-

Fonte: adaptado de Schane, 1975, p. 51

Quadro 09: Matriz fonológica dos fonemas semivocálicos		
Traços	[y]	[w]
Silábico	-	-
Consonantal	-	-
Alto	+	+
Posterior	-	+
Arredondado	-	+

Fonte: adaptado de Schane, 1975, p. 54

Spencer (1997) enfatiza também que a maior oposição binária é entre fonemas consonantais e vocálicos. Essa distinção é marcada pelo emprego do traço [+consonantal] para as consoantes e [-consonantal] para as vogais. Os fonemas líquidos /l/ e /r/ [+consonantais] e os semivocálicos [y] e [w] [-consonantais], são caracterizados pelos traços em comum [+aproximante] e [+soante], conforme podemos verificar a seguir.

Quadro 10: Matriz fonológica dos traços em comum dos fonemas líquidos e semivocálicos				
Traços	/l/	/r/	[y]	[w]
Consonantal	+	+	-	-
Soante	+	+	+	+
Aproximante	+	+	+	+

Fonte: adaptado de Schane, 1975

No caso da variante do /r/ analisada neste estudo, isto é, a variante retroflexa [ɾ], Spencer (1997) acrescenta um traço unitário denominado como [+coronal]. Na realização desse som, segundo o autor, teoricamente, a lâmina da língua sai de sua posição de repouso e se eleva.

A respeito do traço [-consonantal] para as semivogais, se considerarmos a proposta de Coutinho (1975) e Head (1964 apud Camara Jr., [1970] 2008)²⁸ de que esses fonemas são sons mistos, ou seja, podem ser vogais e consoantes, podemos, então, caracterizar esse traço como não-funcional, ou seja, a ausência de [+consonantal] e de [-consonantal], segundo a proposta de Lyons (1997).

Quadro 11: Matriz fonológica do traço não-funcional dos fonemas semivocálicos				
Traços	/l/	/r/	[y]	[w]
Consonantal	+	+		
Soante	+	+	+	+
Aproximante	+	+	+	+

Fonte: adaptado de Schane, 1975

Verificamos que as classes naturais são constituídas conforme a semelhança de seus traços. Desse modo, os fonemas líquidos e semivocálicos formam uma classe natural, sendo que esses traços em comum possibilitam a ocorrência do processo de rotatividade /l/ > /r/ e, posteriormente, o processo de vocalização, em sílabas CVC e VC, no interior de palavras, em posição de coda. As alternâncias entre os fonemas líquidos /l/ e /r/ e as semivogais [y] e [w], foco da análise deste estudo, ocorrem devido à aproximação articulatória desses elementos. Outro ponto a destacar reside na questão de que na comunidade de fala

²⁸ HEAD, B. **A comparison of segmental phonology on Lisbon and Rio de Janeiro**. Ph. D. Thesis for the University of Texas, Austin, 1964.

pesquisada, os falantes priorizam o [y]. Assim sendo, palavras como *corpo*, *sargento*, *algodão*, *pulga* se realizam como *coypu*, *saygentu*, *aygudãu*, *puyga*.

3.4 O conceito de sílaba em fonologia

Segundo Jakobson (1967, p. 115), “a estrutura fonêmica da sílaba é determinada por um conjunto de regras, e cada sequência se baseia na recorrência regular desse modelo construtivo”. Para Coutinho (1975), na emissão de uma palavra é perceptível a existência de certos grupos fonéticos que são articulados conjuntamente, formando, assim, unidades distintas. Então, podemos dizer que a sílaba é um conjunto de fonemas responsáveis pela unidade de emissão da voz de uma só vez.

Conforme Gaya (1966) e Camara Jr. ([1970] 2008), a cadeia sonora da fala é orientada por certos mecanismos que agrupam segmentos consonantais e vocálicos, determinando, assim, a organização das sequências sonoras de uma determinada língua. Os falantes conseguem intuitivamente reconhecer essas sequências, em uma determinada cadeia fônica, como permitidas ou não na língua materna. Em outras palavras, algumas sequências sonoras podem ser realizáveis em uma determinada língua e não realizáveis em outras.

Assim, “segmentos consonantais e vocálicos são distribuídos na estrutura silábica das línguas, determinando as palavras bem formadas e excluindo palavras mal formadas”. (SILVA, 1999, p. 76).

Masip (1998) adota o conceito de sílaba de Trubetzkoy e afirma que

do ponto de vista puramente fonético, é uma combinação de vogais, de consoantes e de elementos ritmo-melódicos de caráter prosódico; do ponto de vista fonológico, é uma unidade composta de centro, que normalmente é constituído por uma vogal, e pelas margens que são constituídas por consoantes [pré-vocálicas e pós-vocálicas]. (MASIP, 1998, p. 16).

Como unidade fonológica, a sílaba é constituída pela íntima concatenação dos fonemas na corrente da fala, ou seja, é uma unidade funcional, que determina a função de cada fonema dentro da enunciação. Em línguas como o Português, a sílaba é formada por um núcleo constituído pelo elemento mais sonoro, ocupado por uma vogal (V). As consoantes (C) ocorrem antes ou depois do elemento mais sonoro. No entanto, há línguas em que o núcleo pode ser ocupado por consoantes.

Dessa forma, muitas línguas carecem de sílaba com consoante pré-vocálica ou com consoante pós-vocálica.

Segundo Jakobson (1966, p. 93), a sílaba formada por consoante e vogal “é o único modelo verdadeiramente universal”, resultando o padrão silábico adotado universalmente pelas línguas, isto é, CV. Mas as sílabas seguem determinados princípios organizacionais que mudam de uma língua para outra. Por exemplo, a sequência /sl/ não é permitida em Português, porém em Inglês é perfeitamente viável, como na palavra /sleiv/ *escravo*.

De modo geral, as línguas são regidas por regras fonológicas que permitem ou não determinados arranjos sonoros em um sílaba, possibilitando compreender a organização não somente da sílaba, mas também das palavras. Assim Selkirk (1984) ressalta que as línguas possuem restrições que são capazes de selecionar quais elementos e sequências podem formar uma sílaba. Essas limitações são chamadas de filtros linguísticos.

3.4.1 Sílaba na perspectiva das Fonologias Estruturalista e Métrica

A partir da Escola de Praga, a sílaba começa a ser estudada em fonologia, inicialmente pelos prosodistas de Londres, passando pelo estruturalismo americano, até a moderna teoria gerativa, incluindo a fonologia autosegmental e a métrica. A seguir, apresentamos os elementos silábicos na perspectiva das teorias estruturalista e métrica.

Primeiramente, apresentamos o modelo de sílaba elaborado pelo linguista brasileiro Camara Jr., em que os elementos silábicos são denominados aclave, ocupado por uma consoante; ápice, ocupado por uma vogal e declive, ocupado por vogal ou consoante; dessas três categorias, somente o ápice não pode ser categoria vazia.

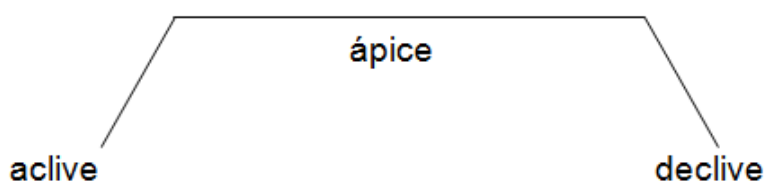


Figura 04: Esquema silábico da Teoria Estruturalista (fonte: Lopes, p. 147, 1972.)

Por outro lado, na perspectiva da Teoria Métrica, os elementos da sílaba são estruturados de modo hierárquico, em forma de árvores. Nesse sentido, a sílaba é composta por ataque (A) e rima (R), sendo que a rima apresenta uma estrutura formada pelo núcleo (Nu) e pela coda (Co). Dessas categorias, somente o núcleo não se constitui categoria vazia. Em Português, a posição de ataque pode ser ocupada por consoante, o núcleo somente por vogal e a coda por consoante e/ou semivogal. Tecidas essas considerações, apresentamos o modelo elaborado por Selkirk (1982 apud Dias, 2009, p. 78)²⁹.

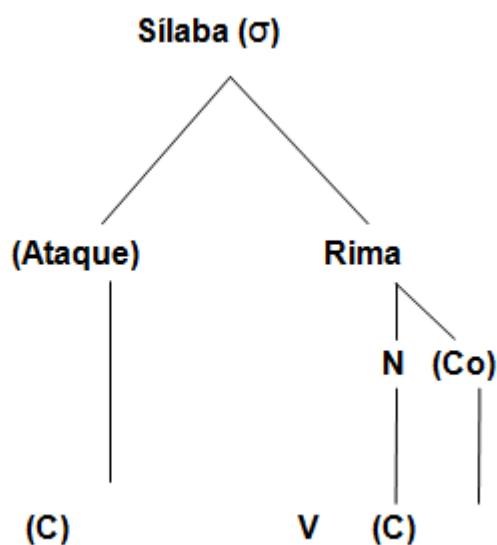


Figura 05: Esquema silábico da Teoria Métrica (fonte: Dias, 2009, p. 78)

Tendo em vista o diagrama arbóreo da Teoria Métrica, a vocalização pós-vocálica dos fonemas /l/ e /r/ ocorre no elemento em posição de coda nos padrões silábicos CVC e VC, conforme pode ser verificado nos exemplos a seguir.

²⁹ SELKIRK, E. O. "The Syllable (1982)". In: GOLDSMITH, J. A. **Phonological Theory: The Essential Readings**. Malden: Blackwell Publishers, 1999.

Exemplo 1: *porco* > *poycu*

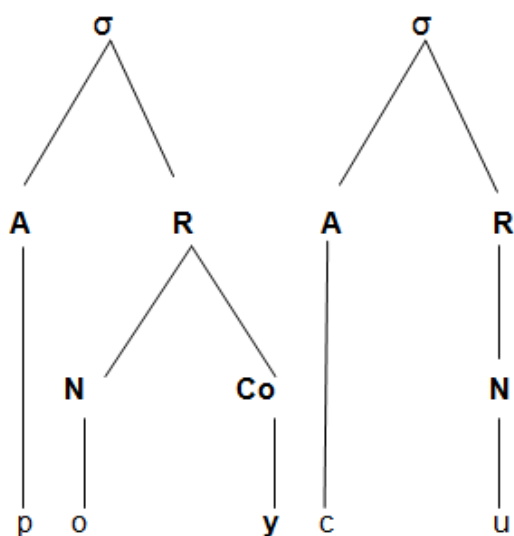


Figura 06: Processo de vocalização do /r/ em [y] em sílaba CVC, em posição de coda

Exemplo 2: *arco* > *aycu*

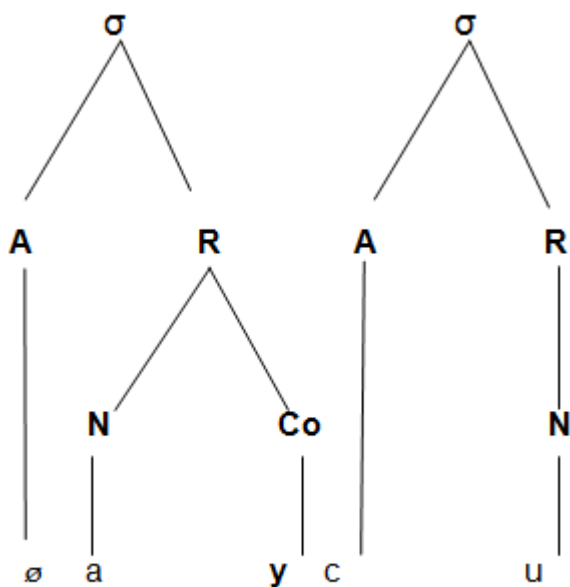


Figura 07: Processo de vocalização do /r/ em [y] em sílaba VC, em posição de coda

Como já mencionamos, a vocalização pós-vocálica ocorre no interior de palavras, pois em final de palavras predominam os processos de apagamento e de

ressilabação, transformando o padrão silábico CVC em CV+CV, conforme exemplos mostrados nos diagramas arbóreo a seguir:

Exemplo 3: *mel* > *meli*

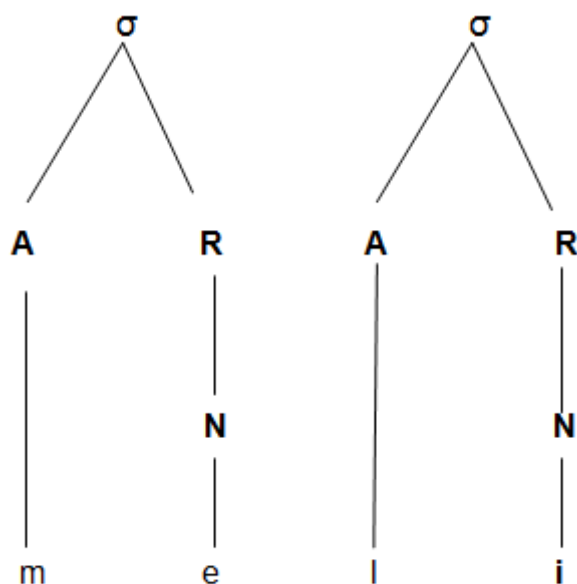


Figura 08: Processo de ressilabação

Exemplo 4: *papel* > *papé*

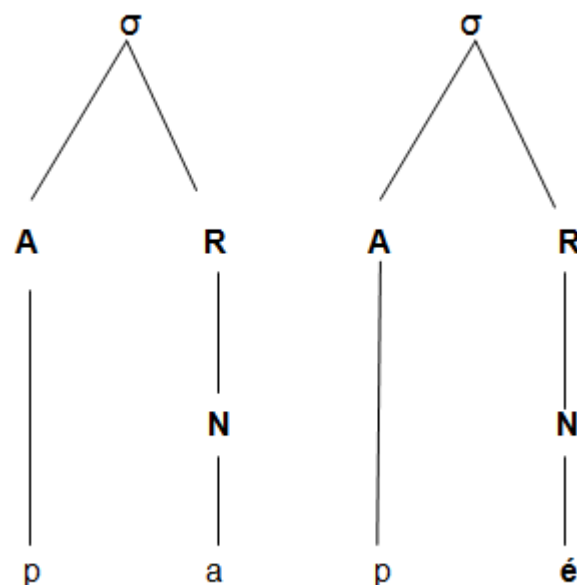


Figura 09: Processo de apagamento

Mostramos nesses exemplos os processos que ocorrem no interior e no final de palavras, com os fonemas /l/ e /r/ em posição de coda em sílabas CVC e VC. Portanto, em sílabas iniciais e mediais ocorre o processo de vocalização que transforma os padrões silábicos CVC e VC em CVv e Vv, respectivamente. Em sílabas finais, ocorrem os processos de ressilabação ou de apagamento, ambos transformam o padrão silábico CVC em CV+CV, como mostrado nos exemplos.

3.4.2 Estrutura silábica do Português

Camara Jr. ([1970] 2008) e Quilis (1975) adotam basicamente quatro estruturas silábicas, a saber: 1) V – sílaba simples, 2) VC – sílaba fechada ou travada (falta o aclave), 3) CV – sílaba complexa, aberta ou livre (falta o declive) e 4) CVC – sílaba completa com aclave e declive, fechada ou travada.

A Língua Portuguesa mostra tendência a sílabas abertas CV, ou seja, predomina o final da sílaba em vogal, porém as sílabas travadas ou fechadas também ocorrem nessa língua. Além dessas quatro estruturas básicas, há outras combinações no Português. Temos, portanto, os seguintes padrões silábicos: V (ana), VV (**ou**ro), CVVC (**ca**is), CCVV (**pra**ia), VVC (**bra**ço), CVCC (**super**stição), CVVVC (**igu**ais), CCVCC (**trans**porte) . Todavia, em nossa análise predomina o padrão silábico CVC que se vocaliza, transformando-se em CVv, em sílaba medial, e em final de palavra ocorre o processo de ressilabação ou apagamento; em ambos os casos, uma estrutura silábica CVC se transforma em CV+CV. Temos também, em menor recorrência, o padrão silábico VC (**ar**co), o qual sofre vocalização, no interior de palavras, transformando-se no padrão Vv (**ay**co).

3.4.3 Sílaba tônica e átona

Quanto ao fator tonicidade, as sílabas classificam-se em tônicas e átonas. Dependendo da posição que ocupam em relação à sílaba tônica, as sílabas átonas podem ser pré-tônicas e pós-tônicas.

Em análise do *corpus* de Jaraguá, constatamos que a tonicidade não interfere no processo de vocalização pós-vocálica, sendo que a vocalização ocorre livremente em sílabas tônicas e átonas iniciais e mediais. No entanto, esse

processo não ocorre em sílabas finais, sejam elas tônicas ou átonas. Em sílabas átonas, não registramos ocorrência da vocalização em pós-tônicas, mas somente em pré-tônicas imediatas e mediatas.

Podemos verificar a ocorrência da vocalização pós-vocálica quanto à tonicidade e atonicidade nos exemplos a seguir.

Quadro 12: Vocalização em sílabas tônicas e átonas			
Sílaba	Representação Fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
Tônica	bayba	[^h ba:ybə]	barba
	gayfu	[^h ga:yfu]	garfo
	poycu	[^h pɔ:yqu]	porco
	gerayda	[zɛ ^h ra:yɖə]	geralda
	ceyca	[^h se:ykə]	cerca
Átona	paymera	[pɛy ^h me:rə]	palmeira
	saygada	[sɛy ^h ga:ɖə]	salgada
	neyvosu	[ney ^h vo:zu]	nervoso
	siyviçu	[siy ^h vi:su]	serviço
	geraydim	[zɛray ^h di:]	geraldinho
	ceycadim	[seyke ^h di:]	cercadinho

Conforme é possível verificar nos dados apresentados no quadro (12), a tonicidade constitui-se em um fator indiferente ao processo analisado neste estudo. No entanto, optamos por manter palavras semelhantes com acento primário e secundário nos dados analisados, por exemplo, *geralda* > *gerayda* (acento primário) e *geraldinho* > *geraydim* (acento secundário). A substituição de um segmento [+consonantal] por um [-consonantal] não interfere na tonicidade da sílaba.

3.5 Processos fonológicos

Segundo Coutinho (1975), os metaplasmos (processos fonológicos) constituem-se em mudanças fonéticas que as palavras sofrem no decorrer do seu processo de evolução, sendo que todas as modificações são resultantes de troca, supressão, acréscimo, transposição de fonemas nas palavras e até mesmo modificações de tonicidade das mesmas.

Para o estruturalista Camara Jr. (1985), metaplasmo designa literalmente mudança de forma (do Grego: *méta+plasmos*), isto é, transformação que as palavras sofrem no decorrer dos processos de mudanças das línguas. Nessa perspectiva, o linguista aponta que esse termo já era utilizado desde a gramática greco-latina em uma abordagem sincrônica:

A gramática normativa utilizou esse termo [metaplasmo], desde a época latina, quando na língua literária existe uma forma diferente do vocábulo, em contraste com outra, considerada a norma; assim em Português: *perla: pérola; marmor: mármore; desvairo: desvario; imigo: inimigo*. [...] A variante [...] constitui assim formas sincréticas dentro de um estágio de língua; ou seja: dentro da língua literária, o metaplasmo estabelece uma variante em face de uma forma básica. A esse conceito, inteiramente sincrônico, do metaplasmo, substitui-se um conceito diacrônico, quando em gramática histórica se passou a usar o termo como equivalente a mudanças fonéticas. O ponto de partida, para isso, é a circunstância de que a variante e a forma básica são situadas na mesma linha evolutiva, como arcaísmos, subsistentes na língua literária, e formas atuais, respectivamente. (CAMARA JR, 1985, p.167).

Como observamos, de acordo com as palavras de Camara Jr. (1985), inicialmente, o termo *metaplasmo* designava somente um conceito sincrônico, estabelecendo uma relação de semelhança entre a variante e sua forma básica. Posteriormente, devido a questões históricas, esse termo passou a ser adotado na gramática histórica com o sentido de mudanças relativo à estrutura linguística no campo fonético. Segundo Saussure ([1913] 1977), em termos teóricos, o fenômeno sincrônico reflete uma relação entre os elementos simultâneos, ao passo que o diacrônico implica a substituição de um elemento por outro.

Nesse sentido, o termo metaplasmo, denominando atualmente um processo fonológico, é largamente utilizado em Linguística Histórica, isto é, tornou-se um termo técnico dessa área, cujo significado se remete a mudanças fonéticas. Observa-se que ocorre mudança na estrutura da palavra, porém é mantido o significado da forma base da mesma.

Um fonema não constitui uma entidade única, ele é produto de articulações rigorosamente invariáveis da linguagem humana, senão a expressão genérica de uma gama de variedades articulatórias, as quais implicam no decorrer do tempo, mudanças fonéticas. Os metaplasmos ocorrem nas palavras, justamente em decorrência do processo de variação linguística. (CAMARA JR., 1985).

Dessa forma, Coutinho (1975, p. 142-149) aponta que os processos fonológicos se dividem em quatro grupos, evidenciando uma variação ou mudança linguística, a saber: metaplasmo por transformação (permuta); metaplasmo por aumento (acréscimo); metaplasmos por subtração (supressão) e metaplasmo por transposição.

Tais processos ocorreram no Latim Vulgar e continuam se desenvolvendo nas línguas românicas. Os tipos de mudanças fonológicas mais recorrentes no âmbito das línguas neolatinas, de modo específico no Português do Brasil, são listados, definidos e exemplificados nos quadros que se seguem.

Quadro 13: Metaplasmos por permuta		
Processo/Fenômeno	Descrição	Exemplo
Sonorização	Substituição de um fonema surdo por um sonoro	acutu > agudo lúpus > lobo
Vocalização	Conversão de uma consoante em vogal ou semivogal	cathedra > cadeira; docto > doutor (grupos consonantais impróprios)
Consonantização	Conversão de uma vogal em consoante	uiuere > viver iam > já
Assimilação	Aproximação e interferência de um fonema em outro (transformação)	Persicu > pessicu (consonantal) Palumba > paumba > paombo > pomba (vocálica)
Dissimilação	Troca ou eliminação de um fonema por outro igual ou semelhante existente na palavra	calamellu > calamelo > caramelo aratru > aratu > arado
Nasalização	Conversão de uma vogal oral em nasal	matre > mãe pane > pão
Desnasalização	Conversão de uma vogal nasal em uma oral	luna > lũa > lua persona > pessõa > pessoa
Apofonia ou deflexão	Modificação de vogal em sílaba inicial por adição de afixo	sub+jactu > sujeito in+barba > inberbe
Metafonia	Modificação de timbre de vogal	feci > fiz iocu > joco > jogo
Palatalização	Transformação de um grupo consonantal em fonema palatal	pluvia > chuva filiu > filyu > filho aranea > aranya > aranha
Assibilação	Transformação do t+y no fonema ç	capitia > capitya > cabitya > cabiça > cabeça
Monotongação	Assimilação de fonemas vocálicos; a semivogal é assimilada pela vogal	poena > pena caelu > célu > céu

Fonte: adaptado de Coutinho, 1975

Quadro 14: Metaplasmos por aumento		
Processo/Fenômeno	Descrição	Exemplo
Prótese ou Próstese	Aumento de som no começo da palavra	stare > estar scribere > escrever
Epêntese	Aumento de som no meio da palavra	credu > creio > creio arena > area > areia
Epítese ou Paragoge	Adição de som no final do vocábulo	ante > antes

Fonte: adaptado de Coutinho, 1975

Quadro 15: Metaplasmos por subtração		
Processo/Fenômeno	Descrição	Exemplo
Aférese	Queda de fonema no início de palavra	abadejo > badejo episcopo > bispo
Síncope	Queda de fonema no interior de palavra	malu > mau dolore > door > dor
Haplologia	Queda de sílaba medial por influência de uma sílaba semelhante	idololatria > idolatria rolatore > rodadore > redor
Apócope	Queda de fonema no fim da palavra	amare > amar amat > ama
Crase	Fusão de dois sons vocálicos	sede > see > sé

Fonte: adaptado de Coutinho, 1975

Quadro 16: Metaplasmos por transposição		
Processo/Fenômeno	Descrição	Exemplo
Metátese	Transposição de fonema na mesma sílaba	super > supre > sobre semper > sempre
Hipêrtese	Transposição de fonemas entre sílabas	capio > caibo
Sístole	Transposição do acento tônico de uma sílaba para anterior	saivá > seiva
Diástole	Transposição do acento tônico de uma sílaba para a posterior	iudice > juiz

Fonte: adaptado de Coutinho, 1975

Callou e Leite (1993), ao se referirem aos processos fonológicos, não negam o fator histórico na evolução das línguas, entretanto, observam que essas ocorrências podem estar relacionadas aos fenômenos articulatórios e perceptuais. Cabe ressaltar que este estudo está criteriosamente voltado ao fator histórico, isto é, às mudanças que as línguas sofrem ao longo de seus percursos evolutivos, observando também a proposta das autoras no sentido de que há interferência dos traços articulatórios.

Tecidas essas observações acerca da Língua Portuguesa do Brasil, introduziremos, a seguir, o capítulo 04 que tratará especificamente do tema central deste estudo, isto é, o processo de vocalização pós-vocálica dos fonemas /l/ e /r/.

CAPÍTULO 4

O PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO PÓS-VOCÁLICA

As mudanças linguísticas são concebidas como sinal de vitalidade, naturalidade, espontaneidade e, até mesmo, de encantamento e fascínio, tendo em vista que o processo de mudanças representa exatamente um fato de vida. Além disso, todas as línguas mudam o tempo todo e as mudanças são inevitáveis nas línguas vivas. (CAMPBELL, 2004)

Discorreremos, neste capítulo, sobre o processo da vocalização dos fonemas /l/ e /r/ em posição pós-vocálica, no interior de palavras, e compararemos as ocorrências de nossos dados com as ocorrências históricas do Latim e com dados de trabalhos realizados em algumas regiões do Brasil. A análise comparativa, descritiva e interpretativa encontra-se amparada principalmente em Camara Jr. ([1953] 2008 – [1970] 2008), Coutinho (1975), Elia (1979), Silva (2008), Melo (1981), Moura (1993), Vieira (1983), Silva Neto (1988) dentre outros.

Os linguistas, de modo geral, definem a vocalização como processo fonológico por substituição. Nesse processo de mudança fonético-fonológica, um fonema consonantal é substituído por um fonema vocálico, geralmente em sílabas travadas, no meio ou final de palavras, em posição pós-vocálica. Segundo nos informa Camara Jr. ([1970] 2008), são os fonemas líquidos³⁰ /l/ e /r/ que são substituídos pelos vocálicos /i/ ~ [y] e /u/ ~ [w] respectivamente, nessa posição da sílaba.

A vocalização do /l/ em [w], em posição pós-vocálica, é atestada pelos estudiosos como um processo quase categórico na Língua Portuguesa do Brasil. Essa realização pode ser comprovada em trabalhos como os de Sêcco (1977), Lopez (1979), Cagliari (1981), Quednau (1993) e outros. Por outro lado, a vocalização do /l/ em [y] e do /r/ em [y] e em alguns casos em [w] constitui-se em um fenômeno mais raro e pouco estudado. Essas ocorrências encontram-se listadas e analisadas neste capítulo.

³⁰ Termo herdado dos gramáticos da antiguidade; abrange a classe das laterais e vibrantes.

4.1 Aspectos diacrônicos e sincrônicos da vocalização pós-vocálica

A vocalização pós-vocálica se iniciou no Latim Vulgar e continua se desenvolvendo naturalmente nas línguas provenientes da família romance, principalmente nas línguas periféricas e, possivelmente, em línguas de outras famílias. Os filólogos apontam que as línguas românicas periféricas, por serem mais isoladas, são também mais conservadoras em oposição às centrais. Ao adotarmos a classificação das línguas neolatinas em periféricas e centrais proposta pelo linguista italiano Bartoli (1971 apud Silva, 2008, p. 57)³¹, estamos considerando o fator puramente geográfico; assim, as línguas que se desenvolveram nas regiões próximas ao Império Romano, como o Francês e o Italiano, são classificadas como centrais (línguas inovadoras), enquanto as que se desenvolveram em lugares mais distantes, como o Português e o Espanhol são exemplos de línguas periféricas (conservadoras). Convém assinalar que, através de estudos recentes, podemos verificar que o Espanhol se encontra em um estágio mais conservador em relação ao Português, especificamente, o Brasileiro.

A partir dessa observação, podemos apontar que muitas mudanças fonéticas e fonológicas, como é o caso da vocalização, que ocorreram no Latim Vulgar, continuam seu percurso evolutivo em línguas como o Espanhol, o Catalão, o Romeno, e de modo particular, o Português. (ELIA, 1979, p. 47).

O processo de vocalização se constitui em uma das principais causas da ditongação na Língua Portuguesa. Primeiramente, esse processo fonológico se iniciou em grupos consonantais impróprios do Latim. (COUTINHO, 1975). Esse autor considera como grupos consonantais impróprios os que não formam sílabas, por exemplo, *kt* (*nocte* > *noite*), *dr* (*cathedra* > *cadeira*), *lt* (*multu* > *muito*), *gn* (*regnu* > *reino*), *ls* (*calce* > *couce* > *coice*) e outros. Por outro lado, os grupos consonantais próprios são os que formam sílabas: *pl* (*pleno* > *cheio*), *pr* (*precare* > *rogar*), *cl* (*clamare* > *chamar*), *fl* (*flagare* > *cheirar*).

A partir de nossos dados, podemos apontar que essa mudança fonético-fonológica continua se desenvolvendo em grupos consonantais impróprios da Língua Portuguesa, por exemplo, *lg* (*algodão* > *aygodãu*), *lm* (*alma* > *ayma*), *rb*

³¹ BARTOLI, M. G. **Introdução aos estudos literários**. Torino: Instituto dell'Atlante Linguístico Italiano, 1971.

(*borboleta* > *baybuleta*), *rd* (*guarda-louças* > *guayda-lôça*) dentre outros. Assim, os fonemas consonantais /l/ e /r/ em posição pós-vocálica sofrem vocalização. Nessa perspectiva, /l/ é substituído por [y], e /r/ por [y] e, em alguns casos por [w].

Conforme a abordagem histórica, a vocalização ocorreu na consoante pós-vocálica de grupos consonantais impróprios, na passagem do Latim Vulgar para o Português, criando ditongos decrescentes (vogal+semivogal), como evidenciam os exemplos colhidos em Elia (1979, p. 190-191) e Silva (2008, p. 85-86).

Quadro 17: Vocalização do Latim ao Português			
Latim		Português	
/bs/	absentia	/us/	ausência
/dr/	cathedra	/ir/	cadeira
/gm/	Flegma	/um/ e /im/	freuma e freima
/gn/	Regnu	/in/	reino
/kt/	Nocte lacte	/it/	noite leite
/kt/	Docto	/ut/	doutor
/ls/	calce > couce	/us/>/is/	coice
/lt/	Multu	/it/	muito
/lt/	Alteru	/ut/	outro
/lt/	Altariu	/ut/	outeiro

Fonte: adaptado de Elia, 1979 e Silva, 2008

A partir desses exemplos, observamos que o fonema /l/, desde a passagem do Latim para o Português, já possuía tendência a vocalizar-se em /i/ e /u/, como nas palavras *alteru* > *outro*, *calce* > *couce* > *coice*, *multu* > *muito*, no interior de palavras. Em contrapartida, não verificamos exemplos, no Latim, em que o /r/ tenha sido substituído por esses vocóides, que se realizam foneticamente como semivogais [y] e [w], no decorrer do percurso histórico da língua.

Não fugindo ao que parece ser um processo consolidado, no atual estado da Língua Portuguesa do Brasil, a vocalização do /l/ pós-vocálico em [w] é muito comum, em palavras como *mel* > *mew*, *volta* > *vowta*, *falta* > *fawta*, em posições mediais e finais das palavras.

No *corpus* analisado, a vocalização do /l/ e do /r/ pós-vocálicos se processa no interior de palavras. Esse fator também aponta para o período do surgimento das línguas neolatinas, pois como comprovam os resquícios históricos, a vocalização desde a época do Latim Clássico ocorria no interior de palavras.

O processo de vocalização do [ɾ] em [y] é muito recorrente em nosso *corpus*, ao passo que a do [ɾ] em [w] é menos recorrente. Vale destacar que esse fenômeno não é muito produtivo em Português, conforme os estudos já realizados na área. Os teóricos consultados para a realização deste texto não se aprofundaram na análise desse fenômeno, mas somente o mencionaram em seus trabalhos.

Sobre a vocalização do [ɾ] em [y], Melo (1981) aponta que o /r/ caipira ou retroflexo³², em posição pós-vocálica, sofre um processo de vocalização devido à natureza de sua realização, no sul de Minas Gerais, no norte de São Paulo e em Goiás. O autor ressalta que é muito fácil passar desse [ɾ] à semivogal [y]. Ele acrescenta ainda que esse processo pode ocorrer até mesmo em final de palavra, como foi atestado, por ele, na fala de Goiás.

Diferentemente da verificação de Melo (1981), em nossos dados não ocorreu vocalização do /r/ em final de palavra, mas somente no meio, por exemplo, *barbeiro* > *bayberu*, *córrego* > *coygu*, *marmita* > *maymita*. No final de palavra predominam os processos de ressilabação ou de apagamento, assim temos, *mar* > *mari*, *bar* > *bari*, *interior* > *interiori* ~ *interiô*, *cobertor* > *cubeytori* ~ *cubeytô*. Os mesmos processos são verificados também com o /l/ pós-vocálico em final de palavras, *sol* > *solí*, *sal* > *sali*, *papel* > *papeli* ~ *papé*.

Não dispomos de pesquisas suficientes para afirmar em quais ambientes ocorre a ressilabação e em quais ocorre o apagamento. Entretanto, podemos apontar que não foi verificado o apagamento em palavras monossílabas. Por outro lado, em palavras dissílabas e trissílabas podem ocorrer ambos os processos, como mostrado nos exemplos no parágrafo anterior. Futuros estudos serão necessários para investigar essas ocorrências, e assim apontar, com segurança, quais os fatores que favorecem a manutenção da consoante final e quais favorecem o apagamento. Todavia, é cabível afirmar que a ressilabação possui maior recorrência em nossos dados.

Vieira (1983), ao pesquisar aspectos fonético-lexicais de cinco cidades do estado do Pará, a saber: Alenquer, Itaituba, Óbidos, Oriximiná e Santarém, verifica que o /r/ pós-vocálico transforma-se na semivogal [w] em final de palavra, por exemplo, *Alenquer* > *Alenquew*. Porém, os dados da autora não apresentam

³² Este som se realiza quando a ponta da língua se curva em direção ao palato duro (CALLOU E LEITE, 1993). Essa pronúncia se realiza em Português e Inglês na variante [ɾ] pós-vocálica.

mudança por vocalização no interior de palavra. A autora conclui que essa realização deve ocorrer por causa da aproximação articulatória existente entre as líquidas e as vogais. A esse respeito, em nosso *corpus*, verificamos a vocalização do /r/ pós-vocálico em [w], em posição medial, em palavras como *carvão* > *cawvão* e *garfo* > *gawfo*. Essas palavras têm variações também, como *cayvão* e *gayfo*.

Como asseveramos, no *corpus* analisado, em final de palavras não houve ocorrência de vocalização; por outro lado ocorreram os processos de ressilabação e de apagamento. No quadro (18), listamos alguns exemplos da ocorrência de ressilabação (paragoge) que podem ser verificados a seguir:

Quadro 18: Processo de ressilabação		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
amori	[e ^h mo:ɾ]	amor
bari	[^h ba:ɾ]	bar
celulari	[se <u>l</u> u <u>l</u> a:ɾ]	celular
interiori	[ite <u>r</u> o:ɾ]	interior
isteri	[is ^h te:ɾ]	ester
mari	[^h ma:ɾ]	mar
viymari	[viɾ ^h ma:ɾ] ~ [viy ^h ma:ɾ]	vilmar

Nas palavras dissílabas, *tear* e *suor*, ocorrem a transposição do fonema /r/ por //, e posteriormente, o processo de ressilabação. Temos, portanto, as seguintes realizações, *tiali* e *suoli*, formas do tipo **teari* e **suori* não foram verificadas. Supomos que essas formas sejam criações por analogia a palavras como, *mal* > *mali*; *sal* > *sali*; *mel* > *meli*; *curral* > *curreali*; *igual* > *igualli* e outras.

Há hipóteses plausíveis para esse processo, como hipercorreção e manutenção da consoante final, possibilitando o surgimento do padrão CV (consoante+vogal) que é o padrão silábico mais usual no Português e provavelmente na maioria das línguas existentes no mundo.

Nos verbos em infinitivo ocorre o apagamento do /r/, realizando-se como fonema zero. Conforme os vários estudos realizados na área, o apagamento do fonema /r/ em final de vocábulo verbal está ocorrendo em um processo contínuo em todas as regiões do Brasil, independentemente de quaisquer fatores. Exemplificando, temos, *catá* (*catar*), *roçá* (*roçar*), *manhecê* (*amanhecer*), *dançá*

(*dançar*), *rezá* (*rezar*), *gardecê~gaydecê* (*agradecer*), *garimpá* (*garimpar*), *trabaiá~tabaiá* (*trabalhar*) e outros.

Quanto à ocorrência de vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos em sílaba medial na classe verbal, temos poucos dados, entre eles, *siivi* (*servi*), *caimô* (*acalmou*), *doimi* (*dorme*), *saivei* (*salvei*). Temos registros de apagamento desses fonemas em nomes em que se realizam também como fonema zero [ø], como observamos nas variáveis *dificudade* e *fumiga*, *dificuldade* e *formiga*, respectivamente.

Como podemos perceber, o processo de apagamento do /l/ e do /r/ no final e no interior de palavras acarreta mudanças na estrutura silábica do Português, pois transforma a sílaba travada, CVC, em sílaba aberta ou livre, isto é, CV, como já foi mostrado em exemplos anteriores. Por seu turno, o processo de ressilabação transforma a estrutura silábica CVC em CV+CV.

No Português do Brasil, a partir dos dados coletados em Jaraguá, a vocalização, no interior de palavras, ocorre com os fonemas /l/ e /r/ em posição pós-vocálica. O /l/ vocaliza-se em [y]; e o /r/, cuja variante é o [ɾ] retroflexo (linguodental velarizado) muito recorrente nas regiões interioranas de Goiás, transforma-se nas semivogais [y] e [w].

Convém ressaltar que o processo da vocalização dos fonemas /l/ e /r/ em posição pós-vocálica, no interior da sílaba, possui maior produtividade na classe dos nomes, como podemos verificar nos blocos de exemplos deste texto. Como já mencionamos, as estruturas silábicas CVC e VC transformam-se, então, respectivamente em CVv e Vv, criando ditongos decrescentes.

A partir do levantamento do *corpus* linguístico, coletado na comunidade de fala de Jaraguá, pode ser verificada, portanto, a vocalização do /l/ em [y] e do [ɾ] em [y] e [w], conforme mostramos nos seguintes exemplos.

Primeiramente, apresentamos alguns exemplos da vocalização pós-vocálica do /l/ em [y].

Quadro 19: Vocalização do /l/ em [y]		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
aygodãu	[eygɔ ^l dã:w]	algodão
ayma	[^l a:ymə]	alma
baycãu	[bey ^l kã:w]	balcão

cayma	['ka:ymə]	calma
paymada	[pey'ma:ðə]	palmada
puyga	['pu:ygə]	pulga
saygada	[sey'ga:ðə]	salgada

Como vimos nos dados históricos (quadro 17), na passagem do Latim para o Português, o fonema lateral /l/ já apresentava tendência a vocalizar-se em [y] e [w], em grupos consonantais impróprios. Isso nos leva a pressupor que os exemplos encontrados em nosso *corpus* ainda são herança da vocalização latina .

Em contrapartida, o padrão fonético mais usual nessa comunidade de falantes mostra que provavelmente ocorre o processo de substituição /l/ > /r/ e posteriormente a vocalização /r/ ~ [ɾ] > /i/ ~ [y]. Nos dados houve ampla recorrência do processo de vocalização do [ɾ] em [y], como podemos verificar no seguinte quadro:

Quadro 20: Vocalização do [ɾ] em [y]		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
bayberu	[bey'be:ɾu]	barbeiro
bayboleta	[beybo'le:tə]	Borboleta
caygueru	[keɣ'je:ɾu]	Cargueiro
cayvai	[keɣ'va:y]	carvalho
coygu	['qɔ:yɣu]	córrego
maymita	[mey'mi:tə] ~ [mãɣ'mi:tə]	marmita
oytinha	[ɔɾ'tĩ:nə]	hortinha

No *corpus* analisado houve ocorrência também da vocalização do [ɾ] em [w]. Vejamos alguns exemplos que se encontram listados no quadro a seguir:

Quadro 21: Vocalização do [ɾ] em [w]		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cawvão	[kew'vã:w]	carvão
cewca	['se:wkə]	cerca
cewtu	['se:wɫu]	certo

cevejinha	[sewve'ʒi:ɲə]	cervejinha
gawfu	[!ga:wfu]	garfo
mawmita	[maw'mi:tə]	marmita
sowveti	[sow've:ti]	sorvete
vewdi	[!ve:wdi]	verde

Posto isso, procedemos à análise dos dados, considerando as variantes linguísticas, ou seja, os ambientes fonológicos precedente e posterior.

4.2 Variantes linguísticas e o processo de vocalização

Até o presente momento, os estudos realizados a respeito dos fonemas /l/ e, principalmente, /r/ mencionam que o processo de vocalização está relacionado ao fator articulatório. Entretanto, a maioria desses estudos não observa a possibilidade de interferência dos fonemas precedentes e posteriores.

Nesse sentido, verificaremos se os fonemas consonantais precedentes e posteriores exercem influência sobre o comportamento desses fonemas e suas variáveis, favorecendo ou não o fenômeno analisado. Observaremos ainda, quais aspectos articulatórios são mais produtivos para a ocorrência da vocalização.

Para o grupo dos fonemas vocálicos estamos considerando a vogal precedente, observando os seguintes fatores relacionados a esses fonemas: altura, posição e recuo da língua. Em seguida, analisaremos a ocorrência da vocalização, considerando os fonemas consonantais sonoros e surdos posteriores. Convém mencionar que, de acordo com quadro dos fonemas consonantais do Português (quadro 05), a organização dos dados para análise obedece a posição vertical.

4.2.1 Vocalização antes dos fonemas sonoros

4.2.1.1 Vocalização do /l/ > [y]

A vocalização do /l/ em [y] ocorre diante dos seguintes fonemas sonoros: bilabial sonoro nasal /m/, linguodental sonoro /d/ e velar sonoro oclusivo /g/, conforme os exemplos que se encontram no quadro a seguir.

a) Bilabial sonoro nasal /m/

Quadro 22: Vocalização do /l/ > [y] antes de /m/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
ayma	[ˈa:ymə]	alma
payma	[ˈpa:ymə]	palma
paymada	[pɐyˈma:də]	palmada
paymera	[pɐyˈme:rə]	palmeira
viymari	[viyˈma:ɾi]	vilmar

Nesse grupo, a vocalização ocorre em sílabas do tipo CVC e VC, tendo como fonemas precedentes os consonantais /p/ e /v/ e os vocálicos /a/ e /i/, como pode ser observado nas seguintes regras:

l → y / pa, vi # ___ # _Coσ

palmada > paymada; vilmar > viymari

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /p/ seguido de /a/; e de /v/ seguido de /i/, no final da sílaba CVC no meio da palavra em coda silábica.

l → y / a # ___ # _Coσ

alma > ayma

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /a/ no final de sílaba VC no meio da palavra.

b) Linguodental sonoro /d/

Quadro 23: Vocalização do /l/ > [y] antes de /d/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
gerayda	[ʒɛˈra:yɔdə]	geralda
geraydim	[ʒɛraɪˈdĩ]	geraldinho

Esse processo de vocalização do /l/ em [y] ocorre em sílabas do tipo CVC, tendo como fonemas precedentes consonantal /r/ e vocálico /a/, como apresenta a regra seguinte:

l → y / ra # ___ # _Co σ
geralda > gerayda

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /r/ seguido de /a/ em final de sílaba no meio de palavra, em coda sílabica.

c) Velar sonoro oclusivo /g/

Quadro 24: Vocalização do /l/ > [y] antes de /g/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
aygodão	[eygʊˈdõ:w]	algodão
puyga	[ˈpu:ygə]	pulga
saygada	[seyˈga:də]	salgada

A vocalização do /l/ em [y] antes de /g/ ocorre em sílabas do tipo CVC e VC, as quais se transformam em CVv e Vv respectivamente, tendo como fonemas precedentes consonantais /p/ e /s/ e vocálicos /a/ e /u/.

l → y / pu, sa # ___ # _Co σ
pulga > puyga; salgada > saygada

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /p/ seguido de /u/; e de /s/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC no meio da palavra, em coda silábica.

l → y / a # ___ # _Co σ
algodão > aygodão

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /a/ no final de sílaba VC, no meio da palavra, em posição de coda silábica.

4.2.1.2 Vocalização do [r] > [y]

Nesse caso, não dispomos de dados com ocorrência da vocalização antes dos seguintes fonemas sonoros: Alveolar sonora fricativa /z/; Alveolar sonora lateral /l/; Palatal sonora nasal /ɲ/ e Palatal sonora lateral /ʎ/.

Esse processo, portanto, pode ser verificado com os seguintes elementos que exemplificamos a seguir.

a) Bilabial sonoro oclusivo /b/

Quadro 25: Vocalização do [r] > [y] antes de /b/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
bayba	[^l ba:ybə]	bárbara
bayba	[^l ba:ybə]	barba
baybanti	[bey ^l bã:ti]	barbante
bayberu	[bey ^l be:ru]	barbeiro
baybuleta	[beybu ^l le:ɾə]	borboleta
baybuletona	[beybu ^l le ^l to:nə]	borboletona

Nesse grupo de palavras, conforme podemos verificar, a vocalização antes de /b/ ocorre com os seguintes fonemas precedentes /b/ e /a/. Embora tenhamos as palavras *borboleta* e *borboletona*, o /o/ precedente também se realiza como /a/. Nesse ambiente, a vocalização se processa no padrão silábico CVC, ou seja, sílaba completa, composta por ataque, núcleo e coda.

r → y / ba # __ # _Co σ

borboleta > barbuleta > baybuleta

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem depois de /b/ seguido de /a/ no final da sílaba CVC no meio da palavra, em posição de coda.

b) Bilabial sonoro nasal /m/

Quadro 26: Vocalização do [r] > [y] antes de /m/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
ayma	[^l a:ymə]	arma

aymazeim	[eyme'zẽ:ỹ]	armazém
cayminha	[key'mĩ:ɲə]	carminha
fuymiga	[foy'mi:gə]	formiga
iymãu	[iy'mã:w]	Irmão
maymita	[mey'mi:ɬə] ~ [mãy'mi:ɬə]	marmita
veymeinha	[veyme'i:ɲə]	vermelhinha

Nesse grupo, a vocalização ocorre em sílabas do tipo VC e CVC, tendo como fonemas precedentes os consonantais /k/, /f/, /m/ e /v/ e os vocálicos /a/, /e/ e /o/. Este último se realiza como /u/ na palavra *formiga*.

r → y / ka, fo, ma, ve # ___ # _Co σ

carminha > *cayminha*; *formiga* > *furmiga* > *fuymiga*; *marmita* > *maymita*;
vermelhinha > *veymeinha*;

O fonema /r/ ~ passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/; de /f/ seguido de /o/. de /m/ seguido de /a/; e de /v/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC no meio da palavra, em posição de coda.

r → y / a, i # ___ # _Cd σ

armazém > *aymazeim*; *irmão* > *iymãu*

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /a/ e de /i/, no final de sílaba VC no meio da palavra, em posição de coda.

c) Labiodental sonoro /v/

Quadro 27: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /v/		
representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
ayvi	[a:yvi]	árvore
cayvai	[key'va:y]	carvalho
cayvãu	[key'vã:w]	carvão
ceyvejinha	[seyve'ʒi:ɲə]	cervejinha
cunseyvá	[qũsey'va]	conservar
cuyva	[ku:yvə]	curva
fiyvidu	[fiy'vi:ɖu]	fervido

guveynadu	[govey ^h na:ɖu]	governado
neyvosu	[ney ^h vo:zu]	nervoso
seyvi	[^h se:yvi]	serve
siyviçu	[siy ^h vi:su]	serviço
siyyi	[siy ^h vi:]	servi
soyveti	[soy ^h ve:ti]	sorvete

Há ocorrência do fenômeno de vocalização nos padrões silábicos CVC e VC, cujo fonema posterior é o /v/. Nesse caso, temos os seguintes fonemas precedentes, os consonantais /k/, /s/, /f/, /g/, /k/ e /n/ e os vocálicos /a/, /e/, /i/ e /u/. Nesse grupo de palavras, há maior produtividade em sílabas CVC. Em sílabas formadas por VC, como exemplificado por *árvore* > *ayve*, há, em nossos dados, menor recorrência.

r → y / ka, ku, se, so, fi, go, ne # ___ # _Co σ

carvão > *cayvãu*; *conservar* > *cunseyvá*; *cervejinha* > *ceyvejinha*; *sorvete* > *soyveti*; *fervido* > *fiyvidu*; *governado* > *guveynadu*; *nervoso* > *neyvosu*.

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/ e de /u/; de /s/ seguido de /e/ e de /o/; de /f/ seguido de /i/; de /g/ seguido de /o/; de /n/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

r → y / a # ___ # _Co σ

árvore > *arvi* > *ayvi*

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /a/ e /i/ no final de sílaba VC no meio da palavra, em posição de coda.

d) linguodental sonoro /d/

Quadro 28: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /d/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cayda	[^h ka:yɖə]	carda
coyda	[^h qo:yɖə]	corda
ingoyda	[^h lgo:yɖə]	engorda
gayda-lôça	[geyɖe ^h l ^h o:sə]	guarda-louças

guydura	[goy'du:rə]	gordura
luyde	[lu:ydʰi]	lourdes
oydi	[o:ydʰi]	ordem
péydi	[pɛ:ydʰi]	perde
péydidu	[pɛy'di:ðu]	perdido
recayda	[çɛ'ka:yðə]	arrecada
recoydaçãu	[rɛqɔyðɛ'sã:w]	recordação
suydu	[su:yðu]	surdo
veydi	[vɛ:ydʰi]	verde

Nas palavras em que /d/ surge como fonema posterior, temos os fonemas precedentes consonantais /k/, /g/, /l/, /p/, /r/ e /s/ e vocálicos /a/, /e/, /o/ e /u/. Quanto à estrutura silábica, verificamos somente uma ocorrência da vocalização em sílaba formada por VC antes /d/: é o caso da palavra *ordem* > *oyde*.

r → y / ka, ko, ga, gu, lu, pe, re, su, ve # __ # _Co σ

carda > *cayda*; *corda* > *coyda*; *guarda-louças* > *garda-lôça* > *gayda-lôça*; *gordura* > *guydura*; *perdido* > *peydidu*; *recordação* > *recoydaçãu*; *surdo* > *suydu*; *verde* > *veydi*.

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/ e /o/; de /g/ seguido de /a/ e /u/; de /l/ seguido de /u/; de /p/ seguido de /e/; de /r/ seguido de /e/; de /s/ seguido de /u/; e de /v/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC no meio da palavra, em posição de coda.

r → y / o # __ # _Co σ

ordem > *oydi*

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem depois de /o/ no final de sílaba VC no meio da palavra, em posição de coda.

e) Linguodental sonoro nasal /n/

Quadro 29: Vocalização do [r] > [y] antes de /n/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
badeyna	[be'dɛ:yɲə]	baderna

cadeynu	[ke'dɛ:yɲu]	caderno
cayni	[ˈka:yɲi]	carne
cayneru	[keɪ'ɲe:ɾu]	carneiro
teynada	[teɪ'ɲa:də]	ternada
teynu	[te:yɲu]	terno

Antes do fonema /n/, a vocalização ocorre com os seguintes fonemas precedentes consonantais /d/, /k/ e /t/ e vocálicos /a/ e /e/.

r → y / ba, ka, te # __ # _Co σ

baderna > badeyna; carneiro > cayneru; ternada > teynada.

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /d/ seguido de /e/; de /k/ seguido de /a/; e de /t/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

f) Palatal sonoro fricativo /ʒ/

Quadro 30: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /ʒ/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
saygentu	[sɛy'ʒẽ:tʊ]	sargento

Antes de /ʒ/, há ocorrência do fenômeno de vocalização pós-vocálica, cujos fonemas precedentes são /s/ e /a/. Nesse ambiente, houve o registro somente de uma palavra.

r → y / sa # __ # _Co σ

sargento > saygentu

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /s/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC no meio da palavra, em posição de coda.

g) Velar sonoro oclusivo /g/

Quadro 31: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /g/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
caygueru	[keɪ'je:ɾu]	cargueiro

coygu	[ˈqɔ:yɡu]	córrego
laygadu	[ˈɫeyˈga:ɖu]	largado
laygô	[ˈɫeyˈgo:]	largou
piyguntação	[piyɡõtɛˈsã:w]	perguntação

Antes do fonema /g/, verificamos como precedentes os fonemas consonantais /k/, /l/ e /p/ e vocálicos /a/, /i/ e /o/.

r → y / ka, ko, la, pi # ___# _Co σ

cargueiro > caygueru; córrego > corgu > coygu; largado > laygadu; perguntação > piyguntação.

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/ e de /o/; de /l/ seguido de /a/; e de /p/ seguido de /i/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

4.2.1.3 Vocalização do [ɾ] > [w]

a) Bilabial sonoro nasal /m/

Quadro 32: Vocalização do [ɾ] > [w] antes de /m/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
mawmita	[mawˈmi:ɬə]	marmita

Nesse caso, a vocalização ocorre em sílabas do tipo CVC, tendo como fonemas precedentes, o fonema consonantal /m/ e o vocálico /a/.

r → w / ma # ___# _Co σ

marmita > mawmita

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [w] quando vem depois de /m/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

b) Lábio-dental sonoro /v/

Quadro 33: Vocalização do [r] > [w] antes de /v/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cawvãu	[kaw ^h vã:w]	carvão
cewvejinha	[sewve ^h ʒĩ:jnə]	cervejinha
sowveti	[sow ^h ve:ti]	sorvete

Há ocorrência do fenômeno de vocalização no padrão silábico CVC, cujo fonema posterior é o /v/. Nesse caso, temos os seguintes fonemas precedentes consonantais /k/ e /s/ e vocálicos /a/, /e/ e /o/.

r → w / ka, se, so # ___ # _Co σ

carvão > cayvãu; cervejinha > ceuvejinha; sorvete > sowveti

O fonema /r/ ~ [r] passa a [w] quando vem depois de /k/ seguido de /a/; e de /s/ seguido de /e/ e /o/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

b) Linguodental sonoro /d/

Quadro 34: Vocalização do [r] > [w] antes de /d/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
vewdi	[^h ve:wdi]	verde

Antes do fonema /d/, a vocalização do /r/ em [w], ocorre com os seguintes fonemas precedentes: o consonantal /v/ e o vocálico /e/.

r → w / ve # ___ # _Co σ

verde > vewdi

O fonema /r/ ~ [r] passa a [w] quando vem depois de /v/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC no meio da palavra, em posição de coda.

4.2.2 Vocalização antes dos fonemas surdos

4.2.2.1 Vocalização do /l/ > [y]

A partir dos dados coletados em Jaraguá não constatamos a ocorrência da vocalização antes dos seguintes fonemas surdos /ʃ/, /p/ e /t/. Desse modo, o processo de vocalização do fonema /l/ em [y] ocorre somente antes dos fonemas surdos posteriores /t/, /s/ e /k/, conforme os dados mostrados nos próximos quadros.

a) linguodental surdo /t/

Quadro 35: Vocalização do /l/ > [y] antes de /t/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
asfaytu	[es ^h fa:y ^h t ^h u]	asfalto
asfaytô	[esfay ^h t ^h o:]	asfaltou
ayta	[a:y ^h t ^h a]	alta
aytura	[ay ^h t ^h u:rə]	altura
cuytura	[q ^h uy ^h t ^h u:rə]	cultura
risuytadu	[ɾizoy ^h t ^h a:d ^h u]	resultado
revoytosu	[çevoy ^h t ^h o:z ^h u]	revoltoso
sipuytura	[sipuy ^h t ^h u:rə]	sepultura
voytei	[voy ^h t ^h e:i]	voltei

Antes de /t/, a vocalização ocorre quando os fonemas precedentes consonantais são /f/, /k/, /r/, /p/ e /v/ e vocálicos /a/, /u/ e /o/. Nesse ambiente, a ocorrência foi registrada nos padrões silábicos CVC e VC.

l → y / fa, ku, re, pu, vo # ___ # _Co σ

*asfalto > asfaytu; cultura > cuytura; resultado > risuytadu; sepultura > *sepuytura > sipuytura; voltei > voytei*

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /u/; de /r/ seguido de /e/; de /s/ seguido de /e/; e de /v/ seguido de /o/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

l → y / a # ___ # _Co σ

alta > ayta

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /a/, no final de sílaba VC, no meio da palavra, em posição de coda.

b) Alveolar surdo fricativo /s/

Quadro 36: Vocalização do /l/ > [y] antes de /s/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cayça	[^l ka:ysə]	calça
cayçada	[^l kay'sa:ðə]	calçada
cayçadu	[^l kay'sa:ðu]	calçado
cayçãu	[kay'sã:w]	calção

A vocalização do /l/ > [y] antes do fonema /s/ ocorre com os fonemas precedentes /k/ e /a/.

l → y / ka # __ # _Co σ

calçada > cayçada

O fonema /l/ passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

c) Velar oclusivo surdo /k/

Quadro 37: Vocalização do /l/ > [y] antes de /k/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
baycãu	[bey ^l kã:w]	balcão
cayqué	[key ^l cɛ:]	qualquer

Antes do fonema /k/, a vocalização do /l/ > [y] ocorre com os fonemas precedentes consonantais /b/ e /k/ e com o vocálico /a/. Nesse ambiente fonológico, há ocorrência da vocalização em sílabas formadas pelo padrão CVC.

l → y / ba, ka # __ # _Co σ

*balcão > baycãu; qualquer > *quayqué > cayqué*

O fonema /r/ passa a [y] quando vem depois de /b/ seguido de /a/; e de /k/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

4.2.2.2 Vocalização do [r] > [y]

a) Bilabial oclusivo surdo /p/

Quadro 38: Vocalização do [r] > [y] antes de /p/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
coypu	[ˈqo:ypu]	corpo
feypa	[ˈfe:ypə]	farpa
feypadu	[feyˈpa:ɔ]	farpado

A vocalização do /r/ ~ [r] > [y], antes do fonema surdo /p/, ocorre com fonemas precedentes consonantais /f/ e /k/ e vocálicos /a/, /e/ e /o/, no padrão silábico CVC.

r → y / ko, fa # ___ # _Co σ

corpo > coypu; farpa > ferpa > feypa

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /o/; e de /f/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

b) Labiodental surdo /f/

Quadro 39: Vocalização do [r] > [y] antes de /f/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
gayfu	[ˈga:yfu]	garfo
oyfu	[ˈo:yfu]	órfão

O processo de vocalização antes de /f/ tem como fonemas precedentes, o consonantal /g/ e os vocálicos /a/ e /o/. Nesse grupo de palavras, há ocorrência do fenômeno analisado nas estruturas silábicas CVC e VC, as quais se transformam, respectivamente, em CVv e Vv.

r → y / ga # ___ # _Co σ

garfo > gayfu

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /g/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

r → y / o # ___ # _Co σ

órfão > órfo > óyfu

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /o/ no final de sílaba VC, no meio da palavra, em posição de coda.

c) Linguodental surdo /t/

Quadro 40: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /t/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cayta	[ˈka:ỵtə]	carta
caytãuzim	[kɛỵtãwˈzi:]	cartãozinho
caytim	[kɛỵtʃi:]	quartinho
ceytim	[sɛỵtʃi:]	certinho
ceytu	[sɛ:ỵtʊ]	certo
cuytidu	[qɔỵtʃi:ɖu]	curtido
foyti	[ˈfo:ỵtʃi]	forte
impoytu	[ˈiːpɔ:ỵtʊ]	importo
moytu	[ˈmo:ỵtʊ]	morto
oytinha	[ɔỵtʃi:nə]	hortinha
payti	[ˈpa:ỵtʃi]	parte
payticipa	[pɛỵtʃiˈsi:pə]	participa
peytu	[ˈpɛ:ỵtʊ]	perto
poyta	[ˈpɔ:ỵtə]	porta
poytera	[pɔỵtʃe:rə]	porteira

puytugali	[poytʉ'ga:lɪ]	portugal
toytu	[tʉ:ysʉ]	torto

A vocalização ocorre antes do fonema /t/ com os seguintes fonemas precedentes consonantais: /k/, /s/, /f/, /m/, /p/ e /t/; e vocálicos: /a/, /e/ e /o/, em sílabas CVC e VC. No caso da palavra *portugal* o /o/ precedente se realiza como [ʉ].

r → y / ka, se, ku, fo, mo, pa, pe, po, to # ___ # _Co σ

quartinho > **quaytim* > *caytim*; *certinho* > *ceytim*; *curtido* > *cuytidu*; *forte* > *foyti*; *morto* > *moytu*; *parte* > *payti*; *perto* > *peytu*; *porteira* > *portera* > *poytera*; *torto* > *toytu*.

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /k/ seguido de /a/; de /s/ seguido de /e/; de /k/ seguido de /u/; de /f/ seguido de /o/; de /m/ seguido de /o/; de /p/ seguido de /a/, /e/ e /o/; e de /t/ seguido de /o/, no final da sílaba CVC, no meio de palavras, em posição de coda.

r → y / o # ___ # _Co σ

hortinha > *oytinha*

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /o/, no final de sílaba VC no meio da palavra, em posição de coda.

d) Alveolar surdo fricativo /s/

Quadro 41: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /s/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cunveysa	[qũ've:ysə]	conversa
cunveysaiada	[qũ'vey'say:əðə]	conversaiada
foyça	[f'o:ysə]	força
foyçadu	[foy'sa:ɖu]	forçado
teyçu	[t'e:ysʉ]	terço
toycê	[tɔy'se:]	torcer
veysu	[v'e:ysʉ]	verso

Antes do fonema surdo /s/, a vocalização ocorre com os fonemas precedentes consonantais /v/, /f/ e /t/ e vocálicos /o/ e /e/.

r → y / ko, fo, te, to, ve # ___# _Co σ

conversa > cunveysa; força > foyça; terço > teyçu; torcer > toycê; verso > veysu

O fonema /r/ ~ [ɾ] passa a [y] quando vem depois de /v/ seguido de /e/; de /f/ seguido de /o/; de /t/ seguido de /e/ e de /o/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

e) Velar oclusivo surdo /k/

Quadro 42: Vocalização do [ɾ] > [y] antes de /k/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
aycu	[a:yqʊ]	arco
baycu	[ˈba:yqʊ]	barco
ceyca	[ˈse:ykə]	cerca
ceycadim	[seykeˈdʒi:]	cercadinho
emboyca	[ˈɪˈbo:ykə]	emborca
foyca	[ˈfo:ykə]	forca
mayca	[ˈma:ykə]	marca
mayquim	[meyˈçi:]	marquinho
poycaiãu	[poykeˈyã:w]	porcalhão
poycaria	[poykeˈri:ə]	porcaria
poycu	[ˈpo:yqʊ]	porco
puyque	[puyˈce:]	porque

A vocalização do /r/ ~ [ɾ] > [y] antes /k/ se processa em palavras com os seguintes fonemas precedentes: os consonantais /b/, /s/, /f/, /m/ e /p/, e os vocálicos /a/, /e/ e /o/. A vocalização, nesse grupo de palavras, ocorre em sílabas CVC e VC.

r → y / ba, bo, se, fo, ma, po # ___# _Co σ

barco > baycu; emborca > imboyca; cerca > ceyca; força > foyça; marca > mayca; porcalhão > poycaiãu

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem depois de /b/ seguido de /a/ e de /o/; de /s/ seguido de /e/; de /f/ seguido de /o/; de /m/ seguido de /a/; e de /p/ seguido de /o/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

r → y / a, i # ___ # _Co σ

arco > ayçu;

O fonema /r/ ~ [r] passa a [y] quando vem antes de /a/, no final de sílaba VC, no meio da palavra, em posição de coda.

4.2.2.3 Vocalização do [r] > [w]

O processo de vocalização do /r/ ~ [r] > [w] diante dos fonemas surdos ocorre antes dos seguintes fonemas: /f/, /t/ e /k/, conforme os exemplos descritos a seguir.

a) Lábio-dental surdo /f/

Quadro 43: Vocalização do [r] > [w] antes de /f/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
gawfu	[^l ga:wfu]	garfo

O processo de vocalização do [r] > [w] antes de /f/ se processa em palavras com os seguintes fonemas precedentes: o consonantal /g/ e o vocálico /a/.

r → w / ga # ___ # _Co σ

garfo > gawfu

O fonema /r/ ~ [r] passa a [w] quando vem depois de /g/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

b) Linguodental surdo /t/

Quadro 44: Vocalização do [r] > [w] antes de /t/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cewtim	[sɛw ^h tʃi:]	certinho
cewtu	[sɛ:w ^h tʊ];	certo

A vocalização do /r/ ~ [r] > [w] antes de /t/ ocorre com os seguintes fonemas precedentes: o consonantal /s/ e o vocálico /e/ .

r → w / se # ___ # _Co σ

certo > cewtu

O fonema /r/ ~ [r] passa a [w] quando vem depois de /s/ seguido de /a/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

c) Velar oclusivo surdo /k/

Quadro 45: Vocalização do [r] > [w] antes de /k/		
Representação fonográfica	Representação fonética	Representação ortográfica
cewca	[sɛ:wkə]	cerca
cewcadim	[sɛwke ^h dʃi:]	cercadinho

A vocalização do /r/ ~ [r] > [w] antes /k/ se processa em palavras com os seguintes fonemas precedentes, o consonantal /k/ e o vocálico /e/, em sílaba formada pelo padrão CVC, que se transforma em CVv.

r → w / se # ___ # _Co σ

cercadinho > cewcadim

O fonema /r/ ~ [r] passa a [w] quando vem depois de /s/ seguido de /e/, no final da sílaba CVC, no meio da palavra, em posição de coda.

4.3 Reflexões sobre a vocalização pós-vocálica: ambientes fonológicos precedentes e posteriores

Com base nos dados descritos nas seções (4.2.1 e 4.2.2), podemos verificar que a vocalização pós-vocálica do /r/, cuja variante analisada é [ɾ], em [y] é uma ocorrência não-condicionada, isto é, ocorre nos vários ambientes fonológicos descritos, sendo que não há restrição quanto à sonoridade e à não-sonoridade dos fonemas consonantais precedentes e posteriores. A vocalização, portanto, se processa em ambientes com a presença de fonemas surdos e sonoros nas duas posições analisadas.

O fonema consonantal precedente, ou seja, em posição de ataque, provavelmente não interfere na mudança de /r/ ~ [ɾ] e /l/ para [y], pois além de ocorrer em vários ambientes, a vocalização incide também em sílabas formadas por VC, isto é, com a posição de ataque vazia, sem a presença de qualquer fonema, como, por exemplo, nas palavras *árvore* > *ayvi*; *ordem* > *oydi*; *arco* > *aycu*.

Quanto ao fonema vocálico precedente, embora haja ocorrência da vocalização com todos os fonemas vocálicos orais, incluindo os tônicos e os átonos, consideramos que o fonema central baixo /a/ favorece o processo de vocalização, pelo fato de que a maioria das ocorrências se processam nos ambientes em que esse fonema vocálico se encontra nessa posição, conforme foi possível verificarmos através dos dados.

Desse modo, acreditamos que o /a/ precedente favorece a vocalização dos fonemas /l/ e /r/ em [y], em sílabas CVC e VC. Por outro lado, a vocalização do /r/ em [w] possui maior ocorrência em ambientes em que o fonema vocálico precedente é o frontal médio de segundo grau /e/, apenas em sílaba CVC.

Vimos que, em relação ao ambiente fonológico precedente, não há interferência do fonema consonantal, enquanto que os fonemas vocálicos favorecem ou restringem o processo da vocalização. Asseveramos, portanto, que a vocalização de /l/ e /r/ em [y] é favorecida pelo /a/ e a vocalização de /r/ em [w] é favorecida por /e/, conforme pode ser verificado nos dados.

A respeito do fonema consonantal posterior observamos que também não há restrição quanto à vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos em [y], pois esses fonemas sofrem vocalização em todos os contextos fonológicos que

apareceram no *corpus*. Além disso, é previsível que esse processo ocorra em todas as palavras que aparecerem no contexto comunicativo desse grupo de falantes. Por outro lado, há restrição quanto à vocalização desses fonemas em [w]. Ou melhor, o /l/ não se realiza como [w]; somente o /r/ se vocaliza em [w] em algumas palavras. Os dados mostram que, nessa comunidade de fala, há certa restrição quanto à realização dessa semivogal quando ela é o resultado do processo de vocalização e, em tempo simultâneo, mostram também a preferência dos falantes pela semivogal [y].

Nessa perspectiva, a partir dos dados linguísticos analisados, verificamos que não há restrição quanto aos ambientes fonológicos, consonantal precedente e posterior, pois a vocalização do /l/ e do [ɾ] em [y], em posição de coda, é corrente em todas as palavras que pertencem ao inventário lexical dessa comunidade de fala, nas palavras que estão registradas no *corpus* e em outras que não apareceram, mas que provavelmente sofrem o mesmo processo.

Por outro lado, a vocalização em [w] é bastante restrita pelos seguintes motivos. Primeiramente, porque o /l/ pós-vocálico não se vocaliza em [w] como é previsível nas várias regiões do Brasil. Nos casos que analisamos, verificamos que nas palavras grafadas com /l/, constata-se a rotatividade desse /l/ por /r/, na variante [ɾ], que posteriormente se vocaliza em [y]. Os casos de vocalização em [w] não é resultado desse processo, mas de palavras que já possuem /r/ em sua forma estrutural, como por exemplo: *garfo* > *gawfu*; *marmita* > *mawmita*; *cerca* > *cewca*.

Por outro lado, em todas as palavras que ocorre a vocalização em [w], pode ser verificada a vocalização em [y]. Entretanto, nas palavras que ocorre a vocalização em [y], na maioria, não ocorre a vocalização em [w]. No padrão silábico CV não ocorre vocalização em [w]. Essa semivogal se realiza apenas em sílaba completa CVC, composta por ataque, núcleo e coda, sendo que a vocalização se processa no elemento coda.

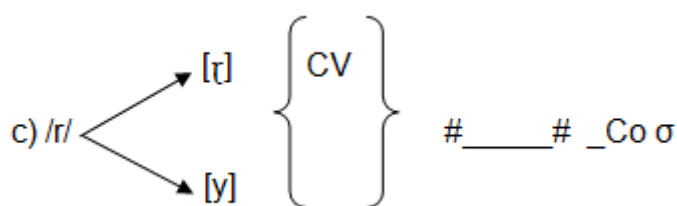
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na ciência da fala humana, como nas demais ciências, não há ponto de chegada. O que há é um caminho inesgotável ainda a descobrir, a percorrer, a investigar, considerando que a linguagem humana se configura como infinita, isto é, repleta de possibilidades, representando, sobretudo, a cultura e a identidade de seus falantes. Essas possibilidades e infinitudes nos envolvem, encantam e fascinam, levando-nos a aventurar pelos túneis linguísticos em busca do passado na tentativa de compreender o presente.

Neste trabalho, apresentamos discussões e análises referentes ao processo de vocalização pós-vocálica do fonema /l/, que se vocaliza em [y], e do fonema /r/ ~ [ɾ], que se vocaliza em [y] e [w], no interior de palavras, na comunidade de fala de Jaraguá, Goiás, Brasil. A vocalização do fonema /l/ pós-vocálico em [w], no interior e no final de palavras, é muito recorrente na fala brasileira, sendo atestada pelos estudiosos como um processo quase categórico do Português Vernacular do Brasil. (SÊCCO, 1977; LOPEZ, 1979; CAGLIARI, 1981; QUEDNAU, 1993). Por outro lado, a vocalização do /l/ em [y], em posição de coda, não constitui uma ocorrência muito comum. O caso da vocalização do /r/ em [y] e [w] também constitui uma peculiaridade para o estudo do Português falado no Brasil. Com base nessas observações, focalizamos nossa análise na vocalização dos fonemas /l/ e /r/ pós-vocálicos, no interior de palavras. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta inovações e contribuições significativas para o estudo do Português Vernacular do Brasil.

Nos dados analisados não houve ocorrência da vocalização do /l/ pós-vocálico em [w], no interior de palavras, como é previsível na Língua Portuguesa do Brasil. Contudo, esse /l/ sofre rotacismo, realiza-se como /r/ na variante retroflexa e se vocaliza em [y] no interior de palavras. A partir dessa ocorrência, postulamos, pois, a seguinte regra: /l/ → /r/ → [y] # ___# _Co σ, a qual é lida da seguinte forma: o fonema /l/ passa a /r/; o /r/ se vocaliza em [y], no meio de palavras, em posição de coda, exemplo, *algodão* > *awgodão* > *argudão* > *aygudão*.

O /r/ pós-vocálico se realiza na variante [ɾ] e se vocaliza em [y] e [w] no interior de palavras, assim de acordo com a regra temos o seguinte: /r/ → [y] ~ [w] # ___# _Co σ, essa regra é lida da seguinte forma: o /r/ se vocaliza em [y] e [w], no meio de palavras, em posição de coda, exemplo, *verde* ~ *veɾdi* > *veydi* ~ *vewdi*.



Exemplo 4: sílaba VC: *arco* > *aɾcu* ~ *aycu* ~ **awcu*

Os dados analisados neste estudo mostram que o fonema /r/, em posição de coda, pode apresentar três realizações ([r], [y] e [w]), no interior de palavras, no padrão silábico CVC, e duas no padrão silábico VC ([r] e [y]).

Nas investigações históricas acerca da passagem do Latim ao Português, encontramos ocorrências de vocalização pós-vocálica do /r/ em [y] e [w], e de outros fonemas, mas não encontramos vestígios latinos de que o /r/ tenha se vocalizado em [y] e [w] em períodos históricos.

Com base em Coutinho (1975), a vocalização pós-vocálica, primeiramente, ocorreu em grupos consonantais impróprios da Língua Latina, por exemplo, *kt* (*nocte* > *noite*), *dr* (*cathedra* > *cadeira*), *lt* (*multu* > *muito*), *gn* (*regnu* > *reino*), *ls* (*calce* > *couce* > *coice*). No Português Brasileiro, conforme os dados linguísticos coletados em Jaraguá, esse tipo de vocalização continua ocorrendo em grupos consonantais impróprios (grupos que não formam sílabas), por exemplo, *lg* (*algodão* > *aygodão*), *lm* (*alma* > *ayma*), *rb* (*borboleta* > *baybuleta*), *rd* (*guardalouças* > *guayda-lôça*) dentre outros.

Outro fator histórico encontrado nos dados linguísticos consiste na posição da palavra em que ocorre a vocalização, sendo que a mesma ocorre somente no interior das palavras, em sílabas iniciais e mediais. No final de palavras, isto é, em sílabas finais predomina o processo de ressilabação em palavras que contém somente uma sílaba e os processos de ressilabação e de apagamento em palavras com duas ou mais sílabas.

Consideramos que a vocalização pós-vocálica, focalizada neste estudo, constitui uma herança do Latim, mas que, possivelmente, haja interferências de traços linguísticos dos povos indígenas e africanos, dado que no Português Europeu não há indícios desse tipo de ocorrência. Mas, por ora, não é oportuno afirmar categoricamente essa questão. Faz-se necessário que estudos

investigatórios mais aprofundados a respeito desse fenômeno sejam efetivados, inclusive no Português Europeu .

Embora, Melo (1981) aponte que o [ɾ] sofre o processo de vocalização em [y] devido a sua natureza articulatória, no sul de Minas, no norte de São Paulo e no Estado de Goiás, entendemos que essa afirmação precisa ser revista, pois as pesquisas sobre esse fenômeno no Brasil são raras, particularmente nas regiões citadas por Melo. Além disso, dentre as mudanças de sons apresentadas por Crowley (1990), encontra-se a mudança envolvendo o /r/ no Inglês de Nova Zelândia. Nesse processo de mudança fonética, o /r/ passa a /ɹ/ ~ [ɹ̥] central.

Por conseguinte, em uma visão mais ampliada, postulamos que é o fonema /r/ que se vocaliza, e não somente seu alofone retroflexo, em decorrência de seus traços distintivos (+consonantal, +soante e +aproximante) que o aproxima do /i/ ~ [y] (-consonantal, +soante e +aproximante). Esses fatores favorecem essa ocorrência devido à semelhança entre esses dois fonemas, os quais juntamente com /l/ e [w] formam uma classe natural dotada de vários traços em comuns, tais como: consonantal, soante e aproximante. Desses quatro fonemas, os falantes da comunidade de fala pesquisada priorizam a realização do [y].

Prova disso é que, posteriormente a essa constatação, realizamos testes com alguns colaboradores deste trabalho, objetivando verificar em quais ambientes ocorria a vocalização em [w] além dos dados que havíamos registrado. Essa técnica comprovou o que os dados já mostravam. Nessa perspectiva, dos dados que constam deste *corpus* linguístico que não apresentavam a vocalização do /r/ em [w], constatamos somente mais uma ocorrência, como é o caso de *farpa* > *feypa* ~ *fewpa*, após a realização do teste.

A vocalização do /l/ e do /r/ em [y] é recorrente em todas as palavras que se realizam no processo comunicativo do grupo de falantes pesquisado, ao passo que a vocalização do /l/ apresenta restrição, como já afirmamos, esse fonema não se realiza como [w] em nenhum ambiente. As ocorrências em [w] são resultados da vocalização do /r/. Esse fato revela que, nessa comunidade de fala, não ocorre o fonema /l/ em posição de coda, no interior de palavras, pois vimos que nessa posição ele se realiza como /r/, na variante retroflexa, ou em /i/ ~ [y]. Essa última é a forma mais usual do grupo pesquisado.

O processo de vocalização pós-vocálica está relacionado, provavelmente, aos traços semelhantes entre o /r/ e a semivogal [y], sendo que a substituição do /r/ ~ [ɾ] em [y] é corrente na fala da comunidade pesquisada. Tendo em vista a semelhança entre /r/ e [y], há palavras em que ocorre o processo oposto à vocalização, a consonantização. Registramos dois exemplos de palavras em que o /i/ se realiza como /r/, na variável retroflexa [ɾ], *noivo* > *norvo* e *raiva* > *rarva*.

Não afirmamos, no entanto, que o processo da vocalização do /r/ pós-vocálico em [y] no interior de palavras ocorre predominantemente na variável retroflexa, e também não afirmamos que essa é uma ocorrência característica da fala interiorana de Goiás, devido à raridade de pesquisas acerca desse fenômeno linguístico no Brasil. Através de observações empíricas, verificamos que nas cidades circunvizinhas a Jaraguá também ocorre a vocalização que está sendo discutida neste estudo, que se apresenta como uma característica da fala de pessoas mais idosas.

Partindo do ponto de que Goiás foi colonizado pelos bandeirantes paulistas, em uma época em que o Português Brasileiro adquiria características próprias, diferenciando-se do Português Europeu e que, posteriormente, a partir das primeiras décadas do século XX, vieram para Goiás vários imigrantes de origem mineira e paulista, acreditamos que tanto os bandeirantes quanto os imigrantes contribuíram para a propagação e a manutenção da variável retroflexa do /r/ na fala do interior goiano.

A respeito disso, Brandão (2007), fundamentada nos estudos filológicos acerca do [ɾ], aponta que, provavelmente, o Estado de São Paulo foi o ponto de irradiação dessa variável do /r/, por intermédio da colonização e do povoamento bandeirante nos estados de Minas Gerais e Goiás.

Com base nos resultados desta pesquisa, acreditamos que a vocalização pós-vocálica do /r/ em [y] encontra-se em vias de desaparecimento. Durante as entrevistas, verificamos que as crianças que convivem com os avós, bisavós ou tataravós também vocalizam o /r/ em [y], mas pudemos verificar, ao mesmo tempo, que membros da família as corrigem imediatamente. O padrão mais usual é o /r/ retroflexo que também se encontra em processo de substituição. No geral, em Goiás, os falantes mais jovens dessa variável estão substituindo-a por outras variáveis do /r/ que não sofrem estigma. Observações empíricas mostram que

existe uma tendência bastante significativa pela preferência à variante do /r/ falada no Rio de Janeiro.

No Brasil, o [r] ainda é muito estigmatizado, por ser caracterizado como traço da fala das pessoas do campo, das pessoas interioranas, geralmente vistas como inferiores. Por isso, os falantes tendem a eliminá-lo de seu processo comunicativo à medida que vão tendo acesso a outras variáveis que lhes possibilitem prestígio, embora essa seja uma variável regional. Brandão (2007) assinala, que apesar do baixo prestígio social e do caráter conservador, pesquisas atuais mostram que o /r/ retroflexo é encontrado no Português Vernacular em vários estados brasileiros, inclusive em regiões metropolitanas.

Em análise do *corpus* da comunidade de fala pesquisada, a hipótese da tonicidade foi a primeira a ser descartada. O fator tonicidade não interfere no processo de vocalização, pois esse processo ocorre livremente em sílabas tônicas e átonas, o que deixa bastante evidente a não-interferência. Convém apontar que em relação à posição da sílaba átona, ocorre vocalização em pré-tônicas imediatas e mediatas; e em átonas finais não foi constatado o processo da vocalização.

Em relação ao ambiente fonológico, constatamos que não há interferência dos fonemas consonantais surdos ou sonoros, precedentes ou posteriores. Por seu turno, o fonema vocálico /a/ favorece o processo de vocalização em [y] e o fonema vocálico /e/ favorece a vocalização em [w]. No entanto, a vocalização em [w] demonstra menor recorrência, apresentando características consideradas esporádicas nessa comunidade de fala.

A partir da proposta, de cunho etnográfico, percebemos que as festas religiosas de forte tradição cultural em Jaraguá, como é caso das Folias de Reis, colaboram para reforçar a identidade sociocultural dos membros dos grupos de folias que participaram ou não desta pesquisa.

A religiosidade funciona como motivação da identidade dos grupos de foliões e devotos e possui um nível maior de fortalecimento de suas origens socioculturais e linguísticas, o que pode ser constatado pela forma como agem nos rituais de fé ou rituais sagrados e como falam e celebram cada momento desse ritual; adotam, principalmente, como estratégias o terço e os cânticos sagrados de tradição oral que celebram o nascimento de Jesus Cristo.

Esta pesquisa mostrou-se bastante produtiva também em verificar que as estratégias de manutenção da cultura e da fala são preservadas através da herança oral. Nos rituais sagrados, muitas vezes, os cânticos de petições e agradecimentos são improvisados. Em decorrência disso, muitos itens lexicais ligados a aspectos culturais e rituais religiosos vão desaparecendo à medida em que essas práticas são sendo substituídas. Prova disso, é o caso das danças do *tapuia* e do *lundum* que não são mais praticadas no período da Folia de Reis.

Além disso, a posição que intervém no comportamento dos grupos legitima a posição dos foliões. É necessário ter comportamento adequado, sobretudo moral, tendo em vista que eles representam os devotos, fazendo intermediação entre o plano humano e divino (sagrado); o sagrado constitui, destarte, o cerne da motivação dessas festividades.

Por fim, acreditamos que é importante fazer dessas considerações um ponto de partida, pois na ciência da fala humana, como nas demais ciências, não há ponto de chegada. O que há é um caminho inesgotável ainda a descobrir, a percorrer, a investigar, considerando que a linguagem humana se configura como infinita, isto é, repleta de possibilidades, representando, sobretudo, a cultura e a identidade de seus falantes. São essas possibilidades e infinidades que nos envolvem, encantam e fascinam, levando-nos a aventurar, segundo a metáfora de Tarallo (1990), pelos túneis linguísticos em busca do passado na tentativa de compreender o momento presente, no caso, da Língua Portuguesa do Brasil, especificamente, do Português falado no Estado de Goiás.

REFERÊNCIAS

ABREU, P. S. R. de. **Diversidade linguística brasileira, as línguas Páno e suas características ergativas**. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2008. Dissertação de Mestrado.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3 ed. São Paulo: HCITEC, 1976.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do Português**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J (Ed.) **The handbook of phonological theory**. London: Blackwell, 1995. p. 207-243.

BRANDÃO, E. A. R.; FERREIRA, E. **Fotografias Sociolinguísticas: vida e realidade em Itaguaru-Goiás**. Itapuranga/Goiás. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso.

BRANDÃO, S. F. **Nas trilhas do –r retroflexo**. Londrina/PR: Revista Signum (Estudos Linguísticos), 2007. nº 10/2, p. 265-283

BONVINI, E. Línguas africanas e Português falado no Brasil. IN: FIORIN, J.; PETTER, M. (orgs). **África no Brasil – a formação da Língua Portuguesa**. São Paulo: contexto, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nóis chegemu na escola, e agora?** São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. **Quantidade e duração silábicas em Português**. D.E.L.T.A, V. 14. 1998.

CAGLIARI, L. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. Tese (Livre Docência). UNICAMP, 1981,

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

CALLOU, D. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no Português do Brasil. In: KOCK, I. **Gramática do Português falado**. Campinas/SP: UNICAMP, 1996, v. VI, p.465-493.

CAMARA JR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, [1953] 2008.

_____. **A estrutura da Língua Portuguesa**. 41 ed. São Paulo: Vozes, [1970] 2008.

CAMPBELL, L. **Historical linguistics**. Cambridge: MIT Press, 2004.

CANESIN, M. T.; SILVA, T. C. da. **A folia de Reis de Jaraguá**. Vol. 01. Goiânia/GO: UNIGRAF/ICHL, 1983. (CECUP – coleção Religiosidade Popular).

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Linguagem & Linguística)

CASTRO, J. F. S. **A sociedade colonial jaraguense**. Goiânia/GO: Universidade Católica de Goiás, 1998. Trabalho de conclusão de Curso.

CASTRO, M. C. D. de. **Descrição histórica das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA**. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2008. Dissertação de Mestrado.

COSTA, S. A. R. da. **A nasalidade em Corumbá de Goiás**. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2005. Dissertação de Mestrado.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1975.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CROWLEY, T. **An introduction to Historical Linguistics**. 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 1992.

DIAS, A. L. C. **Processo de palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava – TO**. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2009. Dissertação de Mestrado

DUARTE, L. E. M. **O poder e a estrutura agrária nos municípios de Ceres e Jaraguá: uma análise comparativa**. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 1999. Tese de Doutorado.

ELIA, S. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

FARACO, C. A. **Linguística histórica – uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, E; AGUIAR, M. S. de. Fonemas vocálicos e a tonicidade em Português: aspectos históricos. IN: Anais do IX Simpósio de Letras Língua(gem) e literatura infanto-juvenil: **Faces e interfaces da literatura infanto-juvenil**. Catalão/GO, 17 a 19 de setembro de 2008. Disponível em mídia digital. ISSN 2175-4675.

_____. O inventário lexical da comunidade idosa de Jaraguá. IN: Anais do XIX Seminário do CELLIP: **Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina**. Cascavel/PR, 21 a 23 de outubro de 2009. Disponível em mídia digital. ISSN 21752540.

FIORIN, J.; PETTER, M. (orgs). **África no Brasil – a formação da Língua Portuguesa**. São Paulo: contexto, 2008.

FONSECA, C. E. **Coronelismo: memória, identidade, imaginário – Jaraguá 1920-1940**. Brasília/DF. Universidade Nacional de Brasília, 2002. Dissertação de Mestrado.

FONSECA, L. **Jaraguá: tradição e modernidade**. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás, 1999. Dissertação de Mestrado.

FREITAS, L. G. **Conexão Jaraguá-Danbury – língua e identidade de imigrantes brasileiros nos EUA**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2003. Dissertação de Mestrado.

GAYA, S. G. **Elementos de fonética general**. Madrid: Gredos, 1996.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Histórico de Jaraguá**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.Com.br/html> > acesso em: 04 de setembro de 2009.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1997.

ILARI, R.; BASSO, R. **O Português da gente a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: contexto, 2006.

JAKOBSON, R. **Fonema e Fonologia**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

JOHNSTONE, B. **Qualitative methods in sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LIONS, J. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Nacional Editora/USP, 1997.

LOPEZ, B. **The sound pattern of brasilian portuguese (cariocan dialect)**. Tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA, 1979.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. [Tradução de Jorge de Moraes Barbosa] Lisboa: Sá costa, 1964.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português são dois... Novas fronteiras, velhos problemas**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASIP, V. **Fonética Espanhola para brasileiros**. Recife: Sociedade Cultural, 1998.

MAURER JR, T. (1951) **A Unidade da România Ocidental**. Boletim 126, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Filologia Românica, n. 2. 1951.

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. 6 ed. rev. e melhorada. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1981.

MEY, J. L. Etnia, Identidade e Língua. p. 69-88. IN: SIGNORINI, I. (org). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo/SP: Mercado das Letras, 1998. p.81

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, M. B. de. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo da fala de Itaituba**. Dissertação de mestrado, UFPA. Belém/PA, 2001.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Fundamentos da linguística histórica**. 2009. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/html>> acesso em: 18 de dezembro de 2009.

_____. Linguagem e tempo. In J. Horta Nunes; C. Pfeiffer (orgs.). **Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2005.

PALACIN, L.; MORAES, M. A. de S. **História de Goiás**. 6 ed. Goiânia/GO: UCG, 1994.

PALACIN, L. **O século do ouro em Goiás**. Goiânia/GO: UCG, 1992.

PEDROSO, D. M. R. Memória emprestada – o fundador de Pirenópolis é o mesmo de Jaraguá. IN: SOARES, J. L. das G. *et all*. **Parceiros da História – Jaraguá**. Goiânia/Goiás: Kelps, 2008.

_____. **Resgatando a memória de Jaraguá**. 1997. Texto de uma exposição de fotografias realizada no Museu de Arte Sacra Nossa Senhora da Conceição em Jaraguá, Goiás.

PIKE, K. **Scholar and Christian**. Dallas: SIL, 1981.

QUEDNAU, L. **A lateral pós-vocálica no Português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1993.

QUILIS, A.; FERNÁNDEZ, J. A. **Curso de fonética y fonología españolas**. Madrid: CSIC, 1975.

ROMACHELLI, M. H. de A. A origem de Jaraguá. IN: SOARES, J. L. das G. *et all*. **Parceiros da História – Jaraguá**. Goiânia/Goiás: Kelps, 2008.

SANTOS, M. L. **Se não me falha a memória... representações da experiência escolar em Jaraguá (1927/1999)**. Brasília/DF: Universidade Nacional de Brasília, 2002. Dissertação de Mestrado.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 8 ed. São Paulo: Cutrix, [1913] 1977. (Tradução: Antonio Chelini et all).

SCHANE, S. **A fonologia gerativista**. [Tradução: Alzira Soares da Silva, Helena Maria Camacho e Junéia Mallas]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. Título original: *Generative Phonology*.

SÊCCO, G. **/l/ implosivo na linguagem pontagrossense**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1977.

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa. Retos e Interrogantes: II. Técnicas y análisis de datos**. Madrid: La Muralla, 1994. p. 101-129.

SILVA, A. J. da. **Filologia românica**. Rio de Janeiro: Suam, 1973.

SILVA, D. E. G. da. **Percursos filológicos – nas trilhas das línguas românicas**. 1 ed. Goiânia/GO: Cãnone, 2008.

SILVA NETO, S. da. **História da Língua Portuguesa**. 6 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do Português**. São Paulo: contexto, 1999.

SOUZA, C. de; RICARDO, S. **O estado de Goiás**. São Paulo: HARBRA, 2005. (Coleção Estados Brasileiros).

SOUZA, R. M. de. Intuições “linguísticas” sobre a língua de sinais nos séculos XVII e XIX, a partir da compreensão de dois escritores surdos da época. IN: **D.E.L.T.A.** p. 339-344. Acessado em 19/03/2011.

SPOLSKY, B. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

TARALLO, F. **Tempos linguísticos: itinerário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. **Manuel de langue portugaise**. Paris: Klincksiek, 1976.

VIEIRA, M. de N. **Aspectos do falar paraense**. Belém: Universidade Federal do Pará. Pró-reitoria de pesquisa e Pós-graduação, 1983. Dissertação de Mestrado.

WALTER, B. M. T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado: síntese terminológica e relações florísticas**. Brasília/DF: Universidade Nacional de Brasília, 2006. Tese de Doutorado.

WARDHAUGH, R. Ethnographies. IN: **An introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2006.